

THE GLOBE

Globen • Le Globe
Der Globus • El Globo
O Globo • विश्व

VOTE! RÖSTA!
¡VOTA! WÄHLT!
வாக்களிப்பீர் رای دھید
ဆန္ဒပဲထည့်ခြင်း!
တီထာနုတ်တီဖး!
வகைவனம்! !: ووٹ
!: صوت! ووٹ!
HÃY BẦU! मत



WORLD'S CHILDREN'S
PRIZE FOR THE RIGHTS
OF THE CHILD

PRIX DES ENFANTS
DU MONDE POUR
LES DROITS DE
L'ENFANT

PREMIO DE LOS
NIÑOS DEL MUNDO
POR LOS DERECHOS
DEL NIÑO

PRÊMIO DAS CRIANÇAS
DO MUNDO PELOS
DIREITOS DA CRIANÇA

DER PREIS DER
KINDER DER WELT
FÜR DIE RECHTE
DES KINDES

बाल अधिकारों हेतु
विश्व बाल पुरस्कार

Olá!

A revista O Globo é para você e todos os outros jovens que participam do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Aqui você vai conhecer amigos de todo o mundo, aprender sobre seus direitos e receber dicas de como o mundo pode ser um pouco melhor!

World's Child for the Rights of the

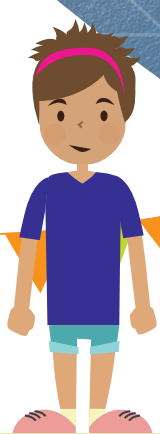
Rosi Gollmann



Manuel Rodrigues



Molly Melching



A menina na capa da revista O Globo participa do programa do Prêmio das Crianças do Mundo em Gana.

Diretor de redação e editor responsável: Magnus Bergmar **Colaboradores no nº 62-63:** Carmilla Floyd, Andreas Lönn, Johanna Hallin, Evelina Fredriksson, Kim Naylor, Johan Bjerke, Sofia Marcetic, Jan-Åke Winqvist, Petter Bergmar, Hanna Persson, Kimlong Meng **Tradução:** Semantix (inglês, espanhol), Cinzia Gueniat (francês), Glenda Kölbrant (português), Preeti Shankar (hindu) **Editoração:** Fidelity **Foto da capa:** Hanna Persson **Impressão:** PunaMusta Oy

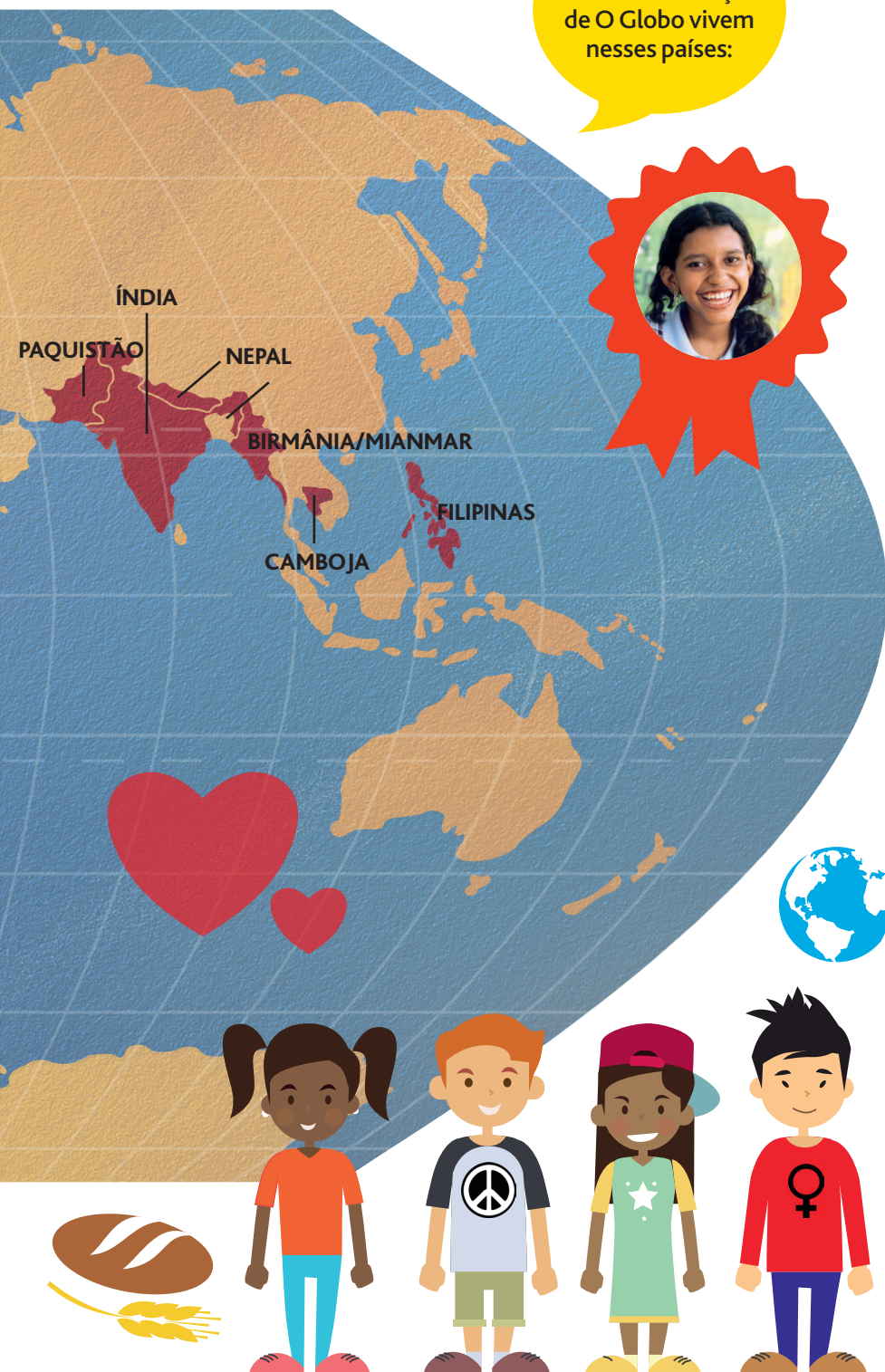
A revista O Globo, através do Forum Syd, na Suécia, é parcialmente financiada pela Sida, Conselho de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional. A Sida não compartilha necessariamente das opiniões aqui expressas. A responsabilidade é unicamente dos autores individuais.

Children's Prize

Child

PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO MUNDO
pelos Direitos da Criança

As pessoas que estão nesta edição de O Globo vivem nesses países:



O que é o Prêmio das Crianças do Mundo? 4

Conheça as crianças do júri! 6

A história de Kewal 10

O que são os direitos da criança? 14

Como estão as crianças no mundo? 16

O caminho para a democracia 18

Votação Mundial ao redor do planeta 21

Junte-se a nós no Nepal e em outros países onde as crianças votam por seus direitos!

Heróis dos Direitos da Criança deste ano

Rosi Gollmann 50

Manuel Rodrigues 71

Molly Melching 92

Faça ouvir sua voz! 113

Nós apoiamos o Prêmio das Crianças do Mundo 114

O grande final 115

Metas globais por um mundo melhor 116

World's Children's Prize Foundation
Box 150, 647 24 Mariefred – Suécia
Tel. +44 159-12900
info@worldschildrensprize.org
www.worldschildrensprize.org
facebook.com/worldschildrensprizefoundation
twitter.com/worldschildrensprize



ISSN 1102-8343



O que é o Prêmio das Crianças

O programa do Prêmio das Crianças do Mundo (World's Children's Prize/WCP) é o maior projeto educacional anual do mundo sobre o valor igual de todos, os direitos da criança e a democracia. Todos os anos, três heróis dos direitos da criança são nomeados ao WCP, o único prêmio dos direitos da criança, distribuído pelas próprias crianças! Os candidatos e as crianças por quem eles lutam são apresentados a você e a milhões de outras crianças. O programa do WCP termina com o voto em seu herói dos direitos da criança, na Votação Mundial. O maior número de votantes em um ano foi de 7,1 milhões de crianças!

O programa do Prêmio das Crianças do Mundo 2016 ocorre entre abril de 2016 e abril de 2017.



Abertura do Prêmio das Crianças do Mundo

Você decide quando começar o programa do WCP. Muitas escolas organizam uma cerimônia de abertura festiva.



A grande revelação!

No mesmo dia em todo o mundo, as crianças revelam qual dos três candidatos foi escolhido, pelo voto de milhões de crianças, para receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança, e quais dois candidatos receberão o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo. Reúnam toda a escola ou convidem a mídia para uma Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa, e divulguem o resultado da votação. Aproveitem para discutir que progressos gostariam de ver no respeito aos direitos da criança. (Página 113)



Sigam-nos nas mídias sociais!

[youtube.com/worldschildrensprize](https://www.youtube.com/worldschildrensprize)
facebook.com/worldschildrensprize
twitter: @wcpfoundation
Instagram: @worldschildrensprize
www.worldschildrensprize.org

YouTube



nças do Mundo?

Direitos e democracia em sua vida

Descubram se a Convenção sobre os Direitos da Criança é respeitada onde vocês vivem, na família, na escola e em seu país. Estudem a história da democracia. Discutam como as coisas poderiam melhorar para as crianças em seu país. Por exemplo, vocês conseguem ser ouvidos em questões que afetam você e seus amigos? Vocês também podem fundar um clube dos direitos da criança na sua escola.

(Páginas 14–15, 18–20)

Direitos e democracia no mundo

Os direitos da criança aplicam-se a todas as crianças, por toda a parte. Aprenda mais lendo sobre as crianças do júri, os heróis dos direitos da criança e as crianças pelas quais eles lutam, e os embaixadores dos direitos da criança. Descubra também como as crianças do mundo realmente estão hoje.

(Páginas 16–17, 38–39, 42–49)

Até o momento, 38 milhões de crianças em todo o mundo aprenderam sobre direitos da criança e democracia através do programa do WCP. Mais de 67.000 escolas, em 113 países, registraram-se como escolas Amigas Mundiais e apoiam o Prêmio das Crianças do Mundo.

Votação mundial

Marquem a data da sua votação e organizem todos os detalhes para a realização de uma eleição democrática. Escolham mesários, apuradores de votos e fiscais eleitorais e confeccionem urnas eleitorais, cédulas eleitorais e cabines de votação. Convidem a mídia, pais e políticos para vivenciar seu Dia da Votação Mundial. Lembrem-se de informar o resultado da votação de sua escola através da urna disponível em worldschildrensprize.org.

(Páginas 21–49)

Conheça os heróis dos direitos da criança

Aprenda sobre os heróis dos direitos da criança e as crianças por quem eles lutam através de suas histórias de vida.

(Páginas 50–112)

O grande final!

A grande cerimônia do Prêmio das Crianças do Mundo é conduzida pelas crianças do júri no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia. Todos os três heróis dos direitos da criança são homenageados e recebem recursos em dinheiro para seu trabalho em prol das crianças (um total de \$ 100.000). A Rainha Silvia da Suécia ajuda as crianças do júri a entregar os prêmios. Muitas escolas depois organizam uma festa de encerramento, onde mostram o filme da cerimônia e celebram os direitos da criança.

(Páginas 114–115)

Limite de idade para o Prêmio das Crianças do Mundo

O Prêmio das Crianças do Mundo é para crianças no ano em que completam dez anos até o ano em que completam 18 (a Convenção dos Direitos da Criança da ONU, que diz que você é criança até completar 18 anos). Há vários motivos que justificam a idade mínima para participação no programa. Para votar na Votação Mundial, é necessário aprender tudo sobre o trabalho dos candidatos ao prêmio. As crianças pelas quais eles lutam geralmente foram submetidas a terríveis violações de seus direitos, e suas histórias de vida podem ser assustadoras para crianças pequenas. Essa leitura pode ser difícil mesmo para crianças mais velhas. Portanto, é importante que você possa dialogar com um adulto a respeito após ler as histórias.





O júri infantil em 2015, junto com os heróis dos direitos da criança Javier Stauring e Phymean Noun.

Conheça as crianças do júri

Os membros do Júri Infantil do Prêmio das Crianças do Mundo são especialistas em direitos da criança através de suas próprias experiências. Cada membro do júri representa, em primeiro lugar, todas as crianças do mundo com experiências semelhantes às suas. Eles também representam as crianças de seu país e continente. Sempre que possível, o júri inclui crianças de todos os continentes e das principais religiões.

- ♥ As crianças do júri compartilham suas histórias de vida e quais de seus direitos como crianças foram violados ou por quais desses direitos lutam. Desta forma, ensinam a milhões de crianças de todo o mundo sobre os direitos da criança. Elas podem participar do júri até o fim do ano em que completam 18 anos.
- ♥ Todos os anos, o júri infantil seleciona os três nomeados ao Prêmio das Crianças do Mundo, entre todos os indicados durante o ano.
- ♥ Os membros do júri são embaixadores do Prêmio das Crianças do Mundo em seus países e pelo mundo.

- ♥ O júri infantil conduz a cerimônia anual de encerramento do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, a grande cerimônia de premiação. Durante essa semana, os membros do júri visitam escolas na Suécia e conversam sobre suas experiências de vida e os direitos da criança.

No site www.worldschildrensprize.org você encontra versões mais longas das histórias dos membros do júri, além de conhecer mais de seus membros.

As integrantes do júri Netta, Emma, Brianna e Emelda passeiam de barco durante a semana do WCP.





Payal



Jhonn Nara



Mae



Netta

♥ PAYAL JANGID, 14

Índia

Representa crianças pobres que lutam por seus direitos, principalmente contra o trabalho e o casamento infantil.

Payal vive em uma aldeia pobre no Rajastão, uma região da Índia, onde muitos vivem em situação de pobreza e as meninas muitas vezes são forçadas ao casamento infantil. Mas Payal é líder do Parlamento Infantil de sua aldeia e luta por mudanças. Junto com os líderes adultos, ela e outras crianças trabalham para que a aldeia seja amigável para crianças.

– Visitamos as casas das crianças e explicamos aos seus pais porque a escola é importante. Nós também dizemos aos pais para não bater em seus filhos ou esposas. Se eles forem amáveis, será melhor para todos, diz Payal, que sonha ser professora em sua própria aldeia.

♥ JHONN NARA, 15

Brasil

Representa crianças pertencentes a povos autóctones e luta por seus direitos, assim como das crianças que têm seus direitos violados por causa de abuso, discriminação e degradação ambiental.

Jhonn Nara nasceu na Amazônia brasileira. Ela é uma das líderes mais jovens da população autóctone do povo Guarani. No passado, eles viviam no meio da selva, mas hoje a floresta está devastada e foi substituída por grandes fazendas de gado e indústrias que destroem a natureza, despejando substâncias químicas tóxicas e água poluída.

Jhonn Nara e seu povo foram expulsos de suas aldeias. Agora eles se amontoam em um acampamento perto da estrada,

onde não podem pescar ou caçar. A miséria faz com que os adultos bebam, usem drogas e briguem. Jhonn Nara já foi espancada por um padrasto violento.

Quando ela tinha 10 anos, 40 homens mascarados foram à sua aldeia e assassinaram seu avô, um dos líderes do povo.

– Quando protestamos contra as injustiças, somos ameaçados, abusados e mortos. Querem nos exterminar, mas nós nunca desistimos, diz Jhonn Nara.

♥ MAE SEGOVIA, 17

Filipinas

Representa crianças abusadas no comércio sexual e crianças que lutam contra o tráfico humano e os abusos.

Quando tinha nove anos, Mae foi forçada a abandonar a escola e começar a trabalhar para ajudar a sustentar sua família. Ela tinha que dançar e se despir diante de uma câmera em um Internet café. As imagens eram transmitidas em todo o mundo através da Internet. Levou dois anos para o proprietário que abusava de Mae ser pego pela polícia. Agora, ele e muitos dos que assistiam às imagens estão na prisão, mas Mae não poderia mais viver com sua família. Havia o risco de que ela ficasse em apuros novamente devido à pobreza. Hoje, ela mora em um lar seguro para meninas vulneráveis. Ela vai à escola e luta por outras meninas que são vítimas de abuso.

– Sinto falta da minha família, mas amo a escola e estou melhor aqui, diz Mae.

♥ NETTA ALEXANDRI, 16

Israel

Representa crianças em zonas de conflito e crianças que querem o diálogo pela paz.

– Lembro-me da guerra que estava em curso quando eu era pequena. Meus pais estavam tão preocupados que algo pudesse acontecer comigo e com minha irmã, que nos mandaram ficar com as minhas tias. Não pudemos vê-los por um longo tempo. Foi assustador. Eu e minha irmã estávamos muito preocupadas e apavoradas. Nós não entendíamos o que estava acontecendo, porque não podíamos ficar em casa! Lembro-me de pensar: não quero morrer. Não quero deixar minha casa.

Netta acredita que o diálogo – conversar uns com os outros – é o melhor caminho para alcançar a paz.

– Conversar uns com os outros realmente é a única maneira! É importante que as crianças conheçam os seus direitos, para que ninguém possa tirá-los de nós.

O Júri Infantil conduz a cerimônia anual do WCP no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia. Aqui, Mae e Kemal em 2015.





Emelda



Manchala



Noor

♥ **EMELDA ZAMAMBO, 17**
Moçambique
Representa crianças sem-teto e crianças que lutam pelos direitos das crianças pobres.

Quando Emelda tinha seis anos, seu pai foi morto a tiros por ladrões. Alguns meses mais tarde, sua mãe morreu de malária.

– Eu não achava que nada voltaria a ser bom. Tive muito medo de ficar sozinha e acabar na rua. Porém, apesar de todas as coisas terríveis que aconteceram, tive uma sorte incrível.

Emelda pôde ir morar na casa de seus parentes. Ela tem alimento, roupas e a oportunidade de ir à escola.

– Acima de tudo, tenho uma família que me ama.

Emelda queria ajudar outras crianças, e fundou sua própria escola em casa para crianças que, de outra forma, não teriam a oportunidade de obter educação. Durante a tarde, Emelda as ensina a ler, escrever e contar.

♥ **MANCHALA, 17**
Nepal
Representa crianças exploradas pelo tráfico humano e crianças vítimas de abuso sexual.

Manchala cresceu sem a mãe, mas estava perto de sua avó, que lhe deu muito amor.

– Minha avó morreu quando eu tinha 13 anos. Logo abandonei a escola e comecei a trabalhar; primeiro em uma fábrica de chá e, mais tarde, em uma pedreira. Eu sempre sonhei com algo melhor.

Um dia, Manchala conheceu dois homens que prometeram arrumar um bom emprego com alto salário para ela no país vizinho, Índia. Mas, em vez disso, eles venderam Manchala como empregada doméstica para uma residência particular. Ela trabalhava duro, mas não recebia salário e era mantida presa.

A pior parte foi que um dos homens que

venderam Manchala começou a visitar e estuprá-la. Isso aconteceu várias vezes, durante um longo tempo. No final, Manchala conseguiu escapar e o homem foi preso pela polícia. Mas então Manchala foi ameaçada pelos amigos e parentes do homem, que a perseguiram e ameaçavam matá-la, e teve que buscar proteção. Hoje ela mora em um lar para meninas vulneráveis no Nepal e voltou para a escola.

– Eu ensino a outras crianças que elas têm direitos e as alerto para que não sejam enganadas por traficantes de pessoas.

♥ **NOOR MOUSA, 15**
Palestina
Representa crianças em áreas de conflito, crianças que vivem sob a ocupação e o diálogo pela paz.

“Minha primeira lembrança de ruído de tiros e medo é do meio de uma noite, quando eu tinha quatro anos. Fugimos para o porão. Quando nós tivemos coragem de subir de volta, o quarto da minha avó estava em chamas e havia buracos de bala e estilhaços de granadas por toda parte.

Este ano, fazíamos uma prova na escola, quando, de repente, uma bomba de gás lacrimogêneo foi lançada na sala de aula. Meus olhos queimavam e eu tinha dificuldade para respirar. Eu e meus amigos corremos para casa, mas os soldados israelenses nos pararam e nos obrigaram a voltar para trás. Senti-me muito triste e amedrontada, eu estava fraca e impotente. Dissemos éramos apenas crianças inocentes. Quando finalmente cheguei a casa, comecei a chorar. Para consolar-me, minha avó leu uma passagem do Corão para mim e deu-me azeite para beber. Ela me aconselhou a continuar estudando, e eu amo a escola.

Não gosto de soldados, quero que possamos viver como vizinhos e amigos dos israelenses. Devemos respeitar a sua fé e eles, a nossa. Precisamos respeitar uns aos outros!”

Escola do menino

Shamoon Masih, 14, começou a trabalhar como escravo por dívida na fábrica de tijolos quando tinha quatro anos. Ele é novo no júri do WCP e representa crianças trabalhadoras, crianças escravas e crianças que “não existem” porque ninguém registrou seu nascimento.

A família de Shamoon era escrava por dívida do proprietário da olaria desde que seu pai era pequeno, como resultado de um empréstimo de 60.000 rúpias (600 dólares americanos).

Quando Shamoon tinha cinco anos, seu pai lutou por melhores condições para os trabalhadores da fábrica de tijolos, e participou da fundação de uma escola noturna para as crianças. O proprietário e os supervisores da fábrica não gostaram. Quando o pai de Shamoon ajudou nas filmagens de um programa de TV que mostrava como as vidas das famílias nas olarias eram difíceis, os proprietários de fábricas de tijolos da região o ameaçaram. Ele sabia de que atrocidades eram capazes e, ao

Emma muda

No júri infantil, Emma Mogus, 17, representa crianças que lutam pela igualdade de direitos de todas as crianças, especialmente crianças pertencentes a povos autóctones.

“Quando eu tinha doze anos, fiquei muito triste ao descobrir que crianças de povos indígenas não têm os mesmos direitos à educação que as outras crianças do meu país. Crianças de povos autóctones do Canadá, que vivem em “reservas” especiais, recebem menos apoio financeiro do nosso governo que outras regiões e áreas recebem para crianças que não pertencem à população indígena. Eu tinha doze anos e entendi que o direito de toda criança à

o escravo para crianças escravas



É um trabalho duro preparar o barro...

abrigo da escuridão, fugiu com seu filho mais velho.

Somos escravos

Na manhã seguinte, o proprietário mandou buscar Shamoons e sua mãe.

– Mamãe tinha me explicado que o proprietário mataria meu pai se contássemos onde ele estava. O proprietário insultou minha mãe e me bateu com um pau várias vezes naquele dia. Foi então que percebi que eu e minha família éramos escravos.

Shamoons foi obrigado a ajudar a mãe no campo de tijolo diariamente, do nascer ao pôr do sol. Ele continuou na escola



... e, então, fazer tijolos o dia inteiro.

noturna, mas estava muito cansado.

Depois de alguns anos, um grupo de trabalhadores da olaria conseguiu que o proprietário promettesse não ser violento com o pai de Shamoons se ele voltasse. Agora a família conseguia fazer a quantidade de tijolos exigida pelo proprietário sem que Shamoons trabalhasse o dia todo. Ele começava a trabalhar às cinco horas, ia para a escola às oito, e continuava o trabalho de quando saía da escola, à uma da tarde, até o entardecer.

A própria escola noturna

Agora Shamoons está no nono ano.

– Percebo que os alunos em escolas



Shamoons tem a escola noturna para crianças e jovens na vila da olaria.

regulares não pensam nas crianças pobres. Eu sempre penso nelas e como devem receber educação. À noite tenho a escola noturna para crianças e jovens da olaria que não podem ir à escola. A educação lhes dá coragem, e elas podem ajudar suas famílias. Todas as crianças devem frequentar a escola. A educação é o único caminho para nossa liberdade.

A família de Shamoons não é mais escrava por dívida, mas ainda trabalha em uma fábrica de tijolos. Quando Shamoons pode, os ajuda. 🌐

educação igual era violado em meu próprio país.

Em 2012, eu e minha irmã Julia fundamos a organização Books With No Bounds (Livros sem Fronteiras), para distribuir livros para crianças que vivem em reservas remotas. Começamos com algumas centenas de livros, mas hoje já distribuímos mais de cem mil livros, material escolar, alimentos, roupas, computadores e tablets para crianças de comunidades indígenas.



Emma ajuda crianças pertencentes à nação Wapekeka na Votação Mundial.

Eu luto por igualdade e justiça, e para que meus irmãos e irmãs tenham uma vida melhor, com direitos e oportunidades iguais para ter sucesso na escola e na vida. A educação é nosso direito básico e absolutamente necessário para cada criança se desenvolver ao máximo. Lutamos pelos direitos de nossos amigos por meio de marchas de protesto anuais e campanhas de envio de cartas ao nosso governo.

Emma durante a cerimônia do WCP em 2015.



Emma, à direita, e sua irmã durante a manifestação por igualdade para todas as crianças no Canadá.

Água cara

Durante viagens a uma reserva isolada no norte de Ontário, onde só é possível chegar de avião, fiquei chocada porque as pessoas que vivem lá não têm acesso livre à água potável, e a água que elas compram em lojas custa 180 por cento mais do que eu pago no supermercado onde moro.

Crianças de comunidades autóctones do Canadá são vítimas de preconceito e discriminação há muito tempo, e têm a maior taxa de suicídio no mundo.

Este é um capítulo sombrio da história do meu país, e temo que a situação dessas crianças no Canadá hoje continue afetando suas vidas no futuro.

Minha tarefa, como membro do júri do WCP e ativista dos direitos da criança, tem a ver com justiça, igualdade, melhorar a vida para as crianças.” 🌐





Forçado a ser criança-soldado

Dieu-Merci, 15, é o novo representante das crianças-soldado e crianças em conflitos armados no júri do WCP.

"Estávamos voltando da escola para casa quando fomos cercados por homens armados que gritaram:

– Sentem-se! Não tentem fugir ou os matamos!

As meninas foram conduzidas em outra direção. Nós, meninos, começamos a marchar para a floresta.

Continuamos a implorar aos sequestradores que nos libertassem, para podermos voltar para nossas famílias. Mas eles rasgaram nossos livros escolares e atearam fogo a eles. Eu pensava em minha família e na morte o tempo todo. Um líder disse:

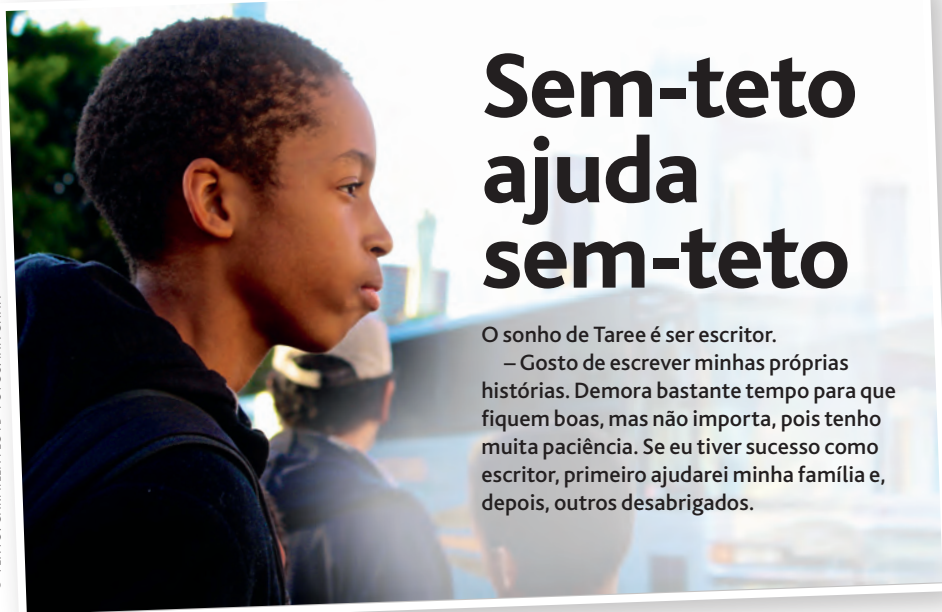
– Caras crianças, vocês se tornarão soldados para sua própria segurança, por suas famílias e por nosso país! Quem que se recusar será visto como o inimigo!

Quando íamos prender crianças, eu sempre tentava ajudá-las a escapar secretamente. Consegui salvar 37 crianças de serem mortas.

Mal tínhamos o que comer, então dividíamos um pequeno pássaro e comíamos algumas folhas e frutos silvestres. Todos os dias nos davam uma bebida que, supostamente, nos protegeria dos tiros inimigos.

Uma noite, quando estávamos em combate, tentei escapar. Em vez disso, fui preso por soldados do governo. Quando estavam prestes a atirar em mim, gritei que eu era apenas um pequeno estudante sequestrado.

"A BVES me ajuda a esquecer de todas as experiências terríveis, e sinto-me forte para retomar minha vida".



© TEXTO: CARMILLA FLOYD FOTOS: IAN CHAN

Sem-teto ajuda ajuda sem-teto

O sonho de Taree é ser escritor.

– Gosto de escrever minhas próprias histórias. Demora bastante tempo para que fiquem boas, mas não importa, pois tenho muita paciência. Se eu tiver sucesso como escritor, primeiro ajudarei minha família e, depois, outros desabrigados.

Taree Mayfield, 13, dos EUA, é novo no júri do WCP. Ele representa crianças sem-teto e crianças que ajudam crianças sem-teto.

Taree é um dos 2,5 milhões de crianças sem-teto nos EUA. Elas vivem em abrigos, carros, ruínas de hotéis ou na rua. As famílias dessas crianças ficaram desabrigadas por razões diferentes, mas todas sonham ter sua própria casa.

– Estou sem-teto desde meus nove anos de idade, conta Taree. Durante vários anos, nos mudamos muito, mas agora vivemos na Union Rescue Mission. Mil pessoas sem-teto podem ficar aqui quando não têm para onde ir.

Taree, sua mãe e cinco irmãos moram em um quarto e compartilham o banheiro e chuveiro com outras pessoas.

– A pior parte é que temos de levantar às cinco da manhã, quando o desjejum é servido no refeitório.

A família de Taree mora no centro de Los Angeles, no bloco dos desabrigados. Aqui, milhares de pessoas vivem na rua. De manhã, ao ir para a escola, ele caminha por calçadas lotadas, entre tendas, carrinhos de compras e pessoas dormindo. Mas Taree não tem medo.

– Aqueles que vivem na rua são gentis e prestativos com as crianças.

Ajuda outras crianças

Na escola, quase ninguém sabe onde Taree mora. Ele contou apenas a seu melhor amigo, pois muitos têm preconceitos contra os sem-teto.

– A coisa mais difícil de ser desabrigado é mudar de um lugar para outro e trocar de escola com frequência. Eu me preocupo muito com o futuro e como posso ajudar minha família a sobreviver. Às vezes é difícil manter a motivação. Mas minha mãe apoia todos seus filhos. Ela nos ajudou a sermos fortes, apesar das dificuldades. Felizmente, eu gosto da escola. A matemática me deixa feliz!

Taree recebe ajuda com o dever de casa na School on Wheels, que foi fundada pela heroína dos direitos da criança Agnes Stevens, homenageada com o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo em 2008.

– Sem essa professora extra, eu provavelmente não me sairia tão bem na escola, afirma Taree. Agora também vou lá ajudar crianças mais novas em seus trabalhos escolares! 🌍



Taree com seus irmãos.

– Somos três pares de gêmeos! Mas eu e meu irmão gêmeo somos muito diferentes e gostamos de coisas diferentes.



Milad fugiu da guerra

Milad tinha doze anos quando conheceu o contrabandista de pessoas que o levaria à Europa. Nessa época, ele já estava em fuga com sua família há dois anos. Milad é novo no júri infantil do WCP, onde representa crianças que são obrigadas a fugir de suas casas.

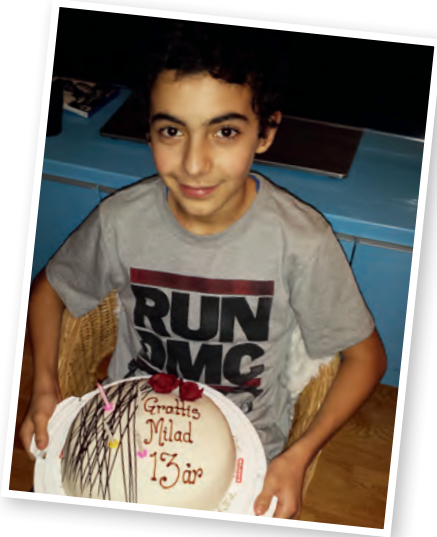
A fuga da guerra começou em sua cidade natal, Aleppo, na Síria, para Kobani e, de lá, para a Turquia.

– Era difícil sobreviver lá. Milhares de novos refugiados chegavam diariamente, e muitas crianças mendigavam nas ruas. Eu e meu irmão colhíamos limões, uma vez que não havia escola para frequentarmos.

Quando Milad já estava fora da escola há dois anos, sua mãe disse: “Seu futuro será destruído. Precisamos ir para a Europa”. O irmão mais velho, Maher, partiu primeiro e, alguns meses mais tarde, foi a vez de Milad. Muitos refugiados desesperados tentaram atravessar o Mediterrâneo de barco, e milhares morreram quando os barcos superlotados afundaram. Muitos deles eram crianças. Por isso, a família economizou dinheiro e pagou um contrabandista de pessoas para levar Milad à Suécia.

Exigiu mais dinheiro

– Eu estava nervoso, recorda Milad. No controle de passaporte, fomos parados por guardas desconfiados e perdemos o voo. Levou dois dias até que o contrabandista conseguisse uma nova viagem. Eu queria ligar para minha mãe, porque



ela poderia estar pensando que eu havia sido sequestrado ou morrido. Mas o contrabandista temia que ela pedisse o dinheiro de volta.

O voo não aterrissou na Suécia, mas num país vizinho, a Noruega.

– Fomos parados no controle de passaportes e os guardas trouxeram um intérprete. Ele disse em árabe: “Me dê dinheiro, ou então direi que vocês têm passaportes falsos, e vocês serão levados para a prisão”. Fiquei com muito medo, mas o contrabandista prometeu pagar.

Finalmente Milad conseguiu telefonar para a família.

– Chorei ao ouvir a voz do meu irmão. Ele dirigiu por seis horas da Suécia até onde eu estava. Quando chegou, houve uma briga. O contrabandista se recusou a me libertar, a menos que recebesse mais dinheiro. Pensei que eu provavelmente nunca mais veria minha mãe. Porém, no fim das contas, deixaram-me ir.

Pensa nos outros

Agora Milad frequenta a escola sueca e joga em uma equipe de futebol. Ele está bem, mas tem saudades de casa e de seu melhor amigo, que ficou em Aleppo.

– A cidade é bombardeada e não há comida, água ou eletricidade. A família do meu amigo está tentando fugir, mas é difícil. A cidade de Kobani, para onde fomos primeiro, foi destruída pelo EI, o Estado Islâmico, e a fronteira pela qual atravessamos para a Turquia está fechada.

Na Europa, muitos estão preocupados que os refugiados custarão muito caro e alguns querem impedir sua vinda, fechando todas as fronteiras.

– Sou grato por ter conseguido vir, pois teríamos morrido na Síria, afirma Milad. Agora me preocupo com meu amigo. Temos que pensar nos outros, não apenas em nós mesmos. 🌍

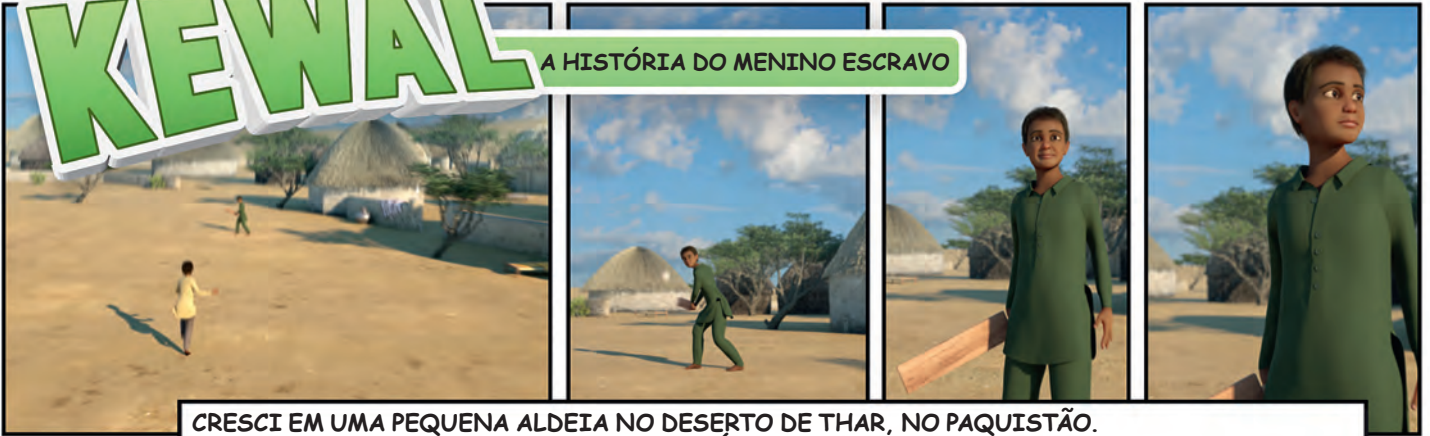
A guerra na Síria

A guerra civil na Síria começou em 2011. Até agora, início de 2016, meio milhão de pessoas morreram. Quase metade dos 22 milhões de habitantes da Síria foram obrigados a fugir. Cerca de 6,5 milhões estão em fuga dentro do país, e mais de 4,5 milhões fugiram para o exterior, principalmente para países vizinhos.



KEWAL

A HISTÓRIA DO MENINO ESCRAVO



CRESCI EM UMA PEQUENA ALDEIA NO DESERTO DE THAR, NO PAQUISTÃO. QUANDO EU TINHA DEZ ANOS, ALGO TERRÍVEL ACONTECEU.



KEWAL, CORRA AQUI!



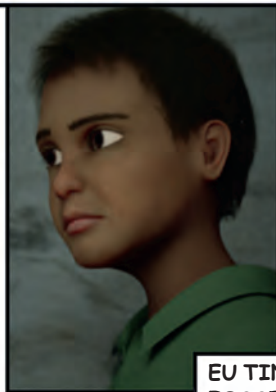
SUA MÃE ESTÁ MUITO DOENTE.

MEU PAI TINHA FEITO UM EMPRÉSTIMO PARA COMPRAR REMÉDIOS.



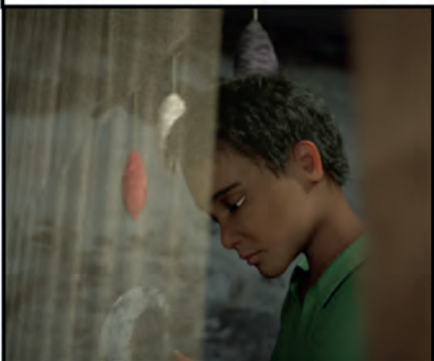
VOCÊ TEM QUE COMEÇAR A TRABALHAR!

O PAI LEVOU-ME AO PROPRIETÁRIO DA FÁBRICA DE TAPETES, QUE LHE EMPRESTARAO DINHEIRO.



EU TINHA QUE TRABALHAR LÁ ATÉ QUE A DÍVIDA FOSSE PAGA.

MAS EU NÃO RECEBIA NENHUM DINHEIRO E A DÍVIDA NUNCA DIMINUÍA.



ACORDE!



SE DORMISSE OU COMETESSE UM ERRO, EU ERA ESPANCADO.

APÓS TRÊS ANOS, EU FUGI.



FINALMENTE, VI MINHA ALDEIA.

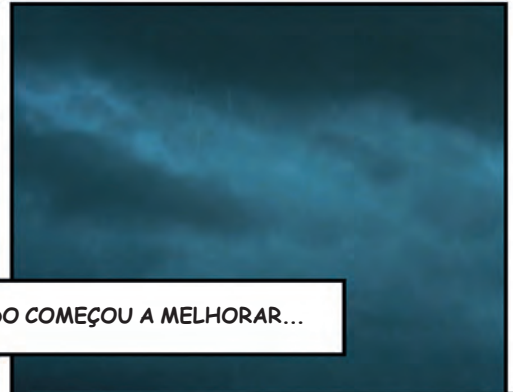


MEU PAI CONVENÇEU O PROPRIETÁRIO DOS TAPETES A ME DEIXAR IR À ESCOLA E TRABALHAR À NOITE.

LEMOS SOBRE O PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO MUNDO E APRENDI QUE MEUS DIREITOS FORAM VIOLADOS.



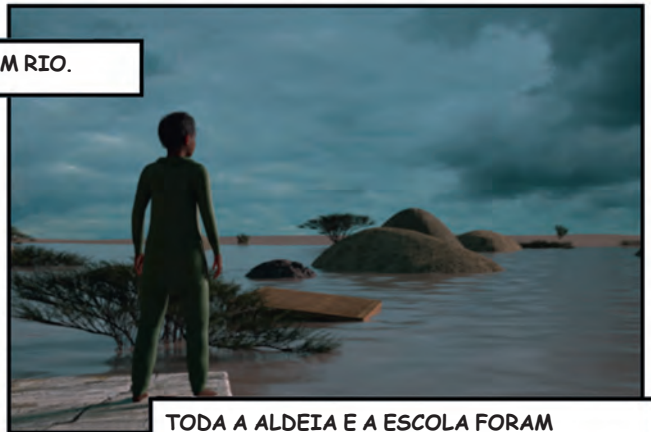
MAS QUANDO TUDO COMEÇOU A MELHORAR...



...UMA CHUVA TORRENCIAL COMEÇOU.



O DESERTO SE TRANSFORMOU EM RIO.



TODA A ALDEIA E A ESCOLA FORAM DESTRUÍDAS.

MAS RECONSTRUÍMOS NOSSA ESCOLA.



EU CONSEGUI PARTICIPAR DA VOTAÇÃO MUNDIAL! E ENTREI NO JÚRI INFANTIL DO WCP.



AGORA TENHO 18 ANOS E DEIXEI O JÚRI. UM DIA, SEREI MÉDICO!

Celebre os Direitos da Criança

Celebrate the rights of the child

Célébre les droits de l'enfant

Fira barnets rättigheter



A convenção dos direitos da criança da ONU se destina a você e a todas as crianças menores de 18 anos. Todos os países, com exceção dos EUA, ratificaram (se comprometeram a seguir) a convenção. Portanto, eles devem sempre priorizar o que é melhor para as crianças e ouvir o que as crianças têm a dizer.

Princípios básicos da convenção:

- Todas as crianças são iguais e têm os mesmos direitos.
- Toda criança tem direito a ter suas necessidades básicas atendidas.
- Toda criança tem direito à proteção contra abusos e exploração.
- Toda criança tem direito de expressar suas ideias e ser respeitada.

O que é uma convenção?

Uma convenção é um acordo internacional, um contrato entre países. A convenção dos direitos da criança é uma das seis convenções sobre direitos humanos da ONU.

O direito de reclamar!

Crianças cujos direitos tenham sido violados podem enviar queixas diretamente ao Comitê da ONU sobre os Direitos da Criança, se não tiverem recebido auxílio e reabilitação de seu próprio país. Isso foi possibilitado pela OP3, um adendo relativamente novo à Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança. Deste modo, crianças de países que aprovaram o adendo receberam melhores oportunidades para fazer ouvir suas vozes sobre seus próprios direitos. Alguns países ainda não aprovaram o protocolo.

*Os EUA ratificaram a Convenção, mas ela não é juridicamente vinculativa.

A Convenção dos Direitos da Criança da ONU reúne uma ampla gama de direitos que se aplicam a todas as crianças do mundo. Aqui, apresentamos uma versão resumida.

Artigo 1

Estes direitos se aplicam a todas as crianças menores de 18 anos, no mundo inteiro.

Artigo 2

Todas as crianças são iguais.

Todas as crianças têm os mesmos direitos e não devem ser discriminadas.

Ninguém deve te maltratar por sua aparência, cor de pele, gênero, idioma, religião e opinião.

Artigo 3

Aqueles que tomam decisões que afetam as crianças devem, antes de tudo, pensar no que é melhor para elas.

Artigo 6

Você tem o direito à vida e a um desenvolvimento saudável.

Artigo 7

Você tem direito a um nome e a uma nacionalidade.

Artigo 9

Você tem direito a viver com seus pais, desde que isso não seja prejudicial a você. Você tem direito de crescer, se possível, na companhia dos seus pais.

Artigos 12–15

Toda criança tem direito de dizer o que pensa. As crianças devem ser consultadas e sua opinião deve ser respeitada em todas as decisões que lhes dizem respeito: no lar, na escola, junto às autoridades e nos tribunais.

Artigo 18

Seus pais têm responsabilidades conjuntas pela sua educação e desenvolvimento. Eles devem sempre pensar no que é melhor para você.

Artigo 19

Você tem direito à proteção contra toda forma de violência, contra maus-tratos e abusos. Você não pode ser explorado(a) por seus pais ou outros responsáveis pela sua tutela.

Artigos 20–21

Você, que foi privado(a) do convívio familiar, tem direito a receber proteção especial.

Artigo 22

Se você for obrigado(a) a fugir do seu país natal, terá os mesmos direitos que as crianças do país que o(a) recebeu. Se tiver fugido sozinho(a), terá direito a ajuda especial. Se possível, você será reunido(a) à sua família.

Artigo 23

Toda criança tem direito a uma vida digna. Se você é portador de uma deficiência, tem direito a cuidados especiais.

Artigo 24

Caso fique doente, você tem direito a receber a ajuda e o tratamento médico necessários.

Artigos 28–29

Você tem direito a ir à escola e adquirir conhecimentos importantes, como por exemplo, o respeito pelos direitos humanos e por outras culturas.

Artigo 30

As ideias e crenças de todas as crianças devem ser respeitadas. Você, que faz parte de algum grupo minoritário, tem direito à sua língua, cultura e religião.

Artigo 31

Você tem direito a brincar, a descansar, ao tempo livre e a um ambiente saudável.

Artigo 32

Você não pode ser forçado(a) a realizar trabalhos perigosos e prejudiciais à saúde, ou que prejudiquem seu desempenho escolar.

Artigo 34

Ninguém deve sujeitar você ao abuso ou obrigá-lo(a) a se prostituir. Se você for maltratado(a), tem direito à ajuda e proteção.

Artigo 35

Ninguém tem direito a raptá-lo(a) ou vendê-lo(a).

Artigo 37

Ninguém deve punir você de forma cruel e humilhante.

Artigo 38

Você nunca deve ser recrutado(a) como soldado e participar de conflito armado.

Artigo 42

Toda criança e adulto deve conhecer a Convenção dos Direitos da Criança. Você tem direito a receber informações e a conhecer os seus direitos.

Saiba mais sobre os direitos da criança, sobre o direito de cada criança a reclamar e sobre as novas metas globais em www.worldschildrensprize.org



Novas metas globais

Em setembro de 2015, líderes mundiais concordaram em lutar juntos para atingir as 17 novas metas globais. Elas tratam de tudo, desde saúde e fome, a educação e meio ambiente. As metas devem ser alcançadas dentro de 15 anos e, assim, resolver três grandes problemas: a pobreza extrema será erradicada. A injustiça e a desigualdade devem ser abolidas. As mudanças climáticas devem ser corrigidas. Em todos os países. Para todas as pessoas. Você também pode participar e lutar para alcançar as metas!

Comemore os Direitos da Criança

20 de novembro é um dia de festa para as crianças do mundo. Neste dia, em 1989, a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança foi adotada.



Como estão as crianças do mundo?

Todas as nações que ratificaram a convenção dos direitos da criança se comprometeram a respeitar os direitos da criança. Entretanto, violações são comuns em todos os países. Eis alguns exemplos – como estão as crianças onde você mora?

NOME E NACIONALIDADE

Ao nascer, você tem o direito de receber um nome e ser registrado(a) como cidadão de seu país natal.

Todos os anos, 138 milhões de crianças nascem no mundo. Porém, cerca de 48 milhões nunca são registradas. Isso significa que não há nenhum documento que prove sua existência!



SOBREVIVÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

Todos os países que ratificaram a Convenção dos Direitos da Criança devem se esforçar ao máximo para que todas as crianças sobrevivam e se desenvolvam.

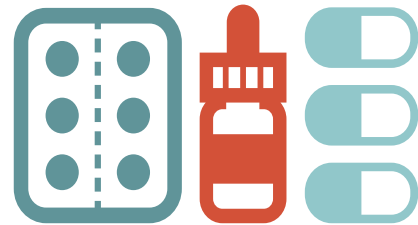
Uma em cada 4 crianças com menos de 5 anos no mundo está desnutrida, e isso afeta seu desenvolvimento por toda a vida. Uma em cada 20 crianças do mundo (1 em cada 11 nos países mais pobres) morre antes de completar cinco anos, na maioria das vezes, devido a doenças que poderiam ser evitadas, tais como pneumonia, diarreia e malária.

200
000 000

CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

As crianças portadoras de deficiências têm os mesmos direitos que qualquer outra criança. Elas têm o direito de receber apoio e desfrutar de uma vida plena, que possibilite sua participação ativa na comunidade. As crianças portadoras de necessidades especiais estão entre as mais vulneráveis do mundo. Em muitos países, elas não podem frequentar a escola. Muitas são tratadas como se tivessem menos valor e são escondidas.

Há cerca de 200 milhões de crianças com necessidades especiais no mundo.



SAÚDE E ATENDIMENTO MÉDICO

Você tem o direito de se sentir bem e a receber ajuda, caso esteja doente. A falta de alimentos, água limpa e boa higiene afeta a saúde de muitas crianças.

Todos os dias, 16.000 crianças menores de cinco anos morrem. Crianças pobres raramente podem ir ao médico, especialmente se forem meninas. 2 milhões de crianças morrem anualmente de doenças comuns da infância, para as quais podem ser vacinadas, pois uma em cada seis crianças nunca é vacinada. A malária mata 1.500 crianças menores de cinco anos diariamente (cerca de 500.000 por ano). Apenas 3 em cada 10 crianças que contraem malária recebem tratamento, e somente 4 em cada 10 crianças dormem sob mosquiteiros nos países mais pobres, onde a malária existe.



TRABALHO INFANTIL NOCIVO

Você tem direito de receber proteção contra a exploração econômica e contra o trabalho prejudicial à sua saúde e/ou que o(a) impeça de frequentar a escola. O trabalho é proibido para todas as crianças menores de 12 anos.

Cerca de 264 milhões de crianças trabalham e, para a maioria delas, o trabalho é diretamente prejudicial à saúde, segurança, moral e educação. Cerca de 5,5 milhões estão sujeitas às piores formas de trabalho infantil, como por exemplo, escravidão por dívidas, recrutamento de crianças-soldado e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Todo ano, pelo menos 1,2 milhão de crianças são expostas ao "tráfico", que é o comércio de escravos da atualidade.

100 MILLION

CRIANÇAS QUE VIVEM NAS RUAS

Você tem o direito de viver em um ambiente seguro. Todas as crianças têm direito à educação, à assistência médica e a um padrão de vida decente.

Aproximadamente 100 milhões de crianças vivem nas ruas. Muitas têm a rua como seu único lar, outras trabalham e passam o dia nas ruas, mas têm famílias em suas casas, para as quais retornam ao final do dia.



AS MINORIAS

Crianças de grupos minoritários ou de povos autóctones têm direito a ter uma língua, cultura e religião próprias. Povos autóctones são, por exemplo, os índios das Américas, os aborígenes da Austrália e os lapões do norte da Europa.

Os direitos das crianças pertencentes aos povos autóctones e às minorias são frequentemente violados. Seus idiomas não são respeitados, elas são humilhadas e discriminadas. Muitas dessas crianças não têm acesso à assistência médica.



CASA, ROUPA, COMIDA E SEGURANÇA

Você tem direito a moradia, alimentação, roupas, educação, atendimento médico e segurança.

Mais de 900 milhões de pessoas, ou 1 em cada 7, vivem em pobreza extrema. Quase metade delas são crianças.



CRIME E PUNIÇÃO

A prisão de crianças deve ser sempre o último recurso, e pelo menor tempo possível. Nenhuma criança deve ser submetida à tortura ou qualquer outra forma de tratamento cruel. Crianças que cometem crimes devem receber assistência e ajuda. Crianças não devem ser punidas com prisão perpétua ou pena capital.

Pelo menos 1 milhão de crianças estão em prisões. Crianças presas são frequentemente maltratadas.



PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA

Você tem direito à proteção contra qualquer forma de violência, negligência, maus-tratos e abusos.

6 em cada 10 crianças no mundo (quase 1 bilhão) com idade entre 2–14 anos são regularmente expostas a punições corporais e à violência por seus pais ou outros responsáveis. Muitos países permitem punições corporais nas escolas. 48 países no mundo proibiram todas as formas de punição corporal contra as crianças.



PROTEÇÃO NA GUERRA E NA FUGA

Você tem direito à proteção e assistência humanitária em casos de guerra ou refúgio. Crianças vítimas de conflito e refugiadas têm os mesmos direitos que qualquer outra criança.

Aproximadamente 30 milhões de crianças no mundo estão em fuga, ou seja, mais da metade dos refugiados do mundo. Nos últimos 10 anos, pelo menos 2 milhões de crianças morreram em guerras. Seis milhões sofreram lesões físicas graves. Dez milhões de crianças sofreram danos psicológicos graves. Um milhão perderam os pais ou foram separadas deles. Cerca de 250.000 crianças são usadas como soldados, carregadores ou cavadores de minas (todos os anos, mais de mil crianças morrem ou são feridas por minas).

123
ABC



EDUCAÇÃO

Você tem o direito de frequentar a escola. O ensino básico deve ser gratuito para todos.

Mais de 9 em cada 10 crianças no mundo frequentam a escola, mas 58 milhões de crianças não recebem nenhuma educação. Destas, mais de metade são meninas.

SUA VOZ DEVE SER OUVIDA!

Você tem o direito de dizer o que pensa sobre todas as questões que lhe dizem respeito. Os adultos devem ouvir as opiniões das crianças antes de tomar decisões, e a decisão deve sempre ser a melhor para as crianças.

É esta a situação no seu país e no mundo hoje? Você e as demais crianças do mundo é que podem responder!



O caminho para a de

O que é democracia?

Em algumas questões, talvez você e seus amigos pensem parecido. Sobre outras coisas, vocês pensam de maneiras totalmente diferentes. Talvez vocês possam ouvir uns aos outros e discutir até chegar a uma solução que todos consigam aceitar. Então, vocês concordam e atingem um *consenso*. Às vezes, vocês têm que concordar sobre o fato de que discordam. Neste caso, a maioria, aqueles que estão em maior número, decidem. Isso é *democracia*.

Em uma democracia, todas as pessoas têm o mesmo valor e os mesmos direitos. Todos devem ter uma chance de dizer o que acham e poder de influenciar a decisão. O oposto de democracia é *ditadura*. Neste caso, apenas uma ou algumas pessoas podem decidir tudo, e ninguém pode protestar.

Em uma democracia, todos devem poder fazer ouvir suas vozes, eles têm que se comprometer e votar a fim de chegar a uma decisão. Existe *democracia direta* e *democracia representativa*. Democracia Direta é quando todos podem votar sobre um determinado assunto, como a sua Votação Mundial sobre quem deve receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança. Ou quando um país realiza um referendo. A maioria dos países democráticos é governada por *democracia representativa*. Neste caso, os cidadãos escolhem seus *representantes*, políticos que dirigirão o país de acordo com a vontade do povo.

Todos os anos, o programa do Prêmio das Crianças do Mundo é encerrado com vocês realizando sua própria votação mundial democrática. Acompanhe-nos em uma viagem no tempo, pelo crescimento da democracia no mundo.



EM TODAS AS ÉPOCAS

Decisões conjuntas

Em todas as épocas, as pessoas sempre se reuniram para tomar decisões. No início, as decisões eram tomadas pelo grupo, tribo ou aldeia. Poderia ser sobre a caça ou a agricultura. Alguns usam rituais para saber como o grupo deve discutir e tomar decisões conjuntas. Pode ser um objeto, por exemplo, uma pena, que seja passado de mão em mão. A pessoa que segura a pena tem a palavra. *Experimente-o com os seus amigos!*

Nasce a palavra democracia

508 A.C.

508 a.C. nasce a palavra *democracia*, a partir das palavras gregas *demos* (povo) e *kratein* (governo). Todos os cidadãos da Grécia podem subir uma escada e dar sua opinião em coisas importantes. Se não conseguirem chegar a um acordo, as pessoas podem votar sobre ele através da contagem de mãos levantadas. Porém, só os homens podem votar. Mulheres, escravos e estrangeiros não são considerados cidadãos, e não podem votar.



SÉCULO XVIII

Governantes autocráticos

No século XVIII, a maioria dos países, por exemplo, na Europa, é governada por reis e imperadores autocráticos que ignoram a vontade do povo. Porém, pensadores começam a se interessar por ideias reinventadas de que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e com direitos iguais. Por que alguns grupos da sociedade devem ter mais poder e riqueza do que outros? Outros criticam a opressão dos reis e argumentam que, se todos receberem mais conhecimento, eles descobrirão a injustiça da sociedade e protestarão contra elas.



democracia



1789

O voto dos ricos

Em 1789 acontece uma revolução na França. O povo exige liberdade e igualdade. As ideias e reivindicações se difundem amplamente pela Europa e influenciam o desenvolvimento da sociedade. Mas, ainda assim, apenas os homens são considerados como cidadãos. Além disso, os homens muitas vezes só podem votar e participar na política se forem ricos e proprietários de casas e terrenos.

Mulheres e escravos não

Em 1789, a primeira constituição (Lei Fundamental) dos EUA é redigida. Este é um passo importante na história da democracia. Ela afirma que o povo deve ter o controle sobre as decisões e que as pessoas devem ter o direito de escrever e dizer o que desejarem. Contudo, a Constituição não se aplica a mulheres nem a escravos.



A primeira votação secreta

Em 1856, a primeira votação secreta com cédulas com os nomes dos candidatos impressos é realizada na Tasmânia, Austrália.



1906
1921
1945

Mulheres exigem direito de voto

No final do século XIX, mais e mais mulheres exigem o direito de votar em eleições políticas. A Finlândia, em 1906, é o primeiro país europeu onde as mulheres conquistam o direito de votar. No Reino Unido e Suécia, isso leva até 1921. E, na maioria dos países da Europa, África e Ásia, demora até depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ou mais, até que as mulheres obtenham o direito de voto.

1947



A maior democracia do mundo

Em 1947, a Índia liberta-se do Império Britânico e se torna a maior democracia do mundo. A luta pela liberdade é liderada por Mahatma Gandhi, que acredita na resistência sem violência, a *não-violência*.

A primeira democracia da África

Em 1957, Gana, na África Ocidental, torna-se livre e independente de seu colonizador, o Reino Unido. Kwame Nkrumah torna-se o primeiro líder do país. A colonização da África, Ásia e América Latina começara centenas de anos antes. As grandes potências europeias haviam enviado militares e exploradores. Eles ocupavam as terras, roubavam os recursos naturais e escravizavam as pessoas.

1957





1955



Igualdade de direitos nos EUA

Em 1955, Rosa Parks, que é negra, se recusa a ceder seu assento no ônibus a um homem branco. Rosa é multada, porque no Sul dos EUA os negros não têm direitos iguais aos dos brancos. Eles também não podem frequentar as mesmas escolas que as crianças brancas e, às vezes, não podem votar. O líder da luta pelos direitos civis, Martin Luther King, inicia um boicote à empresa de ônibus. Esse é o início de um grande movimento de protesto nos EUA contra o racismo e por igualdade de direitos e de liberdades.



2010

A Primavera Árabe

Em 2010, um jovem pobre na Tunísia tem seu carrinho de hortaliças confiscado pela polícia. Ele toca fogo em si mesmo em protesto e, quando a notícia de sua morte se espalha, centenas de milhares de pessoas vão para as ruas protestar. Elas conseguem depor o ditador do país, Ben Ali. Pessoas em países vizinhos se inspiram e derrubam os ditadores do Egito e da Líbia através de protestos populares. Os movimentos democráticos no Oriente Médio ficam conhecidos como *A Primavera Árabe*.

Ditaduras continuam

Hoye, vários países ao redor do mundo ainda são ditaduras, mas violações dos direitos humanos também ocorrem em muitas democracias. Os direitos da criança são violados em todos os países. Nas ditaduras, não há direito ao voto nem o direito de expressar as opiniões, a liberdade de expressão. Os governantes decidem tudo e, muitas vezes, enriquecem a si mesmos e suas famílias.



1994



Direito de voto para todos na África do Sul

Em 1994, Nelson Mandela torna-se o primeiro presidente eleito democraticamente na África do Sul. Ele ficou preso durante 27 anos por sua luta contra o sistema racista de apartheid na África do Sul, que separava as pessoas com base na cor de sua pele. Na eleição de Mandela, pela primeira vez todos os sul-africanos participam em igualdade de condições.

Birmânia a caminho da democracia

Em 2010, Aung San Suu Kyi é libertada da prisão domiciliar na ditadura birmanesa. Ela havia passado quinze dos últimos 23 anos sob prisão domiciliar por sua corajosa luta pela democracia na Birmânia. Em 2011, ela se torna patrona da Fundação do Prêmio das Crianças do Mundo.

2010



2016/2017

A Votação Mundial Democrática das Crianças

Em 2016/2017, o programa do PEM é implementado pela décimo sexto vez. Até aqui, mais do que 38,4 milhões de crianças aprenderam sobre os seus direitos e a democracia através do programa. É importante que cada nova geração obtenha esse conhecimento. Ele auxilia você e seus amigos, por toda a vida, a ajudar na construção de seu país, para que a democracia se fortaleça e os direitos da criança e os direitos humanos sejam respeitados.

Quando tiverem aprendido tudo sobre os direitos da criança e as contribuições dos candidatos ao prêmio, vocês preparam sua eleição democrática, a Votação Mundial. Seu voto é sua própria decisão. Nenhum amigo ou professor pode dizer em quem você deve votar. Aquele em quem a maioria votar recebe o Prêmio das Crianças 2016/2017!



Hora da Votação Mundial

Na Votação Mundial, vocês participam da decisão sobre quem receberá o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança.

Vocês têm direito de voto até o ano em que completam 18 anos.

Marquem a data do seu Dia da Votação Mundial logo que comecem a trabalhar com o programa do WCP, assim vocês têm tempo de sobra, de preferência semanas ou meses, para aprender sobre os candidatos e discutir os direitos da criança onde vivem e no mundo.

Ninguém pode influenciar sua escolha, nem mesmo seus amigos, professores ou pais. A menos que você conte, ninguém deve conseguir descobrir em quem você votou. Todos que têm direito de voto devem ser incluídos no registro de eleitores, uma lista onde os nomes devem ser verificados e riscados quando a pessoa recebe a cédula de votação ou ao depositar seu voto na urna.

Convidem pessoas para seu dia!

Convidem a mídia local, políticos e pais para compartilharem a experiência de seu Dia da Votação Mundial!

Façam urnas eleitorais imaginativas



Trançado no Brasil

Pote no Zimbábwe



Lata + papel em Gana

Cabines eleitorais são essenciais



Façam sua própria cabine de votação, ou peçam uma emprestada das eleições dos adultos.



Escolham pessoas para funções importantes

- Os mesários marcam os nomes no registro de eleitores e distribuem as cédulas de votação
- Os fiscais monitoram se tudo ocorre como deveria
- Os apuradores fazem a contagem dos votos



Caixa na Índia

Tinta contra fraude

Certifiquem-se de que ninguém possa votar duas vezes; por exemplo, marquem quem votou com tinta no polegar, uma unha pintada, uma marca na mão ou no rosto. Usem uma tinta que seja difícil de remover!



Entrem na cabine eleitoral um por vez, para que ninguém veja o voto alheio.

Contem os votos, celebrem e enviem os resultados para todos os três candidatos ao WCP!



Nas páginas 21–49, vocês podem se inspirar, visitando os Dias da Votação Mundial em diferentes países.



Hora de la Votación Mundial

En la Votación Mundial participas y decides quién recibirá el Premio de los Niños del Mundo por los Derechos del Niño.

Tienes derecho de voto hasta el año en que cumples 18 años inclusive.

Decidan la fecha de su Día de la Votación Mundial ya al comenzar a trabajar con el programa de WCP, de manera que tengan suficiente tiempo, semanas o meses, para aprender sobre los candidatos y para discutir sobre los derechos del niño en el lugar donde viven y en el mundo.

Nadie debe influir en tu elección, ni tus amigos, ni tu maestro, ni tus padres. Si tú mismo no lo dices, ningún otro podrá saber a quién votas. Todos los que tienen derecho de voto deben figurar en el padrón electoral, una lista de nombres, y con cuidado se tildan sus nombres cuando reciben su papeleta electoral o cuando depositan su voto en la urna.

Bjud in till er dag!

Bjud in lokala medier, politiker och era föräldrar att uppleva er Global Vote-dag!

Hagan urnas electorales creativas



Cesto trenzado en Brasil



Tiesto en Zimbabue

Tarro + papel en Ghana

Caja en India



Gabinete electoral importante



Fabriquen su propio gabinete o pídanlo prestado de las elecciones de adultos.



Designar a las personas clave

- Ejecutores de la votación, que tildan la lista de votantes y reparten las papeletas
- Inspectores, que supervisan que todo vaya bien
- Escrutadores, que cuentan los votos

Color contra el fraude

Asegúrense de que nadie pueda votar dos veces marcando a todos los que votaron con color, por ejemplo, en el pulgar, en una uña, o con una raya en la mano o en el rostro. ¡Utilicen pintura que sea difícil de sacar!



Entren de a uno por vez en el gabinete para que nadie vea a quién votan.

¡Cuenten los votos, festejen y luego informen el resultado por los tres candidatos a WCP!



En las páginas 21-49 pueden buscar inspiración visitando el Día de la Votación Mundial en distintos países.



Terremoto não impediu Votação Mundial de Phulmaya



– Votei hoje da Votação Mundial, e senti que isso foi importante. Os candidatos lutam por nós, crianças. Ao votar, eu mostro que aquilo que eles fazem é importante, e que apoio seu trabalho, diz Phulmaya.

– Eu tive muito medo e pensei que fosse morrer quando o terremoto aconteceu. Nossa casa e minha escola foram totalmente destruídas. No ano anterior, embaixadoras dos direitos da criança vieram à escola. Elas nos deram conhecimento e coragem e nos ensinaram sobre direitos das meninas e como meninas são enganadas e vendidas. Após o terremoto, me preocupei, achando que nunca mais poderia participar do Prêmio das Crianças do Mundo, diz Phulmaya, 12, da aldeia Gairibisauna, no Nepal.

Se existe algo que Phulmaya sente que ela e todas as outras crianças da aldeia precisam aprender mais, é sobre os direitos das meninas.

– Aqui, meninas são forçadas a trabalhar mais que meninos. Eu trabalho várias horas antes e depois da escola. Levanto de madrugada e alimento nossos animais antes de acender um fogo no fogão

e preparar café da manhã. Depois da escola eu coleteo água, lavo roupa, cozinho e lavo a louça. Se conseguir algum tempo livre antes de ir para a cama, eu faço meu dever de casa. Nunca ter tempo para brincar como os meninos fazem, explica Phulmaya.

– Mas tenho sorte mesmo assim. Muitas meninas sequer podem frequentar a escola,



A casa de Phulmaya ficou assim no dia seguinte ao terremoto, apenas uma grande pilha de escombros. Phulmaya ainda ajuda na remoção das pedras.



enquanto seus irmãos frequentam. Os pais não querem pagar para suas filhas, pois o plano é que as meninas se casem jovens e vão morar com a família do marido. Algumas meninas são forçadas a se casar, mesmo quando ainda são crianças.

Phulmaya sempre sentiu que era injusto tratar meninas e meninos de forma diferente. Mas ela não sabia que isso violava seus direitos. Não até que as embaixadoras dos direitos da criança vieram à aldeia com o programa do Prêmio das Crianças do Mundo.

Embaixadoras dos direitos da criança

– Elas me ensinaram que nós, meninas, temos o mesmo valor e os mesmos direitos que os rapazes. Nós também temos o direito a uma boa educação e a sermos bem tratadas e não sermos obrigadas a casar contra a nossa vontade. Isso me deixou muito feliz!

As embaixadoras dos direitos da criança que vieram à aldeia de Phulmaya vivem na Maiti Nepal, uma organização que luta contra o comércio sexual infantil.

– As embaixadoras nos ensinaram muito sobre tráfico de pessoas. Sobre como os traficantes vão a aldeias pobres, como a nossa, e enganam os pais para que vendam suas filhas. Os pais acreditam que as meninas conseguirão um bom trabalho no estrangeiro ou na capital, Katmandu, e poderão enviar dinheiro para casa, mas em vez disso as filhas se tornam escravas em bordéis e são forçadas a fazer coisas ruins.

Phulmaya e seus colegas de escola aprenderam que cerca de doze mil meninas desapa-

recem desta forma do Nepal todo ano, principalmente para a Índia. A maioria delas nunca volta para casa.

– Isso é terrível e deve ser impedido! Quando conheci as embaixadoras, senti imediatamente que eu queria ser uma embaixadora dos direitos da criança, que percorre escolas e luta pelos direitos das meninas e contra o tráfico de escravos no Nepal.

Terremoto

Porém, aconteceu algo que interrompeu os planos de embaixadora de Phulmaya.

– Era um sábado. Eu, minha mãe e um amigo estávamos almoçando quando de repente tudo começou a tremer. Copos e pratos se espatifaram contra o chão. Armários e prateleiras desabaram, a TV caiu. . . tudo se quebrou. Entrei em pânico e tive certeza de que iria morrer. Minha mãe gritou que tínhamos de ir para fora! E mal tivemos tempo de sair antes que a casa desabasse. Sobrou apenas uma pilha de entulho.

Todos os vizinhos saíram de suas casas, que também desabaram.

– Era irreal. Todos choravam e gritavam. Abraçamos e tentamos consolar uns aos outros. Minha família teve sorte, pois todos sobreviveram, mas o avô do meu amigo não conseguiu sair antes que a casa desabasse sobre ele. E morreu. Muitos no Nepal morreram durante o terremoto.

Phulmaya e seus vizinhos tiveram que dormir na rua nos primeiros tempos após o terremoto.

Phulmaya parte para a escola enquanto a mãe limpa a frente da casa com telhado de zinco, que será a nova casa da família.



As persianas estão em seus lugares nas salas de aula quando as crianças embaixadoras dos direitos da criança ensinam aos alunos, ao contrário das paredes de pedra, que desabaram durante o terremoto.



Maiti – laureada do WCP

Em 2002, a Maiti Nepal recebeu o Prêmio das Crianças do Mundo por sua luta contra o tráfico de meninas nepalesas que são vendidas como escravas, principalmente para a Índia. A Maiti impede que meninas pobres sejam enganadas e vendidas a bordéis, educando-as e informando-as. A Maiti cuida e apoia meninas que foram escravas e tem guardas de fronteira, que impedem os traficantes quando eles tentam trazer meninas enganadas do Nepal.

→ – Éramos quinze pessoas deitadas muito próximas no chão. Tivemos que compartilhar os poucos cobertores disponíveis. Todos estavam tristes e choravam. Alguns diziam que os tigres viriam enquanto estávamos deitados lá, completamente desprotegidos. Eu estava com muito medo.

Escola destruída

A escola de Phulmaya também foi destruída. As paredes desmoronaram e bancos, livros, computadores e todos os outros materiais escolares ficaram soterrados sob os escombros.

– Temi que nunca conseguisse voltar para a escola. Nos primeiros tempos, todos na aldeia tiveram difi-

culdade para conseguir comida suficiente, porque as lojas e os campos ficaram soterrados sob a massa de pedras e lama.

– Estávamos famintos e tivemos que remover os entulhos. Nós construímos um pequeno galpão de chapa de metal e plástico, onde ainda vivemos. Funciona, mas eu não gosto mais dele. É apertado e eu tenho que deitar no

chão. Agora, na estação chuvosa, chove um pouco lá dentro e tudo fica molhado e úmido. Mal posso esperar até que nossa nova casa esteja pronta.

Prêmio das Crianças do Mundo

Enquanto a família de Phulmaya e todos os outros removiam os escombros de

suas casas destruídas, eles também lutavam na tentativa de organizar a escola da aldeia. Após um mês de trabalho duro, os alunos finalmente puderam voltar.

– Foi tão bom encontrar todos os amigos e começar a aprender novamente. Antes do terremoto, a nossa escola era muito bonita, mas não é mais. Faltam divisórias, livros



Phulmaya lê a revista O Globo no chão do pequeno galpão, que é a casa temporária da família.





Todos estavam muito ansiosos para o Dia da Votação Mundial, e agora ele finalmente chegou. Com grande seriedade, os alunos formam filas para votar.

e muito mais. Mas mesmo assim é uma sensação muito boa estar de volta.

Phulmaya sentiu-se ainda melhor quando percebeu que ela e todos os outros alunos da escola continuariam participando do Prêmio das Crianças do Mundo.

– Depois do terremoto, temi não conseguir encontrar as embaixadoras dos direitos

da criança novamente. Além disso, eu estava com medo de não poder ler a revista O Globo ou participar do WCP e aprender mais sobre nossos direitos. Mas as meninas embaixadoras voltaram e estamos participando de novo! Esta vez foi mais especial para mim, porque eu pude ajudar as embaixadoras a falar sobre os direitos da

criança e preparar minha classe para a Votação Mundial. Eu falei sobre direitos das meninas e como meninas são raptadas e vendidas. Fiquei nervosa, mas principalmente feliz e orgulhosa. E, na verdade, nós votamos hoje. O terremoto não conseguiu impedir nossa Votação Mundial! 🌐



Luta pelas meninas

Phulmaya pode ajudar as embaixadoras dos direitos da criança a informar sua classe sobre os direitos das meninas e sobre o tráfico de pessoas, como as meninas são raptadas e vendidas como escravas.

– Depois do terremoto, o risco de que as meninas sejam submetidas à exploração sexual infantil aumentou, pois as famílias ficaram mais pobres. Muitas crianças perderam seus pais e isso facilita a exploração de crianças por traficantes. Por isso, sentimos que era importante falar sobre isso agora, conta Phulmaya.

Quase 9.000 mortos

Os dois fortes terremotos de 25 de abril e 12 de maio de 2015, mais os 380 tremores secundários tiveram consequências terríveis no Nepal, um país já muito pobre:

- 8.959 pessoas morreram, das quais 2.525 eram crianças.
- 1.642 crianças perderam um ou ambos os pais.
- 32.000 salas de aula foram destruídas.
- 985.000 crianças não puderam voltar para a escola.
- 900.000 casas foram danificadas ou totalmente destruídas.
- 765 hospitais ou centros de saúde foram danificados ou totalmente destruídos.
- 10.000 crianças estão desnutridas como resultado do terremoto.
- 513 meninas e mulheres foram resgatadas do tráfico de pessoas na fronteira com a Índia desde o terremoto.



Nunca vá com estranhos!

“Senti-me bem quando os embaixadores dos direitos da criança chegaram à aldeia, nos ensinaram coisas importantes e explicaram sobre o Prêmio das Crianças do Mundo. Mas também fiquei triste. Pois saber que meninas nepalesas da minha idade são vendidas e acabam no comércio sexual e na escravidão é terrível. Dói. Quem vai parar no comércio do sexo tem todos os seus direitos violados. Não se recebe nenhuma educação escolar nem futuro. Os embaixadores nos avisaram para nunca falar com estranhos e nunca acompanhar alguém que não conhecemos. Eles também nos avisaram para não comer comida oferecida por um desconhecido, porque ela pode estar envenenada. Quando uma pessoa é drogada, ela corre o risco de ser sequestrada e vendida como escrava. Este é um bom conselho para nos ajudar. Eu gostaria de ser embaixadora dos direitos da criança pelos direitos das meninas, e percorrer aldeias e explicar que todos são iguais, para que a discriminação às meninas tenha fim.

Quando crescer, eu quero ser enfermeira.”

Ganga, 13, Escola Secundária Superior Shree Tapeshwor



Trate filhos e filhas igualmente!

“Hoje tivemos a Votação Mundial na minha escola. Eu fui um policial e mantive a ordem nas filas. Tivemos a Votação Mundial porque estamos trabalhando com o Prêmio das Crianças do Mundo na escola. Ao participar do WCP, eu aprendi que as crianças têm direitos, que não devemos forçar crianças a trabalhar duro, e que todas as crianças devem ir à escola. Também aprendi que adultos não devem bater em crianças. Mas crimes contra crianças são comuns no Nepal. Especialmente as meninas têm dificuldade aqui. Nas aldeias, muitas meninas não podem frequentar a escola, pois têm que trabalhar em casa e nos campos. Porém, seus irmãos vão à escola. Quando as meninas têm 13-14 anos, muitas são forçadas a se

casar com homens adultos. Tudo isso está errado. É claro que filhos e filhas devem ser tratados da mesma forma! Eles nascem da mesma mãe, mesmo sangue. Qual é a diferença? Nenhuma! Você tem o mesmo valor, quer seja menino ou menina. É importante que as embaixadoras dos direitos da criança percorram as escolas e ensinem sobre nossos direitos. Depois vamos para casa e falamos sobre o que aprendemos para as nossas famílias e vizinhos. Nós lhes mostramos a revista O Globo. Quando todos tiverem conhecimento, acredito que todas as crianças, gradualmente, terão tratamento melhor no Nepal. No futuro eu quero ser oftalmologista.”

Jeevan, 14, Escola Secundária Superior Shree Tapeshwor



Embaixadoras inspiram

“Eu realmente gosto quando as embaixadoras dos direitos da criança vêm aqui e ensinam sobre os direitos das meninas. Gosto de ouvir que temos de ser respeitadas. Aqui, meninas muitas vezes são tratadas pior que meninos. Muitas irmãs frequentam escolas piores que seus irmãos, isso quando podem ir à escola. Isso me deixa triste e com raiva. Se os pais só se importam com os filhos homens, acho que eles não deveriam ser autorizados a ter nenhum filho(a)! Talvez os meninos que ouvem as embaixadoras venham a ser bons pais no futuro, que tratam suas filhas tão bem quanto os filhos. Espero que sim!

As embaixadoras mostram que as meninas podem fazer coisas importantes, se tiverem a chance. Elas são corajosas para falar sobre os nossos direitos



diante de crianças e adultos. Isso me inspira! Eu também quero ser assim! Hoje eu fui mesária da eleição e pinte com uma pena de marcador uma unha de todos que votaram. Fiz isso para que ninguém pudesse votar mais de uma vez. É importante. Isto é sobre nossos direitos e é importante que não haja fraude eleitoral!

Quando crescer, eu quero ser assistente social e lutar pelos direitos da criança.”

Pusana, 14, Escola Secundária Superior Shree Tapeshwor



Meninos embaixadores dos direitos da criança

"Hoje tivemos a Votação Mundial na escola. Foi como uma grande festa. Nós celebramos nossos direitos e todos estavam juntos. Antes da Votação Mundial, embaixadores dos direitos da criança do WCP vieram aqui na nossa escola e ensinaram sobre os direitos da criança, o tráfico de pessoas e sobre o Prêmio das Crianças do Mundo. Eles também nos ensinaram que meninos e meninas são iguais e têm os mesmos direitos. É algo que eu concordo totalmente! Por isso, é justo que nós, meninos, também devemos ser embaixadores dos direitos da criança e lutar por coisas importantes. Se fosse embaixador, eu explicaria que meninos e meninas têm direitos iguais e devem ser tratados com igualdade. No Nepal, é comum que as meninas trabalhem mais que nós, rapazes. Isso é errado! Na minha família, nós dividimos igualmente, eu e minhas irmãs. Se alguma

delas cozinha, eu corto os legumes. Se minhas irmãs lavam roupas, eu coeto água. É certo dividir o trabalho. Assim, todos têm algum tempo para brincar e fazer o dever de casa corretamente. Como embaixador dos direitos da criança, eu diria a todos os rapazes para ajudar suas mães e irmãs em casa. Eu também lutaria contra o tráfico de pessoas, que também é comum aqui. Pessoas pobres são enganadas para vender seus filhos, meninas e meninos. Os traficantes dizem que as crianças receberão uma boa educação e empregos bem remunerados para que possam enviar dinheiro à família. Em vez disso, as crianças acabam na escravidão, muitas vezes no exterior. Tanto meninos quanto meninas muitas vezes são obrigados a trabalhar como escravos domésticos, ou transportar fardos pesados de madeira, ou trabalhar duro nos campos.

Algumas meninas acabam em bordéis como escravas na Índia. Isso é terrível! Quando eu crescer, meu sonho é ser médico."
Sujan, 12, Escola Secundária Superior Shree Tapeshwor



TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE



Indo votar pelos direitos da criança.



Celebram a Votação Mundial

O Dia da Votação Mundial termina com todos recebendo suco e doces. Hoje o terremoto parece muito distante.

GHANA
Crianças de várias escolas em Kasoa, Gana, se reuniram para a Votação Mundial no Complexo Presbiteriano Ebenezer.

O Globo me tornou defensora dos direitos da criança



Embaixadora dos direitos da criança para a democracia

"A revista O Globo colocou sorrisos nos rostos das crianças, ensinando-lhes sobre seus direitos. Com a revista O Globo aprendi sobre meus direitos e agora estou mais forte, mais corajosa e mais sábia. Como embaixadora dos direitos da criança, eu acredito fortemente na democracia, porque uma voz não pode fazer uma nação, assim como uma árvore não pode fazer uma floresta. Quero ouvir e escutar as opiniões de todos. Como líder do Clube de Meninas Erica, eu tenho conseguido ensinar outras pessoas sobre os direitos da criança com a ajuda dos recursos divertidos que há na revista. Eu e os membros do clube conseguimos ensinar mais de 50 crianças sobre seus direitos. O lema do Clube de Meninas Erica é: Unir e fortalecer a juventude".
Erica, 14, embaixadora dos direitos da criança, Little Rock School



"Sou um membro ativo do clube dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo na minha escola, e meu encontro com a revista O Globo foi muito útil em minha vida e dos meus amigos. Ao ler a revista O Globo, percebi que ela educa as crianças sobre muitos direitos dos quais não estamos conscientes. Ela também mostra as plataformas que podemos usar para protestar e exigir nossos direitos.

Embora nossos direitos tenham sido mencionados durante aulas na escola, a revista O Globo não apenas me fortaleceu, mas também fez de mim uma ativista, defendendo meus direitos e dos meus colegas a todo o momento.

Muda os meninos

Nossos pais e professores já fizeram várias alegações falsas sobre os direitos da criança. Alguns deles ainda acreditam

que é errado pessoas mais velhas pedirem desculpas a crianças quando fazem algo errado. Agradeço à revista O Globo por revelar todas estas falsas alegações para as crianças de hoje. Por exemplo, graças à revista O Globo, está ficando no passado a percepção de que apenas homens devem falar em público, ter certas responsabilidades na sociedade e tomar decisões em suas famílias. O Globo também fez a atitude dos rapazes mudar em relação às tarefas de limpeza na escola, e

agora eles participam da varrição do pátio e das salas de aula.

Agora sei que nem mesmo meus pais podem me forçar a casar cedo. O Globo me diz que, como criança, tenho o direito de me defender de qualquer pessoa que queira violar meus direitos, me discriminar ou maltratar. Recomendo a revista O Globo a todas as crianças de meu país, para que, juntas, possamos lutar por nossos direitos".
Berlinda, 15, embaixadora dos direitos da criança, Buduburam Junior High School



Clube de Meninas Erica realiza formação sobre os direitos da criança.

O Globo me ajudou a entender que devo ajudar

"Eu achava que as meninas deviam realizar todas as tarefas domésticas, até que percebi que ambos os sexos devem dividir essas tarefas igualmente. Aqui em Gana, há muitos pais que não enviam suas filhas à escola. A justificativa é que as meninas apenas cuidarão de tarefas domésticas quando se casarem. Não devemos pensar que apenas as meninas devem estar na cozinha, mas meninos também precisam fazer as tarefas em casa. Desde que comecei a

ler a revista O Globo, ela me ajudou a entender que devo realizar tarefas domésticas. Por isso, comecei a ajudar minha mãe e minhas irmãs a lavar, varrer e buscar água. Meninos precisam entender isso e ajudar as irmãs com as tarefas em casa".
Ebenezer, 15, Budburam Basic C-School



UGANDA



Leitoras ávidas de O Globo na Escola Primária Minaka, em Uganda.

TANZÂNIA



FOTO: ANNA LÖFVING

BENIN



Fila para votar na escola CS l'Horizon.

Aula de direitos da criança com a revista O Globo.



Votação Mundial na escola da heroína dos direitos da criança

Oini vira as páginas da revista O Globo com o pé e ri. Ele está em uma cadeira de rodas e não pode usar seus braços. Ele frequenta a escola que Anna Mollé construiu com o dinheiro do prêmio que recebeu quando foi eleita Heroína dos Direitos da Criança na Votação Mundial de 2012. A escola de Anna é frequentada por crianças com e sem deficiência.

— O Prêmio das Crianças do Mundo é importante na nossa escola e a Votação Mundial é o melhor dia do ano, afirma Oini. Não sabemos ler em inglês, então alguém tem que traduzir todo o texto da revista para nosso idioma, o suaïli.

O WCP nos ajuda a lutar

“Tenho certeza de que, com o programa do WCP, pais e outros adultos saberão que nós temos direitos que devem ser respeitados. Todas as crianças têm o mesmo valor e direitos iguais, mas os meninos são mais valorizados aqui. A menina tem que fazer o trabalho doméstico para toda a família. Graças ao programa do WCP, podemos lutar para que meninas e meninos tenham direitos iguais”.

Anabelle, 15, CSL'Horizon

Possibilita que professores entendam

“O Prêmio das Crianças do Mundo é um programa muito importante para as crianças. Em meu país, os direitos da criança não são respeitados. A punição corporal é comum nas escolas e este programa do WCP, em particular, possibilita que os professores entendam que a palmada não é a melhor maneira ensinar aos alunos. Como responsável pelo clube dos direitos da criança do WCP em minha escola, eu luto para que meus camaradas conheçam seus direitos, e que os adultos compreendam que é importante respeitar a liberdade de rapazes e meninas, que têm os mesmos direitos”.

Calixta, 16, C.S. Les Èlus

Ajuda-me a entender direitos e democracia

“Meninas são capazes de fazer tudo que os meninos fazem. Alguns pais acreditam que somos feitas para o trabalho doméstico e não para a escola. Isso não é justo. Minha participação no WCP 2015 me permitiu entender melhor as questões de direitos e democracia para crianças. Através da Votação Mundial, manifestamos a nossa voz e compreendemos as etapas envolvidas em um processo democrático”.

Seinath, 15, CEG 1 D'Akpro Missèrètè

Clube do WCP melhora a luta contra a punição corporal

“Eu fui beneficiada pela fundação de clubes do WCP e entendi que eles melhoram a luta para acabar com a exploração sexual de meninas e com a punição corporal. Alguns professores, e até mesmo pais, ainda usam esses métodos no meu país. Através do programa do WCP, conheço melhor os meus direitos, pois estudo e discuto esses temas em sala de aula”.

Mariel, 15, Complexe Scolaire St Luc

Com o programa do WCP por um mundo mais humano

“Esta formação permitiu-me aprender sobre os meus direitos. Em Benin, os direitos da criança não são muito respeitados, e cabe a nós, crianças, ensinar os adultos a ter mais respeito por nossos direitos. Através do programa do WCP, nós, crianças, estamos determinadas a lutar junto com nossos amigos e escolas de todos os países por um mundo mais humano”.

Nambilathou, 15, clube dos direitos da criança do WCP, CEG Bio-Guerra de Porto-Novo

O Globo me ajuda a entender

“Os direitos das meninas não são muito respeitados no meu país, mas o WCP me ajuda a entender melhor os meus direitos. A revista O Globo é muito boa, e em disciplinas como geografia e história, a estamos usando para estudar a Convenção sobre os Direitos da Criança. Nosso professor nos dá exercícios na revista que me permitem compreender melhor a realidade das crianças”.

Merveille, 16, CS St Luc

SERRA LEOA

Nossos professores devem parar de nos espancar!

“Nossos professores precisam aprender sobre os direitos da criança todos os dias, pois violam nossos direitos diariamente. Queremos que nossos professores parem de nos espancar na escola”.

Bessie, 14, Escola IMAT

Toda criança precisa conhecer seus direitos

“Toda criança precisa conhecer seus direitos e obrigações. Por isso, usamos a revista O Globo durante nossas reuniões do clube escolar, para fazer outras crianças entenderem seus direitos”.

Samantha, 14, Escola IMAT



Anabelle



Calixta



Seinath



Mariel



Nambilathou



Merveille

SUÉCIA

Educamos os adultos!



— Convidamos todos os pais para o nosso Dia da Votação Mundial. Fizemos uma apresentação em sala de aula e discursamos sobre os heróis dos direitos da criança e os direitos da criança, conta Saga, 12, na escola Snättringe, em Huddinge.

— Os adultos aprenderam muito, diz Felix, 12.

Fredrik, Erik, Linnéa, Ellida, Joel, Felix, Adriel e Saga participaram da organização do Dia da Votação Mundial. Eles fizeram tudo, desde riscar os nomes de seus colegas da lista de eleitores até apurar os votos.





Eleição justa na Guiné-Bissau

– Bem-vindos à nossa Votação Mundial aqui na Escola Comunitária Arafam Mane em Ingoré, Guiné-Bissau! Em primeiro lugar, temos que verificar se a urna está vazia antes de começar, diz Wilsa, 11, a presidente da Votação Mundial.

Wilsa vira a urna eleitoral, feita de papelão, para cima e para baixo enquanto a sacode. Ela faz isso para garantir que ninguém tenha trapaceado, e que a eleição seja democrática e justa. Isso é importante para as crianças na escola de Wilsa. Elas vivem em um país que teve longos períodos de ditadura, além de vários golpes e violência relacionada às eleições. As crianças decidiram que sua eleição será diferente. A votação pode começar. . .

Votem em nós!

Aisato, 9, Botche, 12, e Tchamo, 13, representam os candidatos na eleição.

Cabine de votação para o voto secreto.





Fila de votação dobra a esquina

A fila de votação é tão longa que continua após dobrar a esquina da escola.



Revista O Globo na sala de aula.

Muitas escolas participam!

Há muitas escolas na Guiné-Bissau que participam do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Aqui, Equintânea, 13, vota pelos direitos da criança na Escola do Ensino Básico Unificado de Ingoré -1.



Lê O Globo diariamente!

"Costumo ler a revista O Globo todos os dias quando volto da escola, antes de sair para jogar futebol com meus amigos. Eu realmente gosto da revista e aprendo coisas que não sabia antes. Por exemplo, que meninos e meninas têm os mesmos direitos. Aqui não é assim. Quando o dia na escola termina, as meninas têm que trabalhar duro limpando a casa, lavando e cozinhando, enquanto nós, meninos, temos liberdade para brincar e jogar futebol. Isso não é certo, deveríamos dividir o trabalho. Se a irmã limpa a casa, o irmão poderia lavar a roupa. Assim, ambos poderiam ter tempo para lazer, descansar e brincar. Eu só tenho irmãos, por isso nós limpamos a casa e lavamos a roupa e a louça em casa. Ajudamos nossa mãe. Ela não tem que fazer tudo. Nós ajudamos e isso nos faz sentir bem."



Aqui também há muitos pais que deixam somente os filhos concluírem os estudos. As filhas se casam cedo e têm que abandonar a escola. Se todos os meninos e pais lessem a revista O Globo, acho que a vida das meninas seria melhor. Todos teriam mais conhecimento.

Quando crescer, eu quero ser técnico de informática."

Saico, 13, Escola Comunitária Arafam Mane



Importante para nós, meninas!

Agentes de proteção

— Eu certifico que a fila de votação esteja em ordem. E ajudo para que cada eleitor se encaminhe ao mesário apropriado, diz Domingas, 14, que, juntamente com Suleiman, 12, é responsável pela segurança durante a Votação Mundial.

“Hoje é um dia importante, não apenas para nós aqui, mas para as crianças de todo o mundo que participam do Prêmio das Crianças do Mundo. Antes de votar, nos preparamos lendo a revista O Globo, quando aprendemos muitas coisas importantes. Como que todas as crianças têm o direito de ir à escola. E aprendemos que meninas e meninos têm direitos iguais. Mas aqui meninas trabalham mais em casa que meninos. Também é mais difícil para nós conseguirmos frequentar a escola. Portanto, acho que o WCP é importante para nós, meninas, na Guiné-Bissau!”

Salemato, 12, fiscal eleitoral na Votação Mundial, Escola Comunitária Arafam Mane



Somos fiscais eleitorais

— Nossa tarefa mais importante é garantir que as coisas sejam feitas corretamente e que a eleição seja justa. Até agora tudo parece muito bom! diz Tchernon, 16, que, junto com Salemato, 12, forma a equipe de fiscais eleitorais.

Mesa dos escutinadores

Meninas colhem caju

“Antes da Votação Mundial, nós nos preparamos junto com nossos professores. Aprendemos que todos têm o direito de ir à escola, mas nem todos o fazem. E que algumas crianças não recebem alimento em casa se não trabalharem duro. Aqui também pode ser assim, especialmente para nós, meninas. Nesta época do ano, colhemos caju na Guiné-Bissau. Muitas vezes os pais tiram suas filhas da escola para ajudar na colheita, enquanto os filhos podem continuar estudando. Não está certo! Meninas e

meninos têm os mesmos direitos. As meninas também devem ir à escola. Eu acho que rapazes e meninas

devem poder frequentar a escola de manhã. Depois da escola, tanto os filhos quanto as filhas ajudam seus pais na colheita.

Na revista O Globo, aprendemos que meninos e meninas têm os mesmos direitos. Isso me deixa feliz! Eu acho importante que participemos do Prêmio das Crianças do Mundo, pois então podemos contar o que aprendemos em casa. Podemos explicar a nossos pais que eles devem nos tratar da mesma maneira que os candidatos ao WCP tratam as crianças. Os candidatos não fazem distinção entre meninos e meninas. Eles não tratam as meninas pior. Se lhes contarmos o que aprendemos, a vida será melhor para nós, meninas, no futuro.

Quando crescer, eu quero ser médica e ajudar doentes e feridos.”

Esperia, 12, Escola Comunitária Arafam Mane



Está na lista de eleitores?

— Eu risco todos os nomes que o presidente da votação chama depois de terem mostrado seus cartões de votação. Se alguém não estiver na lista de eleitores, essa pessoa não pode votar. Felizmente, até agora todo mundo estava na lista e pode votar hoje, afirma o secretário Seido, 10.



A presidente da Votação Mundial Wilsa confere o título de eleitor de Mamadi, e a mesária da votação Seido verifica se ele está no registro eleitoral.



Podemos ensinar aos adultos!

– Minha tarefa é fazer com que ninguém vote mais de uma vez. Para isso, eu faço um “x” no cartão de votação de cada eleitor que já votou, e certifico que todos que votaram mergulhem o dedo indicador direito em tinta. É importante que cada pessoa vote apenas uma vez; caso contrário, o resultado não é correto e justo. Uma pessoa, um voto! Nem sempre é assim quando os adultos estão votando nas eleições presidenciais na Guiné-Bissau. Nós, crianças, podemos ensinar aos adultos

como realmente deve ser feito. Eu aprendi como uma eleição democrática deve ser através da participação no Prêmio das Crianças do Mundo. Este é o segundo ano que eu participo. A premiada com o WCP de 2014, Malala, do Paquistão, que está no cartaz atrás de nós, é meu modelo. Ela defende as meninas e trabalha pelos direitos da criança. É assim que eu quero ser! diz a escutinadora Sadjo, 14.



Crianças tornam-se escravas

“A Guiné-Bissau ratificou a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e outras leis importantes que proibem o trabalho infantil e protegem as crianças de outras maneiras. Porém, as crianças ainda passam muitas dificuldades aqui. Crianças são abusadas, muitas não frequentam a escola e são obrigadas a trabalhar, meninas jovens são abusadas sexualmente e forçadas a se casar cedo e muitas crianças são vítimas de tráfico e tornam-se escravas talibés no nosso país vizinho, o Senegal. Isso significa que as crianças são obrigadas a mendigar nas ruas para o marabu, que é o líder da escola corânica que frequentam. Se as crianças não voltam com o que se espera em dinheiro ou arroz, são maltratadas. Algumas são espancadas com tal violência que morrem. Um dos meus amigos foi enviado ao Senegal como talibé quando tinha dez anos de idade. Ele conseguiu fugir e voltar para casa e contou histórias

horíveis sobre o que passou. Muitas das crianças que mendigam nas ruas de cidades senegalesas são da Guiné-Bissau.

Eu acho que é muito importante tanto aprendermos quanto falarmos sobre nossos direitos. Se conhecermos nossos direitos, não é tão fácil que eles sejam violados. É por isso que o Prêmio das Crianças do Mundo é tão importante aqui. Muitas pessoas, adultos e crianças, não têm ideia de que as crianças têm direitos. Quando lemos a revista O Globo, nós aprendemos sobre a situação das crianças em todo o mundo e sobre os direitos da criança.

Quando crescer, eu gostaria de ser médico e tratar crianças gratuitamente. Também gostaria de ter uma escola que as crianças possam frequentar gratuitamente. É o meu sonho.”

Edson, 16, Escola Comunitária Arafam Mane

Sem fraude eleitoral

Sadjo pressiona o dedo de Mamadi na esponja dentro da lata, que foi embebida em tinta. Agora ele não pode votar duas vezes!



Eu votei!

Mamadi, 10, mostra o cartão de votação necessário a fim de obter permissão para participar da eleição. O “x” verde no cartão mostra que ele já votou.



Aqui, Sona Mane deposita seu voto pelos direitos da criança.



Meninas são enviadas para casar

"Foi muito bom ler a revista O Globo e participar da Votação Mundial. Aprendi que todas as crianças têm o direito a uma casa, o direito de se alimentar bem, o direito de ter roupas e sapatos e o direito de ir à escola. Aqui não é assim para todas as crianças. Nós, meninas, temos mais dificuldade. Aqui, meninas que ainda são crianças podem ser obrigadas a abandonar a escola e se casar com adultos. Se as meninas se recusam, elas são espancadas por seus pais ou outros parentes. As meninas podem ter cerca de 14 anos quando são enviadas para se casar. Eu conheço várias delas. São jovens demais para ter filhos. Tanto as meninas quanto seus filhos podem morrer. E assim, as meninas têm que abandonar a escola. Na revista

O Globo, eu li que isso é errado. Não se deve tratar crianças desta forma.

É bom aprendermos como as crianças devem ser tratadas, porque então podemos dizer aos nossos pais. Talvez tudo de ruim possa acabar quando todos souberem que, na verdade, é proibido. Quero ser professora ou ter algum outro bom trabalho e ganhar dinheiro. Então, vou comprar uma casa e cuidar de minha mãe que garantiu que eu pudesse ir à escola."

Inácia, 10, Escola Comunitária Arafam Mane



Lê O Globo para outras crianças!

"Ao participar do Prêmio das Crianças do Mundo, aprendi muito sobre a situação das crianças em todo o mundo. É comum que muitas famílias cuidem, por exemplo, de sobrinhas e sobrinhos que perderam os pais e necessitam de apoio e ajuda. Apesar disso, existem alguns adultos que só tratam bem os seus próprios filhos biológicos. As crianças que perderam os pais muitas vezes não frequentam a escola e, em vez disso, têm que trabalhar. Muitos dos meus amigos são tratados dessa maneira. Não deve ser assim. As pessoas devem se preocupar com todas as crianças. Eu aprendi isso na revista O Globo. Portanto, é importante que

participemos do Prêmio Crianças do Mundo. Nós, que frequentamos a escola podemos levar a revista O Globo para casa e ler para aqueles que não estão na escola. Também podemos explicar aos seus responsáveis que as crianças têm o direito de ir à escola. Gradualmente, acho que isso pode ser modificado e melhorar para todas as crianças aqui.

Quando crescer, eu quero ser professor. Então, usarei a revista O Globo ao ensinar."

Seido, 10, secretário da Votação Mundial, Escola Comunitária Arafam Mane



Aqui ela está vazia!

Wilsa removeu todas as cédulas eleitorais. Antes de começar a contagem dos votos, ela mostra que a urna está vazia.

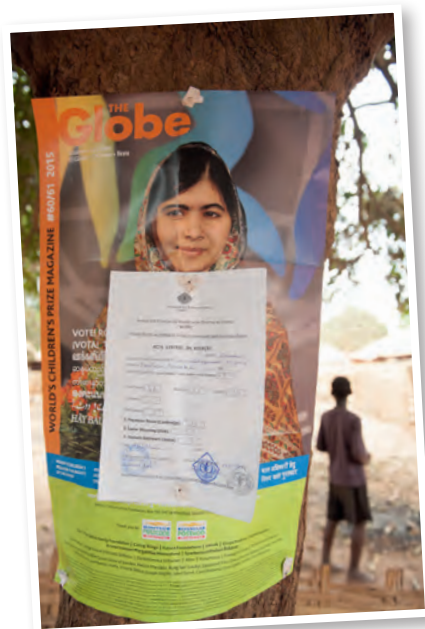


Resultado da votação pronto

Os votos foram contados duas vezes antes de Wilsa preencher o relatório da votação. Em seguida, o cartaz de Malala foi exposto, para que todos possam ver como foi a Votação Mundial em Ingoré.

Viva a votação, viva! Viva a votação, viva!

– Na Guiné-Bissau, é costume de gritar “vivas” como eu fiz quando apresentamos o resultado da votação. Isso é feito quando se deseja comemorar alguma coisa. Uma pessoa grita primeiro e, depois, todas as outras respondem. Eu gritei “Viva a votação, viva!”, e todos gritaram “Viva!” de volta. Pensei que tudo tinha corrido muito bem hoje na Votação Mundial, e que era hora de comemorar!



Quando a votação termina, o Dia da Votação Mundial e os direitos da criança são celebrados com dança vigorosa no pátio da escola. Aqui Aminata, 10 anos (de vestido verde), dança junto com seus colegas.

Veja Seido e seus colegas comemorando a Votação Mundial em www.worldschildrensprize.org

ÁFRICA DO SUL

Nós, alunos, planejamos o programa do WCP

"Todo nosso conselho de estudantes participou de um curso do WCP. Ficamos tão inspirados pelas histórias na revista O Globo que decidimos implementar o programa do WCP em nossa escola. Planejamos durante os intervalos e apresentamos o plano ao diretor. Ele e os professores nos deram sinal verde. Distribuímos O Globo nas salas de aula para que pudessem estudar o programa. O diretor deu-nos a manhã de segunda-feira durante todo o semestre e, nessas ocasiões, apresentamos as histórias dos candidatos ao WCP a todos os alunos". *Tawfeeq, 17, presidente do Conselho Representativo dos Aprendizes (LRC), Rylands High, Cidade do Cabo*

O Globo também ensinou meu professor

"É difícil para as crianças serem quem desejam, pois outras pessoas sempre querem que façamos o que mandam. A revista O Globo ensinou a mim e a meus colegas que há muitos modos diferentes de estar no mundo. Até meu professor disse que O Globo ensinou-lhe como o mundo é, e que devemos sempre respeitar os direitos humanos". *Unathi, 15, Escola Chris Hani, Khayelitsha*



NIGÉRIA

Filas de votação preenchem pátio da escola Olivet Baptist Academy Oyo.



Luta pelas meninas com ajuda da revista O Globo

"Eu amo a revista O Globo porque ela ensina as crianças sobre nossos direitos e como podemos exigir que sejam respeitados. Como embaixadora dos direitos da criança do WCP e presidente recém-eleita dos clubes do WCP na Nigéria, usarei minha posição para combater a discriminação contra meninas na família, na escola e na comunidade. Além disso, lutarei pela educação das meninas com ajuda da revista O Globo". *Sarah, 15, embaixadora dos direitos da criança, presidente clubes do WCP na Nigéria*

A maior escola do mundo vota

Não escutam as crianças

"Na Índia, a maioria das crianças não sabe quais são seus direitos. A situação dos direitos da criança na Índia é predominantemente ruim, mas isso difere de criança para criança. Por causa de uma sociedade corrupta, crianças pobres, mas inteligentes não têm o direito de estudar em uma boa escola. Crianças são vistas como pequenas, e as pessoas não escutam seus conselhos. Senti-me muito feliz em participar do programa do WCP".

Shreyansh, 12, City Montessori School, Lucknow



36

FILIPINAS



Em Ocampo, Camarines Sul, o Dia da Votação Mundial é iniciado com uma marcha pelos direitos da criança à frente da qual a urna eleitoral é carregada.

PAQUISTÃO



As crianças da aldeia de Dobar no deserto de Thar, Paquistão, participam do programa do WCP há anos. Em 2015, fortes chuvas destruíram toda a aldeia.

WCP na inundação

"Todos os anos, ao participarmos do programa do WCP, aumentamos nosso conhecimento sobre direitos da criança e sobre pessoas que lutam pelo respeito aos direitos no mundo. Mas não temos todos os nossos direitos respeitados. Não recebemos uma educação de verdade, a escola não tem edifícios ou livros escolares.

Inicialmente, nós brincamos na chuva quando começou, mas depois ela aumentou mais e mais. Fiquei com muito medo. De repente, nossa casa desmoronou, mas conseguimos sair a tempo. Todos gritaram. Todos nossos alimentos e nossas colheitas foram destruídos pela água, e nossas duas cabras morreram. Não sabemos o que comeremos pelo resto do ano". *Durga, 12*

ÍNDIA



Alunos da maior escola do mundo, a City Montessori School, com 52.000 alunos em Lucknow votam na Votação Mundial.

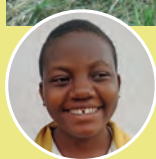


Torneio de futebol dos clubes do WCP em Tiko, Camarões.



No clube do WCP ajudamos uns aos outros

“Aqui vivemos em clãs familiares, onde partilhamos alegrias e tristezas. O clã se organiza para cuidar das necessidades de seus membros. Mas no clube do WCP não há clãs, pois sentimos unidade e ajudamos uns aos outros”.
 Ebude, 15, Instituto Bilíngue KOEL, Tiko



Viva o WCP!

“Agradeço aos clubes do WCP, pois eu não tinha voz. Não podia discutir livremente com um rapaz. Mas hoje meninos e meninas falam com igualdade de condições e também sentam-se junto nas salas de aula.

O WCP é um programa que escuta as crianças de uma forma especial e assegura a participação das crianças. O WCP foi

concebido para nos permitir apreciar homens e mulheres que são corajosos o suficiente para lutar pelos direitos da criança. Ele também foi criado para incentivar outras pessoas a lutar por aquilo em que acreditam.

Através deste programa, as crianças em Camarões, especialmente eu, podem fazer aquilo em que acreditamos, como falar

em público. Eu também posso organizar a Votação Mundial, envolvendo meus amigos, principalmente amigos que não podem pagar para ir à escola durante o dia. Encorajo-os a frequentar a escola noturna, depois de fazer pequenos trabalhos durante o dia. Deste modo, muitas crianças vulneráveis agora participam do programa do

WCP.

Este programa permite que as crianças leiam a revista O Globo. Elas estudam e discutem os direitos da criança, que antes eram um tabu. Hoje o WCP abriu nossos olhos.

Viva o WCP!”
 Enanga, 16, Instituto Bilíngue KOEL, Tiko

BIRMÂNIA/MYANMAR



Vacas comeram a cabine de votação

Quando chegou a hora da Votação Mundial na escola Kwee Ta Mar, na região Karen da Birmânia, várias escolas se reuniram. Algumas das crianças tinham caminhado desde o dia anterior para chegar a tempo. As crianças tinham preparado tudo na noite anterior, e fizeram uma cabine de votação com folhas grandes. Na manhã da eleição, elas foram recebidas com uma surpresa. As vacas haviam comido as folhas durante a noite, então as crianças tiveram que buscar novas folhas às pressas.

– Foi a primeira vez que li a revista O Globo em meu próprio idioma, o karen, e que participei da Votação Mundial. Aprendi o são que os direitos da criança com a revista, diz Saw Eh, 13.

TOGO

Pela primeira vez as crianças no Togo participam do Programa do WCP e da Votação Mundial.



“Somos flores que sempre desabr

“Estou muito orgulhoso por meus amigos me terem escolhido como líder do clube dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo em Massaca. Trabalhamos muito pelos direitos das meninas, e este é o primeiro ano em que meninos também estão envolvidos no trabalho. Isso é importante.



“Nosso objetivo é garantir que todos respeitem os direitos da criança. Portanto, conversamos com alunos, professores, pais, toda a aldeia. Nós, crianças, somos flores que nunca murcham, sempre desabrocharemos!

Hoje estamos realizando a Votação Mundial. Todos na escola estão participando! Convidamos também nossa escola vizinha, que é uma escola pequena, para votar e comemorar conosco. Primeiro nós lemos a revista O Globo, aprendemos sobre os candidatos e agora estamos prontos para contribuir com nosso voto. Cada voto conta!

Cuidar de todas as crianças

Nós, embaixadores dos direitos da criança temos uma tarefa específica, que é ficar

de olho nas crianças que não frequentam a escola. Na aldeia, eu e meu amigo Franz vimos um menino que não pode falar nem usar as mãos corretamente. Fomos visitá-lo e descobrimos que ele mora com seu avô. Sua mãe morreu e seu pai vive na cidade, mas não trabalha e não pode cuidar dele.

O garoto se chama Roman. Ele tem oito anos, mas não frequenta a escola. Quando chegamos à sua casa, cumprimentamos seu avô educadamente e dissemos: “Estamos aqui para ver se podemos ajudar”. Depois de algum tempo, o avô de Roman começou a contar sobre a situação.

Roman nunca esteve num hospital nem na escola. O avô de Roman não sabia que existem escolas especiais para



Franz e Andreque visitam Roman e seu avô na aldeia de Massaca. Juntos, eles falam sobre como Roman deve conseguir frequentar a escola.

crianças portadoras de deficiência aqui em Moçambique, então contamos isso a ele. Mas ele ainda não sabe como vai entrar em contato com elas.

O avô de Roman ficou contente e, embora Roman não

possa falar, pudemos ver que ele também ficou feliz com a conversa. Prometemos falar com os adultos de nossa escola e com os funcionários distritais de educação.

Eles estão esperando e desejam nossa ajuda, foi o que



Franz vigia as urnas durante a Votação Mundial

— Na revista O Globo, aprendemos sobre os direitos das meninas. Elas têm os mesmos direitos que nós, meninos, e todos os adultos precisam entender isso! diz Franz, 15.



A fila de votação estende-se por todo o perímetro ao redor da escola no dia da Votação Mundial da Escola Secundária de Massaca.

ocham!”

disse o avô de Roman. Ele quer que Roman possa frequentar a escola e ser feliz. Nós também o queremos!

“Como embaixadores dos direitos da criança, nós aprendemos a defender nossos direitos e os de todas as crianças. Sinto-me forte e feliz de ver que podemos fazer a diferença para uma criança que precisa de ajuda”.

Andreque, 14, embaixador dos direitos da criança do WCP, Escola Secundaria de Massaca, Moçambique



– Como embaixadores dos direitos da criança, aprendemos sobre os direitos da criança, e agora podemos ensinar aos outros. Sabemos que, às vezes, os adultos nos ouvem mais, porque somos meninos, por isso é importante ensiná-los sobre os direitos das meninas. Temos que ensinar os adultos a ouvir as meninas, afirma William, 13.



Com Malala na urna eleitoral, a Votação Mundial é realizada em Massaca

– Malala é um grande modelo para nós. Imagine que uma criança pode fazer tanto, diz a embaixadora dos direitos da criança Marta, 14.



Toda criança que já votou deve mergulhar o dedo na tinta. Desta forma, ninguém pode votar duas vezes. Ana, 13, fez uma pausa de sua função como fiscal eleitoral para poder votar.



Nossos pais precisam entender!



“Há pais que obrigam suas filhas a casar com homens adultos porque a família precisa de coisas e dinheiro. Os adultos acreditam que esse homem vai cuidar da família. Isso é assustador. Receio que aconteça comigo também. Nós, embaixadores dos direitos da criança, temos que lutar contra isso. Aprendemos sobre nossos direitos e o que podemos fazer para garantir que eles sejam respeitados. Devemos conversar com todos os pais, para que entendam que casamentos infantis violam nossos direitos”.

Dinercia, 14





Revista O Globo fez Joan iniciar uma organização

"Conheci o WCP e a revista O Globo quando eu tinha 13 anos. Fui inspirado a fundar uma organização, que chamo de EDEN World Foundation (Fundação Mundial EDEN), e comecei a lutar pelos direitos da criança. Eu organizo reuniões e conferências de imprensa, que são conduzidas por crianças, e garanto que as crianças possam participar do programa do WCP e ler a revista O Globo".

Joan, 18, Bukavu



Descobriu os direitos da criança com o WCP

"Quero denunciar a discriminação e a violência contra meninas menores de idade em nosso país, não apenas em tempos de paz, mas também quando há guerra. Eu gosto do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, que me fez descobrir os direitos da criança e, em particular, que meninas e meninos têm direitos iguais. A revista O Globo me educou! Portanto, desejo ser embaixador dos direitos da criança em meu país".

Cinogerwa, 15, Lycée Kazaroho, Bukavu

Quero me tornar ministra

"Como embaixadora dos direitos da criança, eu gostaria de me tornar Ministra dos Direitos Humanos para defender os direitos de todas as crianças".

Ciza, 16, Complexe Scolaire Gracia, Bukavu



O Globo me inspira

"Quero salientar que os direitos das meninas não são levados a sério. Alguns pais não mandam suas filhas à escola, elas têm ficar em casa e cuidar de tarefas domésticas ou trabalhar no campo. Na revista O Globo, aprendi que tenho direitos e agora sinto que é meu dever lutar pelos direitos das meninas. O Globo me preparou e inspirou. Desejo que o WCP continue a florescer e prosperar em sua luta pelos direitos da criança!".

Kwagisha, 18, Lycée Kazaroho, Bukavu



Lia O Globo repetidamente

"Eu li as boas histórias sobre meninas na revista O Globo repetidamente. Entendi, através da revista que todas as crianças têm os mesmos direitos, e O Globo me ajuda a defender os direitos das meninas".

Marie France, 13, uma das crianças do grupo EDEN, de Joan. Ela cuidou da almofada de carimbo durante a Votação Mundial.



Exijo igualdade

"Em casa, tenho que fazer todas as tarefas domésticas, não sou tão valorizada quanto um menino e não tenho tempo suficiente para o dever de casa. Na escola, os professores incentivam fofocas e injustiças e, muitas vezes exploram meninas sexualmente. Exijo a igualdade entre rapazes e garotas, e respeito aos direitos das meninas em todo o mundo. Gosto do programa do Prêmio das Crianças do Mundo (WCP), onde encontrei meus direitos".

Aksanti, 15, Complexe Scolaire Amani/CEBIA, Bukavu



Não espanquem crianças

"Eu luto pelos direitos da criança, especialmente o direito à educação. Não se deve bater em uma criança, mas sim ouvir as crianças e conversar com elas. Eu cuido das tarefas domésticas em casa, lavo pratos e busco água. Meninos passeiam e brincam muito mais que meninas. Isso é injusto".

Byebi, 18, Lycée Kazaroho, Bukavu



O Globo me fez permanecer na escola

"Quando meu pai morreu, eu queria sair da escola, mas quando li a revista O Globo, me dei conta de que a educação é importante".

Joana, 10, escola Notre Dame de la Paix, e grupo EDEN, de Joan. Na foto, ela participa de uma peça para mostrar o quão importante é que meninas frequentem a escola



Não nos escutam

"Em nossa família, as meninas não podem expressar-se livremente. Não podemos expressar nossos pontos de vista. Eu descobri que tenho direitos na revista O Globo".

Baraka, 13, Complexe Scolaire Gracia, Bukavu



Obrigada, WCP!

"Eu tinha onze anos quando li a revista O Globo pela primeira vez. Meu sonho é mudar o mundo, e agradeço ao WCP por ter aberto meus olhos, ouvidos e mente. Eu luto junto com outras meninas para recusar o casamento infantil. As meninas precisam ir à escola e meu lema é: Educação primeiro, casamento mais tarde!".

Esther, 16





Nisa, 12, e seus colegas aprenderam sobre os direitos da criança e sobre todos os candidatos lendo a revista O Globo.

Voto por nossos direitos

“Estou contente por ter aprendido mais sobre meus direitos. Nós, crianças, organizamos sozinhas a Votação Mundial e agora entendemos como podemos nos organizar para fazer as coisas em nossa sociedade. Também aprendi porque as eleições são importantes. Se podemos votar, escolhemos alguém que possa proteger nossos direitos, e isso significa muito para todas as pessoas, especialmente para as crianças. Se o povo não tiver o direito de participar das eleições, tudo será ruim na sociedade e as pessoas vão acabar não fazendo nada”.

Siv, 14, Escola Sotip Lower Secondary, Skun



Nelle vota na Votação Mundial da escola Le Rosier.

Sacrificaram-se por mim

“Minha família quer que eu frequente a escola. Meus dois irmãos deixaram a escola porque não tínhamos dinheiro para o transporte escolar. Eles trabalham e pagam para que eu possa ir à escola. Fico triste, pois ambos se sacrificaram por mim e perderam suas chances na vida. Prometi-lhes ser bem-sucedida em minha educação. Meu sonho é ser professora e compartilhar conhecimento com os outros”.

Kunthea, 14, Escola Sotip Lower Secondary, Skun



Sem violência contra as crianças!

“Aprendi como trabalhar com campanhas para crianças. Penso muito sobre a violência doméstica. Não na minha família, mas conheço outras famílias em que isso pode acontecer. Então precisamos de campanhas que ensinem aos adultos que eles não podem espancar”.

Vit, 13, Escola Sotip Lower Secondary, Skun



Urnas eleitorais

Conhecimento fornece proteção

“É importante votar. Devemos aproveitar este direito, caso contrário, outras pessoas tomarão decisões em nosso nome. Todas as crianças devem ser ensinadas sobre seus direitos. Especialmente as pobres. Muitas vezes, acontece de famílias pobres enviarem suas filhas para trabalhar na cidade e, então, elas podem ser vendidas a bordéis. Eu aprendi sobre meus direitos, por isso consigo me proteger, mas uma menina na minha aldeia foi vendida. Um homem que parecia rico veio e pediu sua mão. Mais tarde, descobriu-se que ele vendia meninas”.

Chan, 14, Escola Sotip Lower Secondary, Skun

Votar por uma sociedade melhor

“É importante votar. Eu aprendi o que é democracia e isso é realmente necessário! Trata-se de escolhermos uma pessoa em quem acreditamos e então a sociedade pode tornar-se muito melhor”.

Kimsan, 12, Escola Sotip Lower Secondary, Skun



WCP me deu coragem

“Eu aprendi meus direitos graças ao programa do WCP, do qual participo desde 2012. Quando eu li na revista O Globo sobre as embaixadoras dos direitos da criança, isso me deu a coragem para iniciar um clube dos direitos da criança na minha escola. Nós informamos outras crianças, que não conhecem seus direitos. Quando recebi meu próprio diploma como embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, isso me deu ainda mais coragem para continuar a falar sobre os direitos das meninas, mas também quero ajudar crianças de rua e outras crianças necessitadas. Tenho visitado escolas longe de Brazzaville, que estão apenas começando seus clubes dos direitos da criança, para lhes aconselhar. O pior que já me aconteceu foi quando um primo me filmou secretamente durante o banho. Quando descobri, disse ao meu pai que, se o primo não deixasse a nossa casa, eu o faria. Depois, fui à polícia denunciar meu primo, que ficou na prisão por uma semana”.

Nelle, 15, escola Le Rosier, Brazzaville

Votação Mundial pelo direito de

Antes da votação, todas as crianças se reúnem no pátio da escola. Nbmatter diz que finalmente chegou a hora de votar!



Em Murewa, no Zimbábue, as crianças votam em seus heróis dos direitos da criança. Nbmatter, 16, é embaixadora dos direitos da criança do WCP e responsável por todos os embaixadores do distrito. Muitos a consultam sobre seus problemas.

— **V**i muitas meninas que sofreram de várias maneiras. Muitas não podiam pagar absorventes higiênicos, então usavam esterco de vaca seco. É perigoso, as bactérias podem propagar-se no corpo. Muitas nesta região também se casaram cedo e sofreram abusos. Por isso, quero ser embaixadora dos direitos da criança e ajudar em tudo que posso, explica Nbmatter.

Voz dos que não têm voz

— Meu trabalho é ser uma voz para os que não têm voz. Eu falo diante dos outros sobre como casamentos precoces

são perigosos e sobre o abuso, para que crianças e adultos saibam que existe e é errado.

Nbmatter é uma pessoa reconhecida pelas crianças nas escolas.

— As pessoas estão felizes porque agora existem embaixadores dos direitos da criança. Tanto adultos como crianças sabem que podem vir a mim e falar sobre seus problemas. Nós organizamos reuniões onde coletamos informações sobre os problemas das crianças. Se há um problema que não conseguimos resolver sozinhos, conversamos com os professores. Mas se há um problema com os



Na véspera da Votação Mundial, as crianças trabalham nos preparativos. O capim alto é cortado e terá uma tarefa importante no dia da eleição.



Nbmatter apoia outras meninas que passam dificuldades. Nbmatter e Create se encontram todos os dias. Nbmatter apoia Create e ouve quando ela fala sobre o abuso que sofreu.

professores, recorremos a um adulto que não seja funcionário escola. Eles são chamados coordenadores de campo.

— Às vezes sinto-me impotente. Uma menina de 14 anos me contou que ia se casar. Ela era órfã, e aqueles que cuidavam dela tinha decidido que ela se casaria com um homem muito mais velho. Falamos com os adultos, mas

todas as crianças

A fila de votação é longa. Afinal, 500 crianças devem votar. Dois alunos são "policiais" e asseguram que ninguém fure a fila. Todos têm seus nomes riscados da lista de eleitores.



As crianças constroem uma cabine de votação com o capim, para que ninguém possa ver em quem se vota.



Todos que têm uma função durante o dia da Votação Mundial recebem um crachá.

não havia nada que pudéssemos fazer. No dia seguinte ela já tinha ido embora. Mesmo assim, estou contente por ela ter confiado em nós o suficiente para contar.

Escuta e apoia

– Um dia, um rapaz veio e me disse que sua irmã, Create, foi vítima de abuso por um homem HIV-positivo. Fui

conversar com ela e desde então somos amigas.

– Aconteceu quando eu e outra menina saímos para buscar lenha ao pôr do sol, conta Create. Um homem saiu de um arbusto e me ameaçou com uma faca. Minha amiga correu rapidamente para longe, mas, antes que eu tivesse tempo de pensar, ele me empurrou, derru-

bando-me no mato. Ele disse que me cortaria se eu gritasse, então chorei em silêncio.

– Quando cheguei a casa, contei à minha mãe. Ela ficou muito brava, e corremos para uma clínica médica. Eu não havia sido infectada, mas havia uma clara evidência do abuso, então o homem foi preso e condenado.

– Eu conversei com

Nbmatter sobre o que aconteceu, e isso me ajuda. Ela me ensinou que tenho direitos e que ninguém tem o direito de me machucar de forma alguma. 🌐

Todos marcam suas cédulas dentro da cabine de votação. Desta forma, ninguém vê em quem os outros votam. Os alunos debateram os direitos da criança e o conteúdo da revista O Globo antes da votação. Ninguém deve tentar persuadir alguém a votar diferentemente de sua própria escolha.



Se você for espancado, conte!

Crianças em Murehwa celebram os direitos da criança e a Votação Mundial com uma dança tradicional. Elas ensaiaram por semanas e estão ansiosas para o grande dia. Finalmente chegou a hora!

– Eu amo todos os candidatos ao prêmio. Hoje é um dia feliz, afirma Ropapadzo, 10, que participa do grupo de dança.

– Estou orgulhoso de ter podido dançar hoje. Como é a primeira vez que temos a Votação Mundial em nossa escola, a sensação é mais especial, diz Munashe, 10.



Nbmatter já votou teve seu dedo mergulhado em tinta para não poder votar duas vezes.

"Meus direitos foram violados em minha escola anterior. O professor me batia nas mãos com um pedaço de pau. No começo, não tive coragem de contar nada a ninguém. Eu tinha vergonha. Um dia, o diretor disse-me para ir para casa. Minhas taxas escolares não haviam sido pagas. Fiquei ainda mais envergonhada e corri para casa chorando. Quando minha mãe conseguiu dinheiro para pagar as taxas novamente, pedi para ir para outra escola. Agora li a revista O Globo e descobri que as crianças têm o direito de não serem espancadas. Eu também explico isso para o meu irmão mais novo. Se apanhar, você deve contar a alguém, digo a ele".

Zvikombero, 13, Escola Primária Zhombwe, Murehwa

A urna eleitoral é uma panela de barro tradicional, na qual as crianças colaram papel colorido.





Os votos são contados cautelosamente. É um pouco arriscado contá-los quando está ventando, mas todos devem poder ver que a contagem está correta.

Todos leram a revista O Globo, para realmente entender o trabalho dos candidatos ao prêmio, e conversaram sobre que direitos as crianças têm. Alfred, 12, organiza a produção de cartazes sobre os direitos da criança.



O Globo me motiva

"Em nossa casa, nunca há nada para comer. Minha avó, com quem eu e minha irmã vivemos, não tem dinheiro suficiente, por isso, geralmente temos fome. Ambos os meus pais morreram de AIDS quando eu era pequena. Penso neles todos os dias, e em como minha vida seria diferente se estivessem vivos. Não tenho sapatos e meias de verdade para meu uniforme, sinto vergonha de mim mesma quando estou na

escola. Raramente posso trazer alguma coisa para comer na escola, então meus amigos costumam compartilhar sua comida comigo. Parte meu coração ter que pedir comida, então gostaria de não ter que fazê-lo. Alguns desprezam minha irmã e eu, e riem de nós. Tento ignorá-los e fazer o meu melhor para concluir os estudos. Eu li a revista O Globo e conversei sobre os direitos da criança com meus amigos, então sei que a educação é um direito. Portanto, faço tudo que posso para concluir a escola, e agora tenho boas notas. É isso que vai me dar um futuro diferente." *Lisa, 12, Escola Primária Zhombwe, Murewa*

Dá-me confiança

"Eu li a revista O Globo e aprendi com os embaixadores dos direitos da criança que as crianças têm direito à alimentação e à educação. Meus pais trabalham na África do Sul, então eu moro com minha avó e meu irmão mais velho. Gostaria de poder ir sempre à escola, mas às vezes não temos dinheiro para as taxas. Nessas ocasiões, tenho que ficar em casa. Também não temos comida suficiente. Eu li na revista O Globo sobre outras crianças que não têm alimento suficiente e me entristece pensar que os direitos da criança não são respeitados. Conforta-me um pouco saber que, apesar de tudo, na verdade eu tenho direito à alimentação e à educação. Desta forma, sinto-me mais autoconfiante. Meu irmão me bate quase todos os dias. Eu sempre acho que foi a última

vez, mas não é. Dói e é injusto. Minha avó reclama com ele, mas ele ameaça espancá-la também, portanto, ela não pode fazer nada. Isso também é errado, pois sei que as crianças têm o direito de não serem espancadas." *Rachel, 12, Escola Primária Zhombwe, Murehwa*



“Meus direitos são tudo que tenho”



Takudzwa, 13, Zimbabwe ama sua escola, a Escola Primária Zhombwe, mas em breve terá que parar de estudar novamente.

– Não tenho nada, mas, graças à revista O Globo, eu sei que tenho direitos, diz ela.

Minha mãe era muito gentil. Ela trabalhava como empregada doméstica e pagava minhas taxas escolares. Porém, quando ela morreu, fomos morar com meus avós maternos. Minha avó estava fraca demais para pegar minha irmã mais nova, Blessing, que ainda era bebê, no colo, então tive que deixar de estudar por um ano para carregá-la nas costas. Mas Blessing cresceu rápido e eu pude voltar para a escola.

– Minha avó faz o que pode para cuidar de nós, mas ela está muito doente. Blessing tem apenas três anos, portanto logo terei que abandonar a escola novamente para ajudar a avó.

Nós mal temos condições de pagar as taxas escolares, e meus amigos dividem a comida comigo na escola. Apesar disso, ainda é na escola que sou feliz. Lembro-me da sensação de poder voltar

depois de um ano, e do quanto fiquei feliz.

Aprecia o WCP

Costumo sentar do lado de fora e ler antes do sol se por. Leio meus livros escolares e a revista O Globo, é claro. Não tenho nada, mas graças à revista O Globo, eu sei

que tenho direitos. Todas as crianças precisam de comida, roupas e educação, e sinto que minha vida ficou um pouco mais fácil agora que conheço nossos direitos!

Eu aprecio o programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Durante a Votação Mundial, minha tarefa era ir às diferentes salas de aula e avisar que era sua vez de votar. Todos pareciam muito felizes quando eu entrava.”



Takudzwa lê a revista O Globo.

– Acho que não vou conseguir concluir meus estudos. Mas sei que direitos eu tenho, graças à revista O Globo.



Takudzwa e muitas outras crianças buscam água todos os dias depois da escola.

O Globo nos ensina

“Faz tempo que leio O Globo, e estou constantemente aprendendo coisas novas sobre os direitos da criança. Como embaixadora dos direitos da criança, eu leio a revista e converso com outras crianças sobre o que eu li. Também aprendi a falar diante de uma plateia e inspirar todos a

pensar mais sobre os direitos da criança.”

Rita, 16, embaixadora dos direitos da criança, Seke



Conversa sobre direitos da criança no rádio

“Fui entrevistada no rádio sobre nosso trabalho pelos direitos da criança. Senti que foi muito importante. Acho que isso faz uma grande diferença para divulgar os direitos da criança. Já mudei de casa muitas vezes, pois meu pai morreu e minha mãe não pode cuidar de mim. Por

isso, penso muito nas crianças que são órfãs.”

Tatenda, 18, Harare



Meu coração se partiu

“Um grande problema aqui é que as meninas são obrigadas a casar cedo e não recebem a educação a que têm direito. Fui obrigada a abandonar a escola quando meus pais não puderam pagar as taxas escolares. Senti meu coração se partir. Mas agora eu voltei. Quero aprender mais sobre os direitos da criança, e meu sonho é participar do júri do WCP.”

Chenai, 12, Escola Primária Jonasi, Seke





Direitos da criança são responsabilidade dos adultos

Tajuranushe, 15 anos, embaixador dos direitos da criança em Seke, no Zimbabwe, treinou muitas outras crianças. Ele sempre diz que os adultos devem assumir a responsabilidade para que as crianças tenham seus direitos respeitados. Ele sabe como é quando os adultos não assumem a responsabilidade...

Meus pais se divorciaram quando eu tinha dois anos, e fui morar com meu pai. Ele me deixava sozinho em casa quando ia para bares e me espancava se eu queria atenção.

Quando minha mãe descobriu, ela me levou para sua casa e me deu tudo. Porém, quando eu tinha cinco anos, minha mãe se casou de novo e decidiu que eu devia morar com minha tia. Lá eu não tinha comida e não podia ir à escola.

Aos seis anos, eu me cansei daquilo. Saí de casa e vaguei pelas ruas durante vários dias, sem ter nada para comer. Finalmente, minha mãe me encontrou. Ela me levou para casa naquela noite, mas decidiu que eu iria morar com outra tia, que também não me deixou ir à escola.

Fugi de novo, mas desta vez apenas caminhei e caminhei. Após 20 quilômetros, cheguei

à casa de minha avó. Desde então, ela tem sido como uma mãe para mim. Ela me alimenta, compra meu uniforme e paga as taxas escolares.

Punição corporal proibida
De minha avó, recebo tudo que é direito de uma criança. Mas sei como é não tê-lo; portanto, no quinto ano,



Tajuranushe sabe como é não ter seus direitos respeitados. Quando era pequeno, ele foi deixado sozinho, sem comida e sem poder ir à escola.

– Homens que batem em mulheres e crianças devem evoluir de volta para homo sapiens, o ser humano. Todas as crianças têm o direito de não ser espancadas em casa ou na escola, afirma Tajuranushe às crianças que escutam.

decidi começar a lutar pelos direitos de outras crianças. Acredito que, se nos unirmos, podemos lutar pelo direito de todas as crianças a um bom futuro. Por isso quero ser embaixador dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo.

Ao treinar outras crianças, eu falo muito sobre a punição corporal. Também falo sobre homens que batem em mulheres e crianças. Digo que os homens devem evoluir de volta para homo sapiens, o ser humano, em vez de ser como animais, que não respeitam os direitos das mulheres e das crianças.

Como embaixador do WCP, aprendi muito sobre o comércio sexual infantil. Muitos adultos enganam crianças. Eu advirto as crianças contra confiar em estranhos e ensino que todos têm o direito de ir à escola para ter um bom futuro.” 🌐

Colega de escola vendida

“Uma colega da escola foi forçada ao comércio sexual infantil. Quando seus pais morreram, alguém a levou para um clube e a vendeu. A escola e a polícia descobriram. Ela recebeu ajuda e dinheiro para as taxas escolares, mas os homens que fizeram isso com ela não foram punidos. Clubes dos direitos da criança para direitos das meninas deveriam ser obrigatórios.”

Gamuchirai, 13, embaixadora dos direitos da criança, Harare



Esterco de vaca como absorvente

“Nós nos apoiamos mutuamente no grupo e também conversamos com outras meninas.

Descobrimos que muitas meninas não têm dinheiro para comprar absorventes higiênicos. Então, elas usam tecido velho ou até mesmo esterco de vaca seco.

Quando descobrimos isso, começamos uma campanha de arrecadação de fundos na escola para ajudar as meninas.”

Laura, 15, embaixadora dos direitos da criança, Harare



Ajuda outras meninas

“Criamos um fundo para meninas de outra escola que não podiam pagar absorventes higiênicos. Depois, fomos lá e entregamos os absorventes. Foi uma grande experiência dar-lhes algo de que realmente necessitavam. Precisamos mudar as atitudes dos adultos para com as crianças. Eles muitas vezes pensam que as meninas devem se casar cedo em vez de ir à escola, mas isso é errado! Temos o direito à educação.”

Kudzai, 16, Harare



“Conheço meus direitos!”

Sasha, 13, é embaixadora dos direitos da criança do WCP. Ela é vítima de abuso e negligência, mas está determinada a mudar a própria situação e as de outras meninas.

– Costumamos conversar durante o almoço e discutir coisas que lemos na revista O Globo e que nosso professor nos fala sobre os direitos da criança. Muitas crianças são abusadas.

Os pais de Sasha se divorciaram há cinco anos e decidiram que Sasha ficaria com uma tia.

“Ela me obrigou a fazer todo o trabalho doméstico e me batia frequentemente. Toda manhã eu acordava antes de todo mundo para lavar pratos. Eu não tinha comida para levar à escola e, na maioria das vezes, ela não pagava as taxas escolares, então eu não podia estudar.

Eu não sabia que existia o direito de ir à escola, mas ia até lá e tentava fazer com que os professores me ensinassem as coisas, embora não pudesse participar das aulas.

Enviei uma mensagem ao meu pai, que me deixou morar com ele e sua nova esposa. Mas ela era ainda pior do que a minha tia. Espancava-me não me dava comida. O pior foi que ela pegava o dinheiro que meu

pai dava para as taxas escolares e usava para outras coisas.

Ajuda do tio

Quando meu pai percebeu o que acontecia, ele me mandou para minha mãe. Pensei que ela seria amorosa, mas, quando cheguei, apenas disse que meu trabalho era no jardim e que eu não iria à escola um dia sequer.

Felizmente, meu tio descobriu e obrigou a mãe a deixar-me ir à escola. Ela parou de me bater, mas tenho que vender frutas e hortaliças todos os dias.

Vovô diz que este é meu último ano na escola. Ele arranjou um casamento para mim, para que o homem pague à família. Estou com muito medo, mas conheço meu direito à educação e vou me defender. Meu tio está do meu lado e, se tentarem me casar, fugirei para sua casa”. 🌐

Sasha vende vários produtos todos os dias depois da aula e nos fins de semana. “Contanto que não tenha que fazê-lo à noite ou durante o horário escolar, está tudo bem”, diz ela.



Rutendo, Nyasha, Sasha, Euvetly e Chiedza se encontram diariamente no clube dos direitos da criança. O companheirismo na escola e o clube dos direitos das meninas são as melhores coisas na vida de Sasha. Quando tudo parece difícil em casa, ela pode rir com suas amigas e sentir-se fortalecida por conhecer seus direitos.



As meninas no clube dos direitos da criança fizeram uma música e uma dança chamada “Não toque minhas partes íntimas”. É sobre o fato de que ninguém deve tocá-las.



“É o meu corpo!”

Paidamayo, 13, do Zimbábue, fundou um clube dos direitos da criança junto com outras meninas. Elas difundem o conhecimento sobre os direitos das meninas na escola e em Epworth, onde vivem.

– Fui treinada como embaixadora dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo e recebi o diploma em uma cerimônia.

As meninas conversam muito entre si sobre o direito ao próprio corpo e fizeram uma música e uma dança sobre o fato de que ninguém pode tocá-lo.

– Nós ensinamos que não é aceitável tocar o corpo de alguém, especialmente nas partes privadas. Então agora as meninas daqui sabem que, se alguém o fizer, isso é um abuso que não é permitido. Também tentamos assegurar que os adultos saibam que as crianças têm o direito de não serem submetidas a isso.

O pai espancava

As meninas informam que as crianças não devem ser submetidas a qualquer forma de violência por parte de adul-

tos. Paidamayo tem suas próprias memórias de violência doméstica e frequentemente conhece meninas com histórias semelhantes à sua.

– Meu pai batia na mãe todos os dias diante dos filhos. Ela poderia ter morrido, era como se ele não se importasse. Às vezes, ele me espancava também. Mas um dia, quando meu pai bateu na mãe várias vezes, como de costume, algo inesperado aconteceu. Ela disse que agora deveríamos fugir rapidamente. Levamos apenas algumas coisas conosco e saímos correndo. Estamos seguros aqui com minha avó. Papai não pode nos procurar aqui, pois ele seria preso. 🌐

Paidamayo conversa com crianças sobre os direitos da criança e mostra a revista O Globo.

– É importante falar com os rapazes sobre direitos das meninas, para que eles compreendam que têm a responsabilidade de respeitá-los, diz ela.



O Globo me ajuda

“Você não pode ficar aqui?” Evelin pergunta ao irmão mais novo. “Por favor, por favor!”. Mas o avô ouve e grita para o irmão ir cuidar das vacas, por isso Evelin estará sozinha com o avô novamente.

Na primeira vez que o avô abusa dela, Evelin tem apenas quatro anos de idade. Ninguém percebe o que está acontecendo, e o avô ameaça matá-la se ela falar sobre isso.

Um dia, quando Evelin e sua irmã mais velha caminham até uma loja, a irmã de repente começa a contar. Também aconteceu com ela antes que saísse de casa. Então, Evelin finalmente pode dizer o que está acontecendo. As irmãs sabem que ninguém acreditaria nelas sem provas, mas quando voltam da loja, elas têm um plano.

A revelação

Na noite seguinte, Evelin pega seu caderno e caneta. Quando faz o dever de casa, ela sempre fica no meio da sala, para que todos possam ver o que ela escreve. Porém, desta vez, ela esconde o livro.

– Está bem, então eu escrevo a carta para seu namorado, diz Evelin em voz alta para a irmã. Ela vê que o avô a observa e mantém o olhar nele por alguns momentos.

O avô acha que elas pretendem expô-lo e se joga sobre as meninas. Em um segundo, seu irmão mais velho intervé. “O que você está fazendo?” ele pergunta. “Saltar sobre as meninas só porque elas estão escrevendo uma carta!”

Então, as irmãs contam tudo. O avô nega, mas o irmão compreende que o avô não teria se jogado do outro lado da sala, daquela maneira, se não fosse verdade. Os três irmãos contam ao pai. O avô grita:

– Se você acredita em uma palavra do que estão dizendo, bata em mim!

Evelin vê o punho de seu pai acertar a cara do avô. “Agora finalmente acabou!” ela pensa. Mas um tio fica ao lado do avô, e seu pai não quer levar o caso à polícia. No fim das contas, a avó de Evelin vai à polícia e o avô é condenado a 10 anos de prisão.

Começa a ler O Globo

– Agora estou segura e moro com minha mãe e avó. Na época da denúncia à polícia, fui treinada pelo Prêmio das Crianças do Mundo sobre meus direitos e comecei a ler a revista O Globo. Quando leio a revista e entendo que é meu direito não ser abusada, sinto-me melhor. Saber quais são os meus direitos me ajuda a seguir em frente, afirma Evelin, 14. 🌐

O avô de Evelin abusou dela dos quatro aos onze anos de idade. Agora ela já recebeu ajuda e, através da leitura da revista O Globo, conhece seus direitos. Isso a ajuda a seguir em frente.



**POR QUE
ROSI É
NOMEADA?**

Rosi Gollmann

Rosi Gollmann é nomeada ao Prêmio das Crianças do Mundo por seus mais de 50 anos de luta pelas crianças mais pobres e vulneráveis na Índia e em Bangladesh.

Rosi cresceu na Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial e teve uma experiência direta da guerra, terrorismo, discriminação e supressão da democracia. Aos 18 anos de idade, ela decidiu dedicar sua vida a apoiar os pobres através de auxílio. Rosi fundou a organização Andheri-Hilfe, que, em 50 anos, já completou mais de 3.000 projetos com parceiros locais, contribuindo para que dez milhões de pessoas tivessem um futuro melhor. Com o auxílio de Rosi, 50.000 crianças trabalhadoras foram libertadas e puderam frequentar a escola. Dezenas de milhares de crianças com deficiência também receberam apoio e educação. Rosi e a Andheri-Hilfe apoiam famílias que vivem com HIV/AIDS, e lutam contra a tradição antiga de que meninas sejam usadas como escravas sexuais em alguns templos. Em Bangladesh, mais de um milhão de pessoas tiveram a visão restaurada graças a Rosi e seus parceiros locais. Através da campanha "Nenhuma garota é indesejada", as vidas de 12.000 meninas indianas que teriam sido mortas ao nascer foram salvas. Ao mesmo tempo, os direitos das meninas foram reforçados, e casamentos infantis foram impedidos.



É noite quando Rosi, 17, vem ao hospital para visitar seu pai, que está doente do pulmão. Muitos dos outros pacientes têm queimaduras graves. A guerra já se arrasta há quatro anos e agora as bombas caem quase todas as noites.

A órfã Hasna, (à esquerda), pode finalmente ter esperança no futuro. Ela e Mohammed passaram por cirurgias que lhes devolveram a visão, graças à longa luta de Rosi pelos cegos em Bangladesh.

De repente, o alarme soa e Rosi ouve o ronco dos bombardeiros. Um golpe terrível sacode o edifício e todas as janelas se quebram. Enfermeiros vêm correndo para ajudar os pacientes que gritam, subindo e descendo as escadas para o porão. Rosi e seu pai são deixados sozinhos. Ela grita por socorro quando um estrondo ensurdecedor faz o teto rachar e desmoronar. Rosi consegue tirar o pai da cama e arrastá-lo para as escadas. Pelas janelas, ela vê as bombas caindo do céu. Está claro como o dia devido às explosões e incêndios.

Todos se refugiam no porão, mas o hospital começa a pegar fogo, e eles fogem

para o quintal. Do lado de fora, todos que conseguem ficar de pé formam uma corrente para tentar apagar o fogo. Durante horas, Rosi corre carregando baldes cheios d'água e, de manhã, o fogo se extingue. Ela e seu pai sobreviveram, mas grande parte do hospital foi destruída. Mais tarde, quando Rosi atravessa a cidade rumo ao pequeno centro de saúde onde trabalha, ainda há incêndios pelas ruas. Casas em ruínas soltam fumaça e há corpos queimados por toda parte, dos quais ninguém teve tempo de cuidar.

Rosi foge

Pouco tempo depois, o local de trabalho de Rosi também

é destruído por uma bomba. Ela e seu pai agora fogem da cidade com milhares de outras pessoas. É uma viagem perigosa, pois os bombardeiros estão atacando até mesmo vias férreas e estradas. Uma noite, o pai não tem mais energia para caminhar. Então, Rosi rouba um carrinho de mão onde carrega o pai e suas malas. Assim, eles chegam à próxima estação de trem e, finalmente, à segurança junto da mãe, que já fugira para o campo.

Apenas algumas semanas depois, em abril de 1945, a guerra termina. Rosi está contente porque Hitler e os nazistas se foram, mas lamenta os milhões de pessoas inocentes que foram afetadas.



Rosi e seus irmãos cresceram na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), uma guerra europeia que se transformou em uma guerra mundial. Entre 42 e 60 milhões de pessoas morreram. Morreram muito mais civis, pessoas comuns, do que soldados.

A democracia foi abolida

Rosi tinha apenas seis anos de idade quando Adolf Hitler e seu partido nazista tomaram o poder na Alemanha, em 1933. Eles suprimiram os direitos democráticos e perseguiram, prenderam e mataram todos aqueles que não se encaixavam na sociedade de seus sonhos. Os nazistas acreditavam que pertenciam a um tipo particular, uma “raça ariana” que, segundo sua crença, era superior a todas as outras “raças”. Alguns grupos, especialmente judeus e ciganos, eram vistos como uma ameaça a ser combatida e destruída. Mas a Alemanha nazista era perigosa para qualquer um que não concordasse e fizesse exatamente o que os nazistas decidiam. Os pais de Rosi eram cristãos e achavam que as ideias racistas de Hitler iam contra tudo que acreditavam. Eles ouviam secretamente estações de rádio estrangeiras para descobrir a verdade sobre o que

estava acontecendo. Mas seus vizinhos, que também eram cristãos, eram nazistas convictos. Um de seus filhos costumava brincar com o irmão de Rosi.

– Cuidado com o que vocês dizem quando ele está aqui, avisavam os pais a Rosi e seus irmãos. Se o menino contasse em casa que eles não gostavam de Hitler, a família poderia acabar em centros de detenção.

Os nazistas proibiram todos os partidos políticos e queimaram os livros dos quais não gostavam. Eles proibiram todas as organizações de crianças e jovens e fundaram a Hitler Jugend (Juventude Hitlerista). Quando Rosi e seus amigos quebravam as regras e se encontravam nas instalações da igreja católica, rapazes da Hitler Jugend se reuniam do lado de fora. Eles gritavam palavras de ordem e agrediam Rosi e os outros jovens na saída. Rosi estava brava e queria protestar contra os nazistas,

mas um jovem sacerdote a dissuadiu: era muito perigoso.

Uma escolha difícil

Perto do fim da guerra, em 1945, Rosi e seus pais voltaram para Bonn, onde 90 por cento dos edifícios haviam sido danificados ou destruídos. O prédio de Rosi ainda estava de pé, mas três famílias sem-teto haviam se mudado para seu antigo apartamento e agora todos tinham que

compartilhar o espaço.

Rosi estudou para ser professora. Em seu tempo livre, ela ajudava os mais afetados pela guerra: crianças, jovens e velhos pobres. Havia escassez de tudo – abrigo e comida, água potável, roupas e material escolar. Com muito trabalho e ajuda do exterior, a vida lentamente voltou ao normal. Um dia, Rosi contou a seus pais que havia tomado uma decisão difícil.



© Bettmann/CORBIS

As crianças foram duramente atingidas durante a Segunda Guerra Mundial; aqui, crianças se escondem sob bancos escolares depois de um alerta de bomba.



→ – Nunca vou me casar. Rosi queria usar todo o seu tempo para ajudar aqueles que sofriam. Na época, mais de 70 anos atrás, era impensável para uma mulher ter família e trabalhar. Mulheres casadas deviam cuidar apenas da casa e de sua família. Rosi queria ser livre.

O chamado da Índia

Após alguns anos como professora, Rosi tinha uma vida boa e rica, na qual ajudava muitas pessoas. No entanto, ela às vezes se perguntava se esta era sua missão na vida. A resposta veio de um lugar inesperado. Uma manhã, uma aluna de sua escola mostrou um artigo de jornal sobre um orfanato na Índia.

– As crianças têm apenas um punhado de arroz por dia para comer. Precisamos fazer alguma coisa, disse a garota.

Rosi pensou que a Índia parecia tão longe e respondeu:

– Não há nada que possamos fazer. Mas ela não conse-

guiu esquecer as crianças famintas. Rosi escreveu para o orfanato e perguntou o que eles precisavam. Depois, ela e os alunos conseguiram arrecadar suprimentos para 400 pacotes de auxílio – uma para cada criança. Depois que os pacotes foram enviados, as pessoas continuaram a fazer doações e logo o quartinho de Rosi no apartamento de seus pais estava cheio do chão ao teto com nove toneladas de itens: penicos e 65 metros de tecido, um refrigerador, medicamentos e roupas. Finalmente, a própria Rosi decidiu ir de barco à Índia para entregar os donativos – uma viagem que mudou sua vida.

Pobreza diferente

Rosi se reconheceu na pobreza que encontrou na Índia. Durante a guerra, ela tinha visto pessoas vivendo nas ruas, passando fome e morrendo. Porém, havia uma diferença significativa. Na Alemanha, a crueldade da

guerra havia sido uma exceção. Mas aqui, os pobres viviam como se isso fosse completamente normal, enquanto outros indianos viviam no luxo. Quase ninguém sequer falava sobre as injustiças.

No orfanato, Rosi foi recebida com grande alegria. As crianças penduraram tantas guirlandas de flores em volta de seu pescoço que ela mal podia respirar! Durante algumas semanas, Rosi conheceu as crianças que anteriormente havia visto somente em fotos. Sweety, de quatro anos, tinha sido encontrada na rua com os olhos queimados. Duas meninas tinham sido sequestradas de sua aldeia e vendidas para um bordel. Outras meninas engravidaram após serem violentadas e foram expulsas por suas famílias. As freiras que administravam o orfanato contaram que a maioria das crianças não eram órfãs, mas suas famílias eram pobres demais para cuidar delas.

Rosi tinha dificuldade para dormir à noite. Muitas vezes, ela chorava de tristeza e raiva pela injustiça de pessoas serem forçadas a dar seus filhos devido à pobreza. “As crianças precisam de amor mais que qualquer outra coisa”, pensava ela. “Estamos agindo certo? As crianças estão com fome, damos-lhes comida. As crianças estão doentes, e recebem medicamentos. Mas não devemos atacar a raiz do problema?”

Quando Rosi foi para casa, ela prometeu voltar em breve. Agora ela sabia que a missão de vida pela qual abriu mão de marido e filhos estava na Índia.

Mulheres mudam o mundo

O orfanato na vila de Andheri queria começar uma pequena plantação que pudesse fornecer alimentos, leite e renda às crianças. Rosi arrecadou dinheiro para começar e logo havia uma horta e as primeiras galinhas e cabras no local.

– Nenhum ser humano

Tharani, 11, nasceu com o vírus HIV, mas graças ao apoio e medicamentos de Rosi e da Andheri-Hilfe, hoje ela está bem. Todos os anos, centenas de famílias pobres com crianças que vivem com o HIV/AIDS recebem apoio e auxílio de Rosi e da Andheri-Hilfe para viver uma boa vida e poder lutar por seus direitos.



pode ser desenvolvido, ele tem que se desenvolver, dizia Rosi. Podemos dar uma cutucada na direção certa – o resto eles mesmos resolvem.

Rosi fundou sua própria organização, juntamente com um grupo de amigos. Foi nomeado Andheri-Hilfe (Auxílio para o Andheri). Junto com organizações indianas, ela lutou contra a pobreza nas aldeias, oferecendo formação profissional a mulheres pobres. Algumas receberam pequenos empréstimos com taxas de juro baixas e começaram seus próprios negócios. À medida que a economia melhorava, as crianças podiam voltar para casa. 40.000 crianças foram reunidas a suas famílias, livrando-se de crescer em orfanatos.

– Esta é a prova de que as mulheres podem mudar o mundo, afirma Rosi.

Depois de anos trabalhando nas duas funções, Rosi deixou de ser professora. A Andheri-Hilfe havia crescido, tornando-se uma grande

organização com muitos funcionários na Índia, em Bangladesh e na Alemanha.

Erradicar a pobreza

Rosi nunca se arrependeu de não ter se casado. A Andheri-Hilfe é como sua família. Além disso, ela tem uma filha adotiva, Maryann, que veio do orfanato em Andheri à Alemanha para estudar. Maryann ainda mora e trabalha junto com Rosi.

– Nós nunca paramos de lutar pelos direitos das pessoas pobres, diz ela. Um décimo da população mundial detém cerca de 85 por cento dos recursos do mundo. Juntas, metade de todas as pessoas do mundo possuem menos de um por cento. Simplesmente não podemos aceitar tamanha injustiça.

Rosi em breve vai completar 90 anos, mas ela não para de trabalhar.

– Pude acompanhar tantas pessoas em seu caminho para uma vida digna e mais feliz. Não é de admirar que eu também seja feliz! 🌍

Como Rosi e a Andheri-Hilfe trabalham

Rosi e sua organização, a Andheri-Hilfe têm cerca de 150 projetos em andamento com organizações locais na Índia e em Bangladesh. Eles atingem anualmente mais de 700.000 pessoas em 7.100 aldeias apenas na Índia. Seu apoio anual inclui:

- Crianças em 20.000 aldeias e 600 favelas que recebem auxílio para educação, sobrevivência e na fundação de parlamentos infantis.
- 140.000 crianças e adultos de grupos especialmente pobres e vulneráveis, como deficientes e povos autóctones.
- Meninas que correm o risco de ser mortas ao nascer.
- Trabalhadores infantis e criança-escravas são libertados e têm a chance de ir à escola.
- Dezenas de milhares de crianças e adultos cegos em Bangladesh. O trabalho preventivo evita que mais crianças fiquem cegas.

As meninas que desap

Nos dias antes de Kodiammal dar à luz, ela fica cada vez mais agitada. Ela seguiu as tradições e ofereceu dinheiro e comida aos deuses para que seu segundo filho seja um menino.

Kodiammal tinha 16 anos quando se casou e teve seu primeiro filho, uma menina. Foi uma decepção, mas, de acordo com as tradições da aldeia, a menina que é primogênita, vive. No entanto, a segunda menina deve morrer, porque então o próximo filho automaticamente tem que ser um menino.

– Criar uma filha é como regar o jardim do vizinho, é um ditado da velha aldeia.

Quando uma menina se casa na zona rural na Índia, ela se muda para a casa da família do homem. Seus pais devem pagar o casamento e também dar presentes à família do homem, como dinheiro, ouro, gado, bens domésticos e roupas finas. Isso se chama dote e é comum, embora seja proibido por lei. Para uma família pobre, muitas filhas são vistas como uma maldição, enquanto os filhos ajudam a família.

Uma noite, Kodiammal dá à luz no chão da pequena casa da família, construída de barro e palha. As mulheres mais velhas da aldeia ajudam, mas Kodiammal nunca pode ver a criança. Alguém diz: “É uma menina” e depois desaparece rapidamente para a escuridão com a criança. As anciãs sabem que é importante que a mãe não segure a criança, mesmo que por alguns minutos, pois então talvez ela se recuse a abrir mão dela.

Matar uma criança

A filha de Kodiammal é enterrada no quintal, ao lado da parede da casa. Seu marido planta um pé de jasmim ali. Ninguém pergunta o que aconteceu. A maior parte das pessoas da aldeia e aldeias circundantes sabe que existem 14 maneiras de matar uma criança. Como

não lhe dar nada para comer ou beber, ou deixá-la do lado de fora à noite, quando está frio. Uma das maneiras mais comuns é espremer algumas gotas de um líquido leitoso da haste de uma flor venenosa específica. A criança morre em meia hora.

Toda vez que Kodiammal passa pelo pé de jasmim, ela se sente um aperto no peito e precisa conter as lágrimas. Ela odeia a pobreza que a forçou a desistir de sua filha. Como mulher, ela não tem poder e não pode protestar. “Mas isso é normal aqui na aldeia, e não há nada a

reclamar”, ela diz para si mesma. Muitos choram por dentro, quase todas as famílias enterraram pelo menos uma menina sob o piso ou no quintal.

Meninas indesejadas

Depois de alguns meses, Kodiammal espera outra criança. Deveria ser um filho, porque a família sacrificou sua segunda filha. Mas ela sabe de muitas mulheres que desistiram de suas filhas e ainda assim tiveram uma menina.

Certa manhã, uma vizinha vem visitá-la. Ela pertence ao grupo recém-forma-



areceram



Deixaram
Annandhi.
Seu nome significa
felicidade.

Kodiammal foi ao templo
da aldeia e fez ofertas aos
deuses para ter um filho.

Em todas as épocas, em quase todos os países e culturas, crianças indesejadas foram mortas ao nascer ou deixadas para morrer por causa da miséria e de tradições. Por exemplo, na Europa no século XX, muitos bebês indesejados eram deixados em "orfanatos" administrados pelo que as pessoas chamavam de "fazedores de anjos", pois um número enorme de bebês morriam sob seus cuidados. Alguns eram mortos imediatamente, outros morriam por negligência.

do de mulheres da aldeia, IKKAM, que significa unidade.

– Está perto de nascer? diz ela, apontando para a barriga de Kodiammal. Você se lembra do que nós combinamos?

Desde que o grupo de mulheres soube que Kodiammal estava grávida novamente, elas a visitaram toda semana. Elas visitam todas as famílias que estão esperando um bebê e já têm uma filha, porque, neste caso há o risco de que a próxima menina que nascer perca a vida.

– Nós os ajudaremos se vocês tiverem uma filha, lembra a mulher do IKKAM.

Vocês receberão duas cabras e árvores para plantar. Você e seu marido receberão auxílio com educação e trabalho, basta deixarem a criança viver, mesmo que seja uma menina.

Kodiammal deseja acreditar nas promessas do IKKAM. Ela entrou para o grupo de mulheres, e começou a aprender sobre seus direitos. Mas seu marido está em dúvida. A mãe dele resmunga todos os dias que a família não pode sustentar mais uma menina. Até mesmo a própria mãe de Kodiammal concorda.

– Faça como sempre fizemos, dizem ambas.

Nasce a felicidade

Quando Kodiammal finalmente dá à luz, as mulheres do IKKAM estão lá e cuidam dela. Elas não permitem que o pai ou as anciãs da aldeia se aproximem. Talvez seja sorte, pois é uma menininha que grita e, finalmente, é colocada nos braços de Kodiammal.

A menina é batizada Annandhi, que significa felicidade. 🌍



Deixaram Annandhi viver.
Seu nome significa felicidade.

Deixaram Annandhi viver

Annandhi não se lembra de quantos anos tinha quando sua mãe um dia contou: “Nós pensamos em te matar, mas a deixamos viver”. Por volta da mesma época, Annandhi soube que tinha uma irmã que foi enterrada junto à parede da casa, sob o arbusto de jasmim.

“Poderia ter sido eu”, pensa Annandhi. Às vezes, ela se senta e conversa com a irmã quando não há ninguém por perto. Ela não quer entristecer seus pais e fazê-los sentirem-se culpados.

– Não fique zangada, susurra Annandhi. Papai queria me matar também. Ele não tinha noção, na época.

O nascimento de Annandhi foi comemorado com uma festa na aldeia. O grupo de mulheres IKKAM deu-lhe dois coqueiros e duas cabras.

A família vende leite de cabra e dinheiro significa muito, principalmente depois que o pai de Annandhi machucou as costas e ficou difícil trabalhar.

Annandhi se torna “mãe”

Há alguns meses, as cabras deram cria. A mãe cabra era velha e morreu durante o parto, por isso Annandhi teve que ser sua nova mãe. Ela lhes deu leite e muito amor. Agora, todos os filhotes se viram sozinhos, exceto uma

fêmea, que Annandhi batizou como Shri, que significa sagrado. Shri é doente e não cresce como deveria. Ela segue Annandhi por toda parte, mesmo para a escola.

A mãe e o pai não têm o mesmo amor que Annandhi nutre por Shri, mas eles querem que ela sobreviva. Ao contrário dos filhotes machos, mais tarde Shri pode dar leite e crias para a família.

– É ilógico, pensa Annandhi. Adultos só querem filhos e matam suas filhas. Mas com animais, acontece o oposto. São os animais do sexo feminino, como as vacas, que são considerados valiosos. Os touros são abatidos e comidos. Por que as pessoas não entendem que uma menina tem valor – que ela pode cuidar de sua família tão

bem quanto um menino, se não melhor? Detesto essa atitude. Pretendo ir longe e mostrar a todos que as meninas têm o direito de viver.

Dificuldade para dormir

A casa da família tem grandes buracos nas paredes e no teto, que eles não têm condições de reparar. Quando as monções chegam, chove dentro de casa. Tudo fica molhado e as paredes de barro amolecem. Uma vez, quando Annandhi tinha nove anos, um pedaço da parede caiu em sua cabeça enquanto ela dormia. Desde então, ela teme que a casa desabe.

Muitas vezes, Annandhi fica muito tempo acordada pensando em como a família sobreviverá até que ela e sua irmã concluem os estudos e



Annandhi ama suas cabras, que a veem como uma segunda mãe!

Annandhi com seu pai, mãe, irmã e avó.



comecem a trabalhar. Uma noite, depois que os pais discutem sobre dinheiro, ela não prega os olhos. Lágrimas escorrem na escuridão, mas quando a mãe vem, Annandhi finge dormir. Na manhã seguinte, ela senta junto ao pé de jasmim e sussurra:

– Se eles tivessem te deixado viver e me matado em seu lugar, você sofreria como eu. Pelo menos, você está segura agora. Depois, ela vai para a escola e a cabrita Shri a acompanha.

Problemas com homens

Não há escola na aldeia. Annandhi e suas amigas caminham alguns quilômetros até a escola da aldeia vizinha. No caminho, elas encontram um grupo de homens que gritam:

– Venham dançar conosco!
É frequente que, no caminho para a escola, homens tentem falar com as meninas.

Às vezes, eles vão atrás delas e puxam suas roupas. A mãe de Annandhi disse que ela deve gritar e bater se for atacada. Antes, isso era impensável. Uma menina nunca podia discutir com um homem. Se fossem atacadas, era sempre culpa delas. Esse era um dos motivos porque as meninas não podiam ir à escola. Os pais não ousavam deixá-las sair.

As coisas vão bem na escola, e Annandhi está mais feliz no caminho de volta. Ela conta a seu pai que foi elogiada por seu professor.

– Você tem muito talento! diz ele. É inconcebível pensar que poderia não estar conosco.

Não me bata!

Todas as noites, Annandhi vai à escola noturna, dirigida pelos próprios moradores. As mães do grupo das mulheres ajudam com o dever de casa e





Annandhi é uma das 12.000 meninas cujas vidas foram salvas até o momento pela batalha de Rosi em 210 aldeias no sul da Índia. Você consegue encontrá-la na foto?



Annandhi, 13

A melhor coisa: Brincar com os amigos. Ir à escola.

A pior coisa: Quando meninas são mortas.

Fica triste: Quando meus pais discutem.

Ama: Animais, especialmente minhas cabras.

Quer ser: Advogada e lutar por justiça.

melhor amiga. Ela se senta junto ao pé de jasmim, que tem um cheiro forte e bom.

– Nunca cheguei a conhecê-la, ela diz à irmã enterrada. Se você tivesse vivido, nós poderíamos brincar juntas e nos apoiar mutuamente. Se alguém não quiser a própria filha no futuro, eu cuidarei dela como se fosse minha. 🌐

→ organizam brincadeiras, teatro, música e dança. Meninos e meninas aprendem sobre seus direitos e que filhos e filhas têm o igual valor. Na aldeia de Annandhi, quase todos os homens espancavam suas esposas antes, às vezes até a morte. Ninguém era punido por isso. Os meninos aprendiam com seus pais e maltratavam suas irmãs e outras meninas. O pai de Annandhi costumava beber e batia em Kodiammal, a mãe

dela, mas com o apoio do grupo de mulheres, ela protestou e ameaçou deixar o pai se ele não parasse de beber e de maltratá-la. Funcionou!

Casamento vai ter que esperar

Annandhi não pensa em se casar antes de completar pelo menos 25 anos. Primeiro, ela precisa ter uma educação e um bom trabalho.

– Talvez tentem me fazer casar antes, mas vou lutar

contra isso, afirma ela. Meu marido deve ser gentil e compartilhar o trabalho doméstico. E sua família não vai receber nenhum dote. Minha educação é o meu dote! Vou ganhar meu próprio dinheiro.

Atualmente, a aldeia de Annandhi está quase totalmente livre de infanticídio feminino. Na região onde ela vive, milhares de vidas de meninas foram salvas em centenas de aldeias depois que suas mães e pais receberam apoio e educação.

– Agora eles sabem que as meninas são uma dádiva, não uma punição, diz Annandhi.

Shri não acorda

Uma manhã, a cabrita Shri não vem pulando como de costume quando Annandhi sai no quintal. Ela morreu durante a noite e está fria e imóvel sob uma árvore. Annandhi não consegue parar de chorar, embora soubesse que Shri estava doente. As lágrimas não param por dois dias, e ela continua triste por muito tempo depois. Ela sente como tivesse perdido mais uma irmã ou uma

Na escola noturna, meninas e meninos desenvolvem habilidades para a vida e aprendem sobre seus direitos e o valor igual de todos. Eles também recebem ajuda com o dever de casa e brincam, dançam e fazem teatro.



O guarda-roupa de Annandhi



Uniforme escolar



Roupa bonita de festa



"Amarelo me deixa feliz!"



Roupa de brincar e para trabalho doméstico



Teatro no combate ao infanticídio feminino

Annandhi e suas amigas desejam acabar com o infanticídio feminino e o casamento infantil. Elas ensaiaram uma peça que apresentam nas outras aldeias, sobre uma família que quer matar sua segunda filha quando ela nasce. A filha mais velha da família chora e diz:

- Se vocês tivessem me matado, eu não existiria.
 - Não temos como sustentar mais uma menina, diz o pai.
 - Há auxílio disponível. Deixem-na viver.
- Mais tarde, o pai diz à filha.
- Graças a você, eu sei que há ajuda e apoio. Prometo que vou cuidar da criança.
- Após a peça. Elas agradecem os aplausos!

A luta pelas meninas

Mais de 25 anos atrás, Rosi Gollmann iniciou a campanha "Nenhuma garota é indesejável", junto com ativistas de base no sul da Índia. Naquela época, quase ninguém – nem os políticos, a mídia ou a polícia – falava abertamente sobre só haver uma menina para cada três meninos em muitas partes da Índia. As meninas eram mortas ao nascer, ou morriam mais tarde devido à desnutrição e negligência. Muitos também abortavam se descobrissem que o feto era uma menina. Quando foi revelado que alguns hospitais tinham abortado 100 fetos do sexo masculino e 7.000 fetos do sexo feminino, os políticos foram obrigados a proibir que os médicos revelassem o sexo do bebê com antecedência. Rosi se concentrou em educar e empoderar meninas e mães. Junto com a organização indiana ARD, eles conseguiram resultados em 210 aldeias que atualmente são quase completamente livres de infanticídio feminino e casamento infantil.

- Mais de 12.000 meninas tiveram suas vidas salvas.
- 98 por cento das meninas frequentam a escola.
- 5.420 meninas receberam formação profissional e emprego.
- 7.500 mulheres começaram negócios com o auxílio de empréstimos de grupos de autoajuda de mulheres das aldeias. Muitas mães sustentam a família através da fabricação e venda de artesanato, roupas ou ataduras, por exemplo. Inicialmente, os homens ficaram com raiva porque as mulheres ganhavam mais dinheiro que eles, mas agora estão felizes que a situação esteja melhor para todos.



Celebrando as meninas!

A tia de Annandhi teve uma filha e toda a aldeia organizou uma festa de boas vindas para ela. Foi ideia de Rosi fazer festas para meninas recém-nascidas, para mostrar a todos que é algo a celebrar.

As mulheres e meninas andam pela aldeia com música e canto, até a casa da menina recém-nascida.



Sonia, 12, carrega uma das duas mudas de coqueiro dadas a cada menina recém-nascida. Depois de três anos, elas dão frutos que podem ser vendidos e proporcionar uma renda extra.



A garotinha recebe presentes, um vestido novo, comida e joias. E pontos pretos no rosto para proteger contra maus espíritos!

Cada família recebe duas cabras, que fornecem leite e filhotes.





Surya quer ser um exemplo

Surya, 14, tem uma canção favorita sobre uma mãe que canta para o feto.

– O pai quer matar sua filha, mas a mãe canta: “Minha linda criança, seus olhos brilham como uma luz na tempestade. Vou lutar por sua vida.” Minha mãe garantiu que eu pudesse viver.

Surya será professora e ajudará meninas que abandonam a escola a recomeçar.

– Minha mãe tinha apenas 14 anos quando se casou, e nunca sequer mesmo começou a estudar. Eu admiro a diretora de minha escola. Ela trata a todos igualmente. Também quero ser um exemplo e mostrar que meninas têm valor. Fico brava quando crianças são discriminadas. Nós somos o futuro do país!



Pavitra quer ser policial

– Eu quero ser policial e punir os homens que brigam e ferem os outros, afirma Pavitra, 11, uma das melhores amigas de Annandhi na aldeia.

– Fico brava e triste quando penso em minhas duas irmãs que vieram antes de mim. Elas não puderam viver só porque eram meninas. Quando meus pais obtiveram mais conhecimento, eles entenderam que isso era errado e me deixaram viver. Agora eu admiro minha mãe. Ela luta por nossos direitos no grupo de mulheres e é professora na escola noturna.

Pavitra adora dançar.

– Eu, Annandhi e as outras meninas salvas nos apresentamos juntas para espalhar alegria e o conhecimento sobre os direitos das meninas. Gosto de dançar música nova e tradicional.



Bem-vinda e boa sorte!

As meninas na aldeia de Annandhi fazem um rangoli, que é um símbolo de boa sorte e boas-vindas que é “pintado” com areia de várias cores. Esse tipo de pintura geralmente é visto durante cerimônias festivas na Índia. Rangoli significa “linhas de cores”. Faça assim:

1. Prepare areia fina em cores diferentes. (Se estiver ventando, você pode usar giz colorido no asfalto em vez de areia.)
2. Comece desenhando os contornos de seu rangoli com um galho na areia e, em seguida, preencha o contorno com pó branco.
3. Preencha com areia colorida. Pronto!





Thanga adora jogar críquete. Ele até dá uma tacada em prol da igualdade de direitos das meninas.



Venketesh não consegue imaginar a vida sem sua irmã, que seria morta, mas foi resgatada.

Uma tacada pelas meninas

– No passado, as meninas eram tratadas quase como escravas em nossa aldeia, mas isso está prestes a mudar, diz o líder da equipe de críquete da aldeia, Thanga, 14.

Na escola noturna, aprendemos sobre direitos das meninas. Tenho duas irmãs que têm que fazer tudo em casa. Meus pais nos tratam de forma diferente, e acho injusto. Eles gritam com minhas irmãs, mas para mim eles apenas dizem: “Vá descansar ou brincar!”. Minhas irmãs ficam chateadas, então eu ajudo de qualquer modo. Eu costumo lavar roupa e descascar cebola. Os olhos ardem e lacrimejam!

Quando Thanga tiver filhos, ele pretende tratar seus filhos e filhas da mesma forma.

– Eles irão à escola e não terão que trabalhar duro. Nunca vou permitir que ninguém dê leite envenenado à minha filha. Ela só vai beber leite normal e crescer forte.

Thanga quer ser engenheiro e construir casas melhores para as pessoas pobres.

– A casa que temos agora é ruim e está caindo aos pedaços. É perigoso e me deixa bravo.

A irmã foi resgatada

– Minha irmã seria morta quando nasceu, mas sua vida foi salva, diz o amigo Venketesh, 15 anos. Nossos pais nos contaram que eram ignorantes. Agora eles são mais informados. Não consigo imaginar a vida sem minha irmã. Ela e minha mãe fazem parte de mim! 🌐



Paul quer trabalhar pela justiça

– Quero ser policial e garantir a redução da criminalidade. Ninguém deve matar ou ferir outra pessoa. Fico triste quando penso que há homens que mataram suas esposas e pais que mataram meninas. Isso deve acabar. Na escola noturna aprendemos que todos têm o direito de ser tratados igualmente, nós não menosprezamos as meninas.

Paul tem três irmãos, mas nenhuma irmã.

– Muitas vezes penso em minhas irmãs que morreram. Eu me pergunto como elas seriam agora e como poderíamos ter brincado juntos.

Swati fugiu

Saritha tem nove anos de idade quando sua irmã mais velha, Swati, se casa. Swati tem apenas 15 anos, mas parece mais velha com roupas novas e pulseiras de ouro. O homem que se casa com ela tem quase o dobro da idade.

O casamento dura vários dias, e é a família da noiva que paga por tudo. Além disso, o homem exige um dote em dinheiro, utensílios domésticos e ouro. Quando o casamento acaba, Swati se muda para a casa da família do homem, em outra aldeia.

Agora Saritha e sua outra irmã, Narthi, muitas vezes passam fome. Seus pais pegaram dinheiro emprestado para poder pagar para casar a filha mais velha. Quase todo o dinheiro vai para pagar o empréstimo. Swati nunca vem visitar, e nunca mais foi à escola depois do casamento, embora a família do homem tenha prometido que ela continuaria estudando.

Swati vem para casa

No fim, Swati aparece em casa. Ela está chorando e parece cansada e magra.

– Eles me batem o tempo todo, diz ela. Tenho que trabalhar como uma escrava e não posso ir à escola.

– A culpa é minha, diz a mãe, também chorando. Mandei você se casar cedo demais.

Mas o pai das irmãs envia Swati de volta ao marido.

– Caso contrário, será um escândalo! diz ele, ansioso.

Quando Swati tem o primeiro filho é uma menina. Seu marido fica bravo e exige mais dinheiro.

– Você pagou muito pouco por uma mulher ruim, que só dá à luz meninas, diz ele. Eu quero ter um filho!

Os pais de Swati não têm mais nenhum dinheiro e ainda têm duas filhas para casar.



A mãe deu à luz cinco meninas, mas nenhum filho. Duas das meninas foram mortas ao nascer e estão enterradas sob o piso da casa da família.

Swati foge

Depois de três anos, Swati foge para casa e se recusa a voltar.

– Eles me torturaram todos os dias. Se meu próximo filho também for menina, vão matá-la.

A mãe, que entrou para o grupo de mulheres da aldeia, diz.

– Você não precisa voltar. Nós aprendemos que existe uma lei contra o casamento infantil e o dote. Se seu marido vier aqui brigar, chamaremos a polícia.

Swati recebe ajuda de sua mãe e do grupo de mulheres para começar um curso de costureira.

– Não se casem cedo demais, concluem os estudos primeiro, diz Swati todos os dias às suas irmãs.

– Eu não vou me casar, afirma Narthi; 15. Serei enfermeira, ganharei dinheiro e cuidarei de nossa família.

– Se tentarem me casar antes que eu seja adulta, vou à polícia, diz Saritha

O pai muda

O pai das irmãs e outros homens da aldeia recebem treinamento e auxílio para encontrar empregos melhores. Ele pede perdão a Swati.

– Eu fui ignorante e você

Swati foi obrigada a se casar com um homem com o dobro de sua idade, aos 15 anos. Depois de três anos, ela fugiu do homem, e aqui está com sua mãe e duas irmãs. Com auxílio do grupo de mulheres da aldeia, que recebeu apoio de Rosi e da Andheri Hilfe, os direitos das meninas e mulheres da aldeia foram fortalecidos.

sofreu. Não vou fazer o mesmo com minhas outras filhas.

A mãe pede dinheiro emprestado da conta poupança do grupo de mulheres e compra uma vaca. O leite dá uma renda segura à família.

– Antes, minha mãe nunca ousava discordar do meu pai, conta Saritha. Agora, ela ensina outras meninas e mulheres a lutar por seus direitos e ela apoia suas filhas. Quero ser como ela! 🌍



A vida na rua

Sangheeta vive com sua família na rua da grande cidade de Chennai. Ela e sua família acordam, comem, trabalham, brincam e dormem a céu aberto.

Sangheeta viveu toda a sua vida na mesma rua secundária. Sua mãe também nasceu aqui, há quase 40 anos.

– Serei a primeira pessoa na minha família com ensino superior e conseguirei um bom trabalho, para que possamos nos mudar para uma casa de verdade, diz Sangheeta. Meus irmãos mais velhos começaram a trabalhar quando meu pai desapareceu, mas, juntos, eles só conseguem cerca de 3 dólares por dia. É suficiente apenas para o alimento. Os políticos na Índia não fazem nada para nos ajudar, então temos que ajudar a nós mesmos.

A vida na rua é suja e difícil. As crianças dormem onde ratos e baratas procuram comida em grandes pilhas de lixo. Mas a coisa mais difícil é quando homens ficam bêbados nas redondezas.

– Eles gritam, brigam e destroem as coisas. Se alguém tiver cozinhado, eles estragam tudo de uma vez, chutando a panela. Todas as crianças ficam tristes quando seus pais brigam.

Sangheeta e sua família recebem ajuda de Rosi Gollmann e de uma organização indiana com as taxas escolares e alimentos. Sangheeta recebeu treinamento em todo tipo de coisa, desde habilidades para a vida até futebol.

– Quero ser tão boa no futebol quanto Messi, e jogar na equipe nacional indiana. Mas os estudos são importantes. Eu tenho boas notas, especialmente em ciências. Mas ninguém na escola sabe que eu moro na rua. Se soubessem eles parariam de falar comigo, pois desprezam os pobres.

06h00 Acorda

– Às vezes estou muito cansada de manhã, diz Sangheeta. O pior é quando os homens bêbados vêm à noite e se deitam ao nosso lado. Nós gritamos socorro para que nossos pais nos ajudem, mas é difícil dormir depois.

Sangheeta, 15

Adora: Futebol e a escola.

A pior coisa: Viver na rua.

Melhor jogador de futebol: Lionel Messi.

Ama: Minha família.

Quer ser: Assistente social.



06h30 Higiene matinal

Sonia, 10, escova os dentes com creme dental no dedo.



Meninos e homens se lavam em uma bomba no bairro, mas meninas não podem despir-se quando as pessoas estão olhando. Portanto, elas precisam pagar para usar os sanitários na estação de trem que fica nas proximidades.

Famílias de rua por gerações

Pelo menos 40.000 famílias com 75.000 crianças vivem nas ruas de Chennai. Muitas crianças ficam feridas ou morrem em acidentes de trânsito. Outras, especialmente as meninas, são estupradas. Algumas são sequestradas e usadas como escravas sexuais. Doenças como sarna, febre tifoide, disenteria e cólera, tuberculose e HIV/AIDS são comuns. Rosi Gollmann apoia as famílias de rua com auxílio para que possam se autoajudar.

Em dezembro de 2015, Chennai foi atingida pelas piores enchentes em um século, e centenas de pessoas morreram. No bairro de Sangheeta, a água subiu 1,5 metro e as famílias tiveram que fugir para salvar suas vidas.



A mãe penteia a filha para tirar piolhos antes de ela ir para a escola.



07h30 Hora da aula

– Tenho dois uniformes escolares, para que dê tempo de lavar e secar um deles todos os dias, diz Sonia. Quando chove, é difícil, se ambos os uniformes ficam molhados. Às vezes eu não posso ir para a escola por isso. Nunca ousei levar colegas para casa, porque eles não sabem onde eu moro.



08h00 Hora do trabalho

Muitos meninos mais velhos tiveram que abandonar a escola e trabalhar, por exemplo, carregando água para empresas e famílias na região.

15h00 Dever de casa

Sanju, 12, ajuda seus amigos mais jovens com o dever de casa.

– Quero ser professor e ajudar todas as crianças de rua a se saírem melhor na escola.

14h30 Brincar na rua

Pular pasto é um das muitas brincadeiras populares na rua. Mas se trata de conseguir fugir quando vêm carros e motos em alta velocidade. Muitas crianças se ferem e algumas morrem em acidentes de trânsito todo ano.



16h00 Com fome

Quase todo o dinheiro vai para comprar comida.

– Nós não temos nenhum lugar para guardar coisas como arroz, farinha e óleo, os ratos comem tudo.

Portanto, não podemos preparar nossa própria comida, explica Sangheeta.



16h15 Proteger a comida!

Toda vez que há uma rajada de vento, as crianças levantam seus pratos bem alto para proteger a comida contra poeira e sujeira.





16h30 Treino

Sangheeta ensina futebol para as crianças mais novas em seu bairro.



Sangheeta e os amigos do futebol se posicionam para uma foto da equipe. A avó de Sangheeta não faz parte da equipe, ela está apenas sentada descansando!

17h30 Reunião das crianças

Em seu próprio parlamento, as crianças que vivem na rua aprendem sobre seus direitos e lutam juntas para que estes sejam respeitados.



Objetos de valor e livros escolares são mantidos em caixas com cadeados.

19h00 Conversa noturna

A líder das famílias da calçada reúne as crianças. Ela lhes dá algo para o jantar e pergunta como estão na escola, e se têm alguma outra dificuldade. Em seguida, é hora de dormir.



20h30 Doce da noite

Sangheeta convida sua irmã pequena para um picolé antes de ir dormir. – Agora as coisas estão razoáveis, mas na estação chuvosa temos que sentar sob a parte externa de telhados, é difícil dormir sentada, mas você se acostuma!



Crianças como Shalina, que não pode continuar vivendo com suas famílias na rua, recebem a proteção do centro infantil Karunalaya, que coopera com Rosi e a Andheri-Hilfe há 15 anos. As crianças recebem educação, apoio e amor. Além disso, elas jogam futebol!

Resgatado da rua

A mãe de Shalina ia vendê-la a um vizinho. Então, ela teve a proteção do centro infantil Karunalaya. Agora ela frequenta a escola e gosta de jogar futebol!

Eu cresci na calçada com minha família. Meus pais trabalhavam o dia todo como coletores de lixo. Papai costumava prometer à minha mãe: Agora vou comprar comida. Então, ele não voltava para casa por muitas horas, e quando o fazia, estava bêbado. Todo o dinheiro tinha sido gasto com bebidas. Muitas vezes eu e meu irmão mais novo não tínhamos nenhuma comida, apenas água para beber.

Uma vez, minha mãe encontrou muito dinheiro quando procurava lixo. Ela não queria que meu pai o pegasse, então pediu a um vizinho, um homem mais velho, para guardá-lo em um lugar seguro. Mas, em vez disso, ele gastou todo o dinheiro e disse à minha mãe: 'Envie-me sua filha, aí talvez eu pague'. Mamãe ficou tão desesperada que concordou com aquilo. Então, eu fugi e consegui abrigo aqui no centro infantil. Depois de um mês, minha mãe descobriu

que eu estava lá e me visitou. Ela disse: 'Perdoe-me. Fique aqui e frequente a escola.'

Quer ser médica gratuita

Eu nunca tinha ido à escola, então primeiro tive que aprender a ler e escrever. Agora estou no nono ano e me saio bem. Gosto de ler o jornal e saber o que está acontecendo no mundo. Às vezes fico com raiva, especialmente quando leio sobre meninas que são espancadas e estupradas. Uma menina até mesmo foi atacada por policiais, que deveriam protegê-la! Meninas e meninos devem cooperar e se ajudar mutuamente em vez disso.

Meu sonho é ser médica e ajudar as pessoas pobres sem cobrar. Quando eu morava na rua e ficava doente, ninguém nunca falava de ir ao médico, eu apenas ficava deitada lá. Muitos morrem porque não têm dinheiro para comprar remédios. Pretendo mudar isso!"



Copa do Mundo para crianças de rua

Em 2014, a Copa do Mundo para crianças de rua foi disputada no Brasil e uma equipe do Karunalaya representou a Índia! Gopinath diz: "Pude voar pela primeira vez. Inicialmente, eu estava super nervoso, mas todos nos deram as boas-vindas e nos enxergaram como pessoas, não como inferiores, como aqui na Índia. Fiz novos amigos para toda a vida e nós recebemos o 'troféu de Fair Play' porque fomos a equipe que jogou mais justo".

Moses não é um fardo



Um médico disse que Moses nunca poderia cuidar de si mesmo. Agora ele estuda para trabalhar em restaurante e prospera na vida.



Quando a família de Moses descobriu que ele era diferente, temeu que os vizinhos falassem mal deles. Alguns acreditam que crianças que nascem, por exemplo, com perda auditiva ou dano cerebral são um castigo de Deus e que os pais devem ter feito algo terrível.

Moses nasceu com uma lesão cerebral que não permitia que ele se desenvolvesse tão rápido como as outras crianças. Quando ele não acompanhava o ritmo na escola, era espancado pelo professor. Os meninos mais velhos caçoavam dele e o espancavam. Moses ficou com medo e parou de sair. Sua mãe o levou a um médico, que disse apenas “Seu filho é um idiota, ele nunca será capaz de se cuidar sozinho”.

Moses recebe ajuda

Um dia, quando Moses tinha doze anos, colaboradores de Rosi vieram à aldeia. Eles perguntaram se havia crianças com deficiência.

– Não temos crianças loucas aqui! disseram os aldeões, tentando afastá-los. Mas a mãe de Moses queria apoio. Moses teve a oportunidade de

começar em uma escola especial, a uma hora de ônibus da aldeia. Todos os dias, ele ia à escola com a mãe, e se desenvolveu rapidamente com a ajuda de professores especiais. A mãe de Moses também aprendeu como podia apoiar o desenvolvimento do filho.

Agora ninguém caçoa

Após dois anos na escola especial, Moses agora ousa ir sozinho no ônibus toda manhã. Ele concluiu o oitavo ano, e agora faz curso profissionalizante em restaurante. Ele já gerencia o café do centro, faz chá, serve e cobra.

– Antes, eu tinha medo de tudo e odiava minha vida, conta Moses. Agora sou calmo e feliz. Ninguém mais caçoa de mim na aldeia, porque tenho uma educação melhor que a deles e posso me defender. Hoje, muitos me admiram! 🌍

As crianças escondidas

Alguns pais na Índia escondem seus filhos deficientes. Muitos crescem no escuro, e alguns até mesmo são amarrados ou acorrentados. A Índia tem leis que determinam que crianças deficientes têm os mesmos direitos que todas as outras, e devem receber o apoio de que necessitam. Mas as famílias pobres não sabem que têm direito a ajuda. Por isso, Rosi coopera com organizações indianas que ajudam crianças com deficiência e aumentam o conhecimento sobre os seus direitos na sociedade.

Alagumani obteve uma linguagem

– Eu nasci surdo, conta Alagumani, 14, que vive e estuda em uma escola para crianças deficientes, a qual é apoiada por Rosi e a Andheri-Hilfe. Eu não podia ir à escola e não tinha roupas adequadas. Meus irmãos fingiam que eu não existia. Eu sentia como se vivesse em uma prisão. Eu tinha tanta raiva por ninguém se importar comigo, que batia na minha mãe. Então, ela revidava. No final, vim para cá e aprendi a linguagem de sinais. Pela primeira vez, eu conseguia me fazer entender e compreender os outros! Isso me deixou feliz. Agora vou à escola e tenho boas notas. Minha mãe começou a aprender a linguagem de sinais para podermos conversar.





Balachandran e as outras crianças da aldeia recebem ajuda com o dever de casa, brincadeiras e habilidades para a vida na escola noturna da aldeia.

Quando Rosi Gollmann visitou Balachandran e sua família, ele prometeu obter uma formação e construir uma nova casa para sua família.

Crianças trabalhadoras estudam

Quando uma pedra caiu e esmagou a perna do pai de Balachandran, a família teve que pedir um empréstimo para uma cirurgia. Mas quando, apesar disso, o pai ainda não conseguiu mais trabalhar tão rápido quanto antes, ele foi demitido da pedreira onde trabalhou desde que era criança.

Desde então, nós somos, provavelmente, a família mais pobre na aldeia, diz Balachandran. Temos que pagar o empréstimo e não temos condições de ter uma casa adequada.

Vinte anos atrás, toda a aldeia de Balachandran trabalhava na pedreira, mas agora ela fechou.

– O buraco se tornou muito profundo e perigoso. A empresa simplesmente se mudou para longe, sem colocar nenhuma cerca de proteção. Às vezes uma criança cai lá e morre, conta Balachandran.

O pai bebe

O pai de Balachandran precisa viajar para longe para conseguir emprego, e só vai para casa algumas vezes ao ano. Está bem assim, pensa a mãe, e diz:

– Ele bebe demais, para anestesiar a dor em sua perna.

Então ele fica bêbado e me bate. Se não fosse por vocês, meus filhos, eu não iria querer viver mais.

Quando a pedreira funcionava, políticos abriram lojas de bebida na aldeia e ganharam dinheiro porque os homens compravam bebidas com o salário. A pedreira foi fechada, mas lojas de bebidas continuaram.

– Uma vez, eu caí de joelhos e disse: “Papai, por favor, pare de beber”, conta a irmã mais velha. Ele chorou e pediu desculpas, mas afirmou que não conseguia parar.

Trabalho infantil acabou

Todos os pais na aldeia foram trabalhadores infantis, e até muitas das crianças, mas agora isso acabou.

Por um tempo, Balachandran trabalhou em uma padaria depois da aula, mas era perigoso, com fornos e formas fumegantes. Depois,

a família recebeu auxílio de Rosi e seus colaboradores com dinheiro para as taxas escolares e formação para a mãe. Agora Balachandran e sua irmã se concentram nos estudos, para que possam conseguir bons empregos.

– Quero trabalhar como policial e proteger as pessoas pobres. Serei um policial justo que não aceita suborno, e pretendo garantir que as lojas de bebida sejam fechadas. 🌐



Balachandran e sua mãe.

Do trabalho infantil à educação

Antes, as crianças da aldeia trabalhavam até 15 horas por dia a partir dos seis anos de idade. Ninguém frequentava a escola. Muitas foram gravemente feridas pelo deslizamento de rochas. Alguns ficaram cegos, devido a lascas de pedra nos olhos. Rosi Gollmann e a organização indiana Choli libertaram trabalhadores infantis e os apoiaram com as taxas escolares e aulas extras. Hoje, muitos dos ex-trabalhadores infantis se tornaram engenheiros, assistentes sociais e enfermeiros.

O Segredo das crianças

Kalieshwari, 14, divide um segredo com outras crianças da cidade de Madurai. Elas se reúnem uma vez por semana para falar sobre o que é viver com HIV/AIDS. As crianças que revelam seu segredo são isoladas por amigos e professores.

Eu gosto de conhecer outras crianças que têm o mesmo que eu, diz Kalieshwari. Nunca conto a ninguém de fora. Eles só pensam: “Talvez ela nos contagie”. Depois, param de ficar comigo. Isso me deixa com raiva.

Uma das amigas de Kalieshwari, Tharani, 11, foi infectada pelo HIV no ventre de sua mãe, mas seu irmão bebê nasceu saudável, pois a mãe recebeu a medicamentos enquanto durante a gestação.

– Eu tomo muitos comprimidos, conta Tharani. Às vezes fico tão cansada que adormeço na escola. Mas não ousou contar o motivo.

Perdeu o emprego

O pai de Kalieshwari infectou sua mãe.

– Minha mãe era professora. Quando ela contou sobre sua doença, foi demitida, diz Kalieshwari. Não tínhamos

dinheiro para alimentos ou medicamentos. Quando meu pai morreu, tive que cuidar da minha mãe. Eu temia que ela morresse e me deixasse sozinha. No fim, recebemos auxílio de Rosi Gollmann e seus voluntários. Eles me deram dinheiro para as taxas escolares. Minha mãe recebeu medicamentos que a ajudaram a melhorar muito.

A mãe de Kalieshwari agora trabalha como voluntária para uma organização apoiada por Rosi que luta pelos direitos dos pacientes de HIV/AIDS.

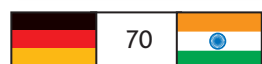
– Minha mãe ensina os fatos acerca do HIV/AIDS para ajudar aqueles que estão doentes e para combater o preconceito. No trabalho, ela conheceu outro professor que foi demitido porque era HIV positivo. Eles se apaixonaram e se casaram! Tenho orgulho porque eles tentam fazer as pessoas entenderem que todos devem ser tratados igualmente.

Muda-se com frequência

A família de Kaleshwari foi obrigada a se mudar sete vezes em oito anos.

O QUE É HIV/AIDS?

O HIV é uma doença viral que destrói o sistema imune. Uma pessoa com HIV pode viver uma vida boa e longa, mas sem tratamento, a resposta imune acaba se tornando tão fraca que o corpo não consegue se proteger de doenças que, de outro modo, seriam tratáveis. Esta última etapa, quando a pessoa, muitas vezes morre (por exemplo, de pneumonia), se chamada AIDS.



Kalieshwari e Tharani se apoiam mutuamente.



Mahalkshmi sonha com um castelo cor de rosa para todos de quem ninguém quer cuidar.

– O pior é mudar de escola. Uma vez eu tentei me recusar. Minha melhor amiga chorou e me pediu para ficar. Mas era impossível.

Kalieshwari também participa da luta contra o preconceito.

– Nós, crianças, apresentamos uma peça em escolas e hospitais. Muitos têm medo

de nós. Eles acreditam que é possível se infectar com o HIV por beber do mesmo copo ou dividir o mesmo banco na escola! Nós explicamos que ele só é transmitido através do sangue. Quando as pessoas recebem o conhecimento, elas nos tratam como todas as outras pessoas, e isso é tudo que quero. 🌐

Palácio cor de rosa para a mãe

Quando Mahalkshmi estava no ventre de sua mãe, ela, que é HIV positiva, recebeu medicamentos dos funcionários de Rosi Gollman. Isso permitiu que Mahalakshmi nascesse saudável. Hoje, ela tem doze anos.

– Ninguém quer alugar casa para nós, porque minha mãe tem AIDS, explica Mahalakshmi. Eu sonho com uma casa, um palácio cor de rosa com dois andares, refrigerador, camas macias, máquina de lavar roupa, piscina e janelas de vidro. Eu convidaria todas as pessoas que ninguém quer para ir para lá e cuidaria delas. Minha mãe apenas descansaria, como uma rainha!



**POR QUE
MANUEL É
NOMEADO?**

Manuel Rodrigues

Manuel Rodrigues é nomeado ao Prêmio das Crianças do Mundo por seus 20 anos de luta por crianças cegas e crianças com outras deficiências na Guiné-Bissau.

Crianças portadoras de deficiência na Guiné-Bissau estão entre as crianças mais desfavorecidas e vulneráveis do mundo. Manuel e sua organização, a AGRICE, lhes proporcionam uma vida digna. Elas recebem assistência médica, comida, um lar, possibilidade de ir à escola, segurança e amor. Manuel fala sobre os direitos das crianças deficientes a políticos e organizações, mas especialmente para pessoas em aldeias rurais. De outra forma, os aldeões não obteriam tais informações. Graças ao trabalho de Manuel, crianças e adultos sabem que crianças cegas e crianças com outras deficiências têm os mesmos direitos que todas as outras. A luta de Manuel salvou essas crianças de maus-tratos, abandono ou mesmo da morte. 250 crianças cegas viveram no centro de Manuel e frequentaram sua escola adaptada para deficientes visuais. O objetivo é que as crianças voltem para a casa de suas famílias nas aldeias após o treinamento e escolarização com Manuel. A maioria dessas famílias é pobre, e as crianças recebem apoio da AGRICE ao voltar para casa, a fim de poder continuar sua educação e obter uma boa vida em suas aldeias.



Manuel, que é cego desde os três de idade, com crianças cegas que receberam a oportunidade de uma vida melhor através de Manuel e do trabalho de sua organização, a AGRICE.

Manuel faz cafuné na cabeça da menina. Adelia, 9, inclina-se para ele no banco onde estão sentados. Quando nasceu, ela foi deixada para morrer na floresta porque é cega.

– Isso me deixa muito triste e bravo. Infelizmente, Adelia não é exceção. A situação das crianças que são cegas ou têm outras deficiências na Guiné-Bissau é terrível. Muitos veem estas crianças como sem valor, não lhes dão amor e não permitem que elas frequentem a escola. Minha vida é lutar por essas crianças, diz Manuel.

Manuel sabe o quanto uma criança portadora de deficiência depende de que os adultos que a cercam se importem e demonstrem amor. Sem negligenciar e abandonar. Manuel sabe porque ele próprio ficou cego aos três anos.

– Cresci em uma família comum com muitos filhos. Éramos nove irmãos e irmãs, e minha mãe Ana-Maria e meu pai Luis nos amavam. Meu pai e eu éra-

mos melhores amigos. Caminhávamos de mãos dadas até a pré-escola todos os dias e brincávamos muito juntos. Nadávamos e jogávamos bola. Embora eu fosse criança, costumávamos usar roupas iguais. Lembro-me que meu pai estava sempre feliz.

Quando Manuel tinha três anos, aconteceu algo que mudou tudo.

– Meus olhos, que eram castanhos, começaram a ficar azuis, e eu via tudo



Manuel com Adelia, que foi abandonada na floresta para morrer quando era bebê, mas foi salva por pastores. Desde então, Manuel e sua esposa cuidaram de Adelia e lhe deram um lar, amor e educação.





Na escola Bengala Branca, de Manuel, há crianças cegas e crianças que enxergam, e elas brincam juntas nos intervalos.

como que por uma névoa. Ficou cada vez mais difícil brincar e me movimentar, e eu tive que abandonar a pré-escola, por enxergar muito mal. Isso me entristeceu muito. Mas quem ficou ainda mais triste foi meu pai. Ele chorava quase que constantemente.

A longa viagem

O pai de Manuel recusou-se a aceitar que seu filho havia ficado cego. Ele decidiu que

Manuel receberia o melhor cuidado médico que conhecia. Não na Guiné-Bissau, mas em Portugal, onde seu irmão morava. Ele passou a contatar pessoas que poderiam ajudá-lo. E então começou a guardar tanto dinheiro quanto podia de seu salário no exército. Havia menos comida na mesa para toda a família. Mas eles perseveraram e, eventualmente, foi possível comprar uma passagem que levaria Manuel a seu

tio em Portugal. Mas a família não tinha condições de pagar para ninguém mais ir junto.

– Não foi fácil para mim. Eu tinha apenas quatro anos de idade e estava triste e assustado. Mas tive sorte. No voo havia uma freira que me ajudou e, no hospital, havia duas enfermeiras chamadas Judite e Lurdes que cuidaram de mim. Elas me confortavam, liam livros e cantavam, exatamente como pais teriam feito.

Quando Manuel viajou, ele realmente tinha esperança de que os médicos na Europa poderiam lhe devolver a visão.

– Porém, depois de um ano no hospital, descobriram que era impossível fazer algo para melhorar minha deficiência visual, chamada glaucoma. Eu tinha recebido atenção médica tarde demais.

Escola para cegos

Novamente, foi o pai de

Rapaz de 15 anos criou o Braille

O Braille foi criado em 1824 por um rapaz francês de 15 anos chamado Louis Braille. O Braille consiste de pontos elevados dentro de pequenos quadrados (células) em uma folha de papel ou de plástico e são lidos usando o tato de ambos os dedos indicadores. Cada caractere de pontos é composto de até 6 pontos. Dependendo de como se combinam os pontos em cada célula, letras diferentes são criadas. Além de letras, também é possível formar números e notas musicais. Todo ano em 4 de janeiro é celebrado o Dia Internacional do Braille em memória do nascimento de Louis Braille em 1809.

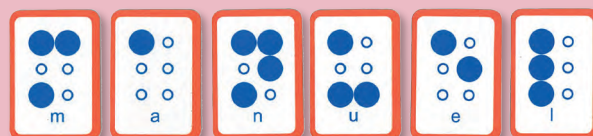


Na escola de Manuel as crianças cegas aprendem usando Braille para ler e escrever pela primeira vez em suas vidas.



Molde de plástico com células que se coloca no papel ao escrever com a reglete.

Uma reglete usada para escrever Braille.



Este é o nome de Manuel em Braille.



A antiga escola de Manuel era feita de bambu.



Novo centro infantil

– Agora estamos construindo um novo centro para as crianças. Minha velha casa é muito pequena, e quero que as crianças tenham um ambiente mais bem-adaptado. No novo centro, além de quartos, teremos um espaço para brincar, um ginásio, espaço para cultivar nossas próprias hortaliças e criar galinhas e cabras. No centro, teremos, entre outros, cursos de jornalismo, administração, informática, costura e culinária para jovens, conta Manuel.



Sempre que pode, Manuel diz a jornalistas, no rádio e aos políticos que crianças com deficiência têm os mesmos direitos que todas as outras crianças.

Isabel, 14, ficou cega quando era pequena. Depois de algum tempo no centro de Manuel, ela agora pode voltar para a casa da avó Fatumata e começar em uma escola para crianças que enxergam. O objetivo de Manuel é todas as crianças possam voltar para suas famílias.



Manuel que ficou mais desapontado. Mas ele continuou a lutar por seu filho. Ele tinha descoberto que havia boas escolas para cegos em Portugal, mas elas eram caras. Não havia uma única escola para cegos na Guiné-Bissau, então o pai de Manuel começou a economizar dinheiro para ajudar o filho.

– A família juntou dinheiro suficiente para que eu pudesse começar a estudar em um internato em Portugal. Embora sentisse saudades da minha família, eu gostei muito de lá. Pude aprender a contar, ler e escrever em Braille. Na escola, também aprendi coisas práticas, como me vestir, escovar os dentes e tomar banho. E fiz muitos novos

amigos. O nome do meu melhor amigo era António e, no nosso tempo livre, jogávamos futebol e nadávamos.

A grande tristeza

Os anos se passaram e Manuel aprendeu a viver como cego. Ele achou que a sua vida provavelmente seria boa, apesar de tudo. Mas um dia, quando Manuel estava na escola há seis anos, ele foi novamente surpreendido com uma notícia que mudou tudo. Seu pai tinha morrido repentinamente de um ataque cardíaco.

– Eu tinha dez anos e perdi tanto meu pai quanto a possibilidade de continuar na escola, pois não podia pagar as minhas taxas escolares.

Tomei o barco de volta para casa, na África, e fiquei muito triste durante toda a viagem.

Quando Manuel voltou para casa, havia guerra. A Guiné-Bissau estava lutando para se libertar do poder colonial de Portugal, que então governava o país. A família levou Manuel em segurança para a casa de parentes no país vizinho, a Guiné. Lá, ele pode estudar em uma escola para crianças e jovens com deficiência. Seis anos mais tarde, a Guiné-Bissau se tornou independente e Manuel voltou para casa.

Parou o presidente

A Guiné-Bissau era pobre e muito estava destruído depois da guerra. A família de Manuel tinha que sobreviver com o que a mãe conseguia vender no mercado. Manuel, que tinha dezesseis anos, sabia que precisava conseguir um emprego e ajudar. Por ser cego, ninguém achava que ele conseguiria um emprego, mas Manuel ia todos os dias ao palácio presidencial e pedia para falar com o presidente. Ele achava que o presidente iria ajudá-lo e às outras pessoas com deficiência a conseguir um emprego. Todos os dias ele recebia a resposta de que não era possível encontrar o presidente. Mas ele continuou a ir lá.

– Um dia, consegui me colocar no caminho do carro do presidente para que ele não pudesse continuar! Os guardas presidenciais me levaram até ele. Expliquei que precisava de ajuda para conseguir um emprego, porque ninguém empregava cegos.

– Nosso objetivo é que todas as crianças, inclusive aqueles que são cegas ou têm outras deficiências, tenham oportunidades na vida e esperança para o futuro. Que todas as crianças contem e pertençam à sociedade, diz Manuel.





Manuel conta uma história para as crianças. Abdulai, sentado em seu colo, foi encontrado uma semana atrás, quando Manuel saiu em missão de resgate.

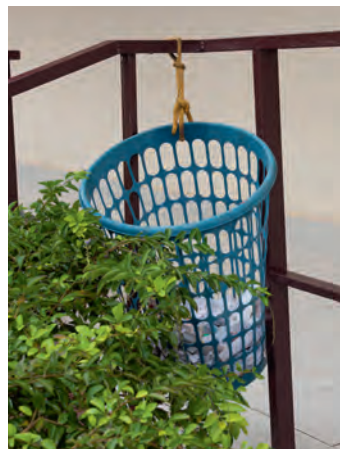
→ Conteí que havia aprendido a trabalhar como telefonista na escola na Guiné. O presidente ficou curioso e me deixou testar o PBX do gabinete presidencial. Quando passei no teste, ele ficou tão impressionado que arrumou um emprego para mim como operador na sede dos correios!

Tornou-se comerciante

Depois de um ano, o presidente foi deposto por um gol-

pe, um novo sistema de telefone foi introduzido e Manuel ficou desempregado. Mas ele não desistiu. Ele tinha conseguido poupar algum dinheiro e decidiu se tornar um comerciante. Manuel comprava material escolar, produtos de higiene pessoal e bebidas na cidade, e então os vendia no campo. Com o dinheiro, ele comprava óleo de palma e madeira, que vendia na cidade.

– Era um trabalho duro para mim, mas eu gostava. Após algum tempo, as coisas estavam tão bem que eu pude comprar um carro velho, contratar um motorista e começar um pequeno negócio de



Lixeira personalizada

Muitas coisas na escola são adaptadas para facilitar a vida dos deficientes visuais. Por exemplo, as lixeiras são penduradas em vez de ficarem no chão, para que ninguém possa tropeçar nelas. E há uma corda para indicar às pessoas onde jogar o lixo.

táxi também. No final, eu tinha conseguido economizar tanto dinheiro que pude construir uma boa casa para a família. Foi maravilhoso para dar isso à minha mãe depois de tudo que ela fez por mim.

AGRICE

Embora Manuel estivesse bem, não se esquecia das crianças cegas do país que não tinham as mesmas oportunidades que ele. Que não tinham pais que as amavam. E que não tinham podido ir à escola porque seus pais pensavam que era um desperdício de dinheiro, uma vez que cegos nunca poderiam trabalhar, nem mesmo ajudar em casa.

– Muitas delas eram escondidas ou abandonadas. Em alguns casos, acreditava-se até mesmo que as crianças cegas estavam possuídas por espíritos malignos, e elas eram deixadas na floresta para morrer. O governo ainda

não tinha fundado uma única escola no país que fosse adaptada para deficientes visuais, diz Manuel.

Por isso, em 1996 Manuel fundou a organização AGRICE (Associação Guineense de Reabilitação e Integração de Cegos) para que deficientes visuais pudessem disseminar a conscientização na sociedade e lutar juntos por seus direitos.

– Eu queria mostrar a todos que nós existimos e temos os mesmos direitos que outras pessoas. Frequentar a escola, conseguir um emprego e participar. E, estando juntos, não nos sentiríamos mais tão sozinhos.

Lar seguro

Através da AGRICE, Manuel entrou em contato com muitas crianças cegas que estavam sofrendo. Quando sua mãe morreu, ele decidiu converter metade da sua casa no primeiro lar seguro para



De volta a casa

Além do Braille, Isabel aprendeu, no centro de Manuel, que é capaz de muito mais do que aqueles que a cercam acreditam. Agora, ela vive com a família e tem ajuda de seu primo Aua para vir todas as manhãs à escola, que antes era apenas para crianças que enxergam. É assim que Manuel quer ver as coisas funcionando.

crianças cegas na Guiné-Bissau. Os primeiros a se mudarem para lá, em 2000, foram os irmãos foram Suncar, 11 meses, e Mamadi, 6 anos.

– Depois que o pai abandonou a família, a mãe foi acusada de ser impura, por ter tido filhos cegos, e expulsa da aldeia, conta Manuel.

Junto com sua esposa Domingas, Manuel cuidou dos dois meninos. Deram-lhes alimentação, vestuário, cuidados médicos e segurança. O boato sobre o quão bem os irmãos eram tratados por Manuel se espalhou, e mais e mais crianças cegas o procuraram.

– Ao mesmo tempo, começamos nossa missão de resgate em que visitávamos as aldeias à procura de crianças cegas ou com outras deficiências, pois sabíamos que muitas delas viviam em risco. Informávamos sobre os direitos da criança e nos oferecía-

mos para cuidar de crianças que precisavam de ajuda. Logo, havia mais de quarenta crianças deficientes visuais em casa conosco!

Manuel pagava tudo para as crianças com seu próprio salário e era difícil arcar com todas as despesas.

Escola Bengala Branca

No lar de Manuel, as crianças eram treinadas para cuidar de si mesmas e ajudar suas famílias ao voltar para casa. Pois a meta de Manuel era que as crianças voltassem para casa e fizessem parte da sociedade.

Elas aprendiam a lavar roupa, lavar pratos, fazer limpeza, vestir-se, cozinhar coisas simples e muito mais. Mas Manuel sabia que as crianças também precisavam ir à escola como todas as outras crianças. Ele insistia constantemente com o governo que uma escola adaptada para deficientes visuais, com professores treinados em Braille, devia ser fundada imediatamente. Ele escreveu cartas, telefonou e visitou autoridades por vários anos. Nada aconteceu.

– No final, eles se cansaram

de mim. O governo não planejava fundar uma escola, mas me deu um terreno para construir, acredito que para me calar.

Manuel e a AGRICE não tinham quase nenhum dinheiro, mas construíram uma pequena escola simples de bambu e folhas de palmeira, onde as crianças inicialmente se sentavam no chão, sem bancos. Ao mesmo tempo, treinaram professores em Braille. A escola foi concluída em 2003 e recebeu o nome de Bengala Branca, em homenagem aos bastões que pessoas cegas costumam usar.



Bengala Branca

A escola de Manuel se chama Bengala Branca. Desde 1950, a bengala branca, que muitas pessoas cegas usam para auxiliar quando caminham, é o símbolo mais comum para os cegos.



Em missão de resgate

Às vezes, Manuel e seus companheiros trocam o jipe por uma carroça puxada por burros para conseguir chegar a uma aldeia onde eles sabem que há crianças com deficiência que passam dificuldades.

Chegando à aldeia, Manuel é bem recebido. Quando ele conta que crianças com deficiência têm os mesmos direitos que as outras crianças, os moradores escutam. Ele também fala sobre as causas da cegueira e como evitar danos aos olhos.

→ Um dia, o embaixador do Canadá me acompanhou à escola para ver como trabalhamos com nossos alunos. Quando estávamos na sala de aula, uma enorme serpente sinuosa veio pela grama em direção às crianças. O embaixador ficou alarmado e preocupado com a segurança das crianças. Após o encontro com a cobra, a embaixada decidiu nos dar dinheiro para que pudéssemos começar a construir uma escola mais segura para as crianças!

não apenas deficientes visuais. Atualmente, há 70 alunos deficientes visuais e 177 que enxergam na escola.

– Para mim, é óbvio que devemos aprender juntos. É uma ótima maneira de quebrar o isolamento das crianças deficientes e fazer as pessoas entenderem que todos nós temos um lugar na sociedade. Todos temos valor. Inicialmente, muitas famílias com filhos cegos sentiam que era estranho permitir que

seus filhos estudassem conosco, mas agora temos reputação como uma das melhores escolas do país, e muitos querem vir para cá, afirma Manuel.

As 250 crianças de Manuel

Faz 16 anos que Manuel cuidou dos irmãos órfãos Suncar e Mamadi. Mais de 250 crianças cegas foram ajudadas da mesma forma desde então. Hoje, 41 pessoas trabalham na AGRICE e dão às crianças

cegas um lar, alimentação, cuidados médicos, oportunidade de ir à escola, segurança e amor. As crianças não precisam pagar nada. A maioria se reúne com suas famílias depois que Manuel informou e preparou exaustivamente as aldeias sobre a melhor forma de cuidar de crianças com deficiência visual. As crianças vêm de famílias pobres e recebem apoio contínuo da AGRICE depois de voltar para casa, a fim de continuarem os estudos e terem uma boa vida. Hoje, 37 crianças vivem no lar de Manuel, mas logo haverá mais, pois ele e a AGRICE continuam saindo em missões de resgate para aldeias remotas.

Escola mista

Hoje, nenhum estudante senta no chão na escola de Manuel. Com o apoio de Portugal e do Canadá, a AGRICE construiu uma escola com seis salas de aula, refeitório, biblioteca, sala de música e duas salas para aula de artes. O ministério da educação da Guiné-Bissau ajuda Manuel com professores. E, hoje, a escola é aberta a todos,



Quer ficar bonito!

– Quando minha esposa Domingas não está aqui para me ajudar a escolher roupas bonitas, eu uso este aparelho que diz qual é a cor da peça de roupa contra a qual é posicionado. Desta forma, minhas combinações de cores não são loucas! Foi Domingas quem me ensinou quais cores combinam entre si, afirma Manuel, rindo.

– Embora muito tenha melhorado para crianças deficientes desde que começamos a trabalhar, ainda há muito a fazer. Somos um país pobre, onde muitos não sabem ler porque nunca foram à escola. Portanto, devemos ajudar a informar sobre os direitos de todas as crianças nas aldeias. Adelia foi deixada para morrer por ser cega, e isso aconteceu apenas alguns anos atrás, e eventos semelhantes ainda ocorrem. Portanto, é vital estarmos lá!

Como um pai

Manuel às vezes fica muito cansado e triste com todas as coisas terríveis que afetam as crianças na Guiné-Bissau. Mas, em vez de desistir, ele se convence ainda mais a continuar seu trabalho.

– Nesses momentos, penso em todas as chances que tive na vida, graças a meu pai. Ele era meu melhor amigo e seu amor por mim o fez se esforçar para que eu tivesse absolutamente o melhor cuidado e educação que existiam. Meu pai é meu exemplo. Como ele foi para mim, quero ser para todas as pessoas com deficiência visual que precisam de mim. Como Adelia, por exemplo. Continuarei a lutar por seus direitos e os de todas as outras crianças cegas, enquanto viver. 🌐



Causa da cegueira na Guiné-Bissau

As causas mais comuns de cegueira em Guiné-Bissau são:

Oncocercose (“cegueira dos rios” ou “mal do garimpeiro”) é uma infecção parasitária causada pela picada de uma mosca preta, encontrada em rios. Em seguida, um parasita produz milhares de larvas venenosas no corpo, inclusive nos olhos. A pessoa tem coceira grave e lesões oculares que muitas vezes causam cegueira. É possível vacinar contra a doença.

Tracoma é uma doença infecciosa, na qual bactérias causam uma rugosidade na face interna das pálpebras, criando cicatrizes. Lenta e dolorosamente, a infecção leva à cegueira. Geralmente é transmitida por moscas que tiveram contato

com os olhos de uma pessoa infectada. Doença comum entre crianças que vivem na miséria, em lugares apertados e sofrem com a falta de água potável e instalações sanitárias cobertas. É possível prevenir e manejar com aumento do acesso à água potável, melhor saneamento, medicamentos e cirurgia.

Catarata é uma doença que provoca a opacificação da lente do olho. É possível operar.

Glaucoma é uma doença que ataca o nervo óptico e causa um aumento da pressão no interior do olho. Não se pode operar para reverter a deficiência visual adquirida, mas o cuidado médico pode ajudar a reter o que resta da visão.

Um único oftalmologista

– É possível prevenir e tratar a quase toda a cegueira*. Mas a Guiné-Bissau é um país pobre e há apenas um médico oftalmologista em todo o país. Muitos estão a mais de cem quilômetros de distância do centro de saúde ou hospital mais próximo. As pessoas permanecem cegas por causa da falta de conhecimento e de médicos, e também porque não recebem tratamento a tempo. Quando saímos em missões de resgate, sempre informamos sobre as causas da cegueira

e como prevenir lesões. Por exemplo, que se deve estar atento ao banhar-se e lavar roupa no rio. Encorajamos as pessoas a procurar cuidados médicos e também distribuimos medicamentos gratuitos para as doenças oculares mais comuns. Também informamos pelo rádio, diz Manuel.

**80% da cegueira no mundo é evitável ou tratável.*





Adelia com um garotinho cego. Quando ela nasceu cega, sua mãe a deixou na floresta.

200 milhões de crianças com deficiência

De acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU, crianças com deficiência têm os mesmos direitos que todas as outras. Elas têm direito a um apoio extra e auxílio para uma boa vida. Apesar disso, crianças com deficiência estão entre as crianças mais vulneráveis em todo o mundo. Em muitos países, elas não vão à escola, são tratadas como menos dignas e escondidas. Há 200 milhões de crianças com deficiência em todo o mundo.

1,4 milhão de crianças cegas

Há 19 milhões de crianças deficientes visuais no mundo. 1,4 milhão são incuravelmente cegas, e há cerca de 500.000 novos casos de cegueira infantil a cada ano. Dos novos casos, metade das crianças morrem em um a dois anos.

Escola para todos

Hoje, a escola de Manuel é considerada uma das melhores do país. Ela é usada como um modelo de como crianças com deficiência e sem deficiência podem ir à escola e aprender juntas.

O trabalho da organização de Manuel

A organização AGRICE:

- Faz missões de resgate nas aldeias. Procura por crianças cegas e crianças com outras deficiências, que muitas vezes passam muitas dificuldades. Auxílio no centro de Manuel é oferecido às crianças.
- Informa aos aldeões, durante as missões de resgate, que crianças com deficiência têm os mesmos direitos que todas as outras crianças. Também ensina como se proteger contra as doenças oculares mais comuns e distribui medicamentos gratuitos.
- Oferece a crianças deficientes visuais proteção, um lar, comida, roupa e segurança no centro. Ali, cada criança também é treinada para vestir-se, lavar-se, limpar a casa, lavar os pratos, lavar roupa, cozinhar alimentos simples e outras coisas, para ser capaz de cuidar de si mesma no futuro e ajudar sua família ao voltar para casa.
- Fornece às crianças assistência médica e cirurgia ocular, quando é possível operar.
- Administra uma escola que é primeira adaptada para deficientes visuais no país, mas é aberta a todos. A AGRICE ajuda a adaptar escolas regulares em todo o país para acomodar crianças com deficiências diversas e ensina Braille a professores.
- Auxilia as crianças a se mudarem de volta para casa. Eles preparam as famílias e vizinhos das crianças, e professores nas aldeias antes dessas crianças voltarem, a fim de que sejam bem recebidas. Se não for possível reunir a criança com sua família, eles ajudam a criança a conseguir uma família de acolhimento. Uma criança nunca deixa o centro de Manuel até que se saiba que ela criança irá para um ambiente seguro.
- Ajuda crianças com as taxas e uniformes escolares muito tempo depois de terem deixado o centro de Manuel, para que possam continuar a ir à escola e ter uma boa vida.
- Informa toda a comunidade que crianças com deficiência têm os mesmos direitos que todos. Manuel fala no rádio e a AGRICE publica uma revista. Eles lutam para que o governo a ratifique (assine) a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Muitos amigos

– Estou no quarto ano na escola de Manuel. Eu trabalho tanto com Braille quanto com o alfabeto regular. Na minha escola há crianças que enxergam e crianças cegas. Muitas vezes, aqueles que enxergam ajudam os demais, dizendo-nos o que o professor escreveu no quadro, quando ele o faz. Tenho muitos bons amigos que enxergam, conta Samuel, sentado ao lado Otinel e Assanato. ▶



Samuel conseguiu a visão!

– Fui abandonado pelos meus pais porque eu era cego. Porém, um dia Manuel chegou à aldeia e me levou. Ele cuidou de mim de uma forma que meus próprios pais nunca tinham feito. Graças a ele, eu agora até enxergo de um olho! Tenho Manuel como meu pai e o amo, diz Samuel, 12, que vive no centro de Manuel e sonha ser jogador de futebol profissional em Portugal.

Samuel nasceu em uma família pobre formada pela mãe, pai, e seu irmão Solomon, que é amblíope. Quando o pai percebeu que Samuel era completamente cego, ele abandonou a família. Como muitas outras pessoas, ele acreditava que não fazia sentido ter filhos cegos, porque eles não podem ir à escola nem ajudar nos campos.

– Minha mãe trabalhava nos campos, e sempre que conseguia trabalho, ela deixava meu irmão e eu com vizinhos da aldeia. Às vezes, minha mãe ficava fora por

semanas seguidas, conta Samuel.

Os vizinhos não cuidavam bem dos irmãos. Samuel e Solomon ficavam famintos, nus, sujos e eram espancados frequentemente. Samuel, que era apenas um bebê, ficava deitado no chão, e Solomon cambaleava pela aldeia sem ninguém acompanhando.

– Não sei por que minha mãe não me levava nas costas quando trabalhava. Se uma mãe tem um filho que enxerga, é óbvio que ela o leva e amamenta. Não foi assim comigo, e eu não me sentia

bem de ser deixado sozinho. Eu chorava o tempo todo.

O resgate de Manuel

Manuel ficou sabendo que havia dois menininhos cegos que estavam sofrendo na aldeia e partiu em seu jipe em uma missão de resgate.

– Ele me levou e a Solomon para morar com ele no centro. Não me lembro de nada da época na aldeia, pois tinha apenas um ano, mas Manuel nos conta nossa história para que possamos entender por que estamos em seu centro.

No início, Samuel chorava muito. Mas Manuel e sua esposa, Domingas, cuidavam dele como seu próprio filho. Ele era alimentado várias vezes ao dia e recebia muito carinho. Um dia, ele parou de chorar; quando chegou a hora, começou a estudar na escola de Manuel. Manuel

Se ajudam

– Costumo realizar tarefas para Manuel. Às vezes, ele me pede para ajudá-lo quando sai do centro. Nessas ocasiões, ele coloca a mão no meu ombro e vamos juntos. É bom poder ajudá-lo, afirma Samuel. ▲

Ama desenhar

– Eu gosto de desenhar e o faço todos os dias. Branco é minha cor favorita. Para funcionar, eu preciso do papel muito perto do meu olho ao desenhar, diz Samuel. ▼



Meus irmãos

– Eu, Jamie e Djibi dividimos o quarto. Somos como irmãos. Dá uma sensação de segurança ter uns aos outros. Todas as manhãs eu ajudo Jamie, que é totalmente cego, a buscar um balde de água para que ele se lavar e escovar* os dentes, conta Samuel.



reconheci. Foi uma sensação estranha. Foi Manuel que cuidou de mim quando eu precisei. Ele comprou roupas e sapatos, sabonete, shampoo, comida... até mesmo biscoitos e doces, às vezes. Ele me confortou quando eu estava triste. Eu tive amor. Sem ele, eu nunca teria ido à escola ou passado por uma cirurgia e conseguido enxergar. Tenho Manuel como meu pai e o centro como minha casa. E as outras crianças como meus irmãos.



Samuel, 12

Ama: Carros.

Detesta: Insetos.

Melhor coisa que aconteceu:

Manuel cuidou de mim e me deu a oportunidade de enxergar.

Pior coisa que aconteceu: eu estava abandonado quando eu era pequeno.

Admira: Manuel!

Quer ser: Jogador de futebol profissional no clube português Porto.

Sonho: Ter uma picape Toyota incrível.

arranjou para Samuel, assim como todas as outras crianças no centro, passar por exames oftalmológicos extensos. Os médicos descobriram que ele tinha catarata em um olho e quiseram tentar operá-lo.

– Eu tinha oito anos e fora cego por toda a minha vida, portanto não conhecia a aparência de nada. De repente, pude enxergar com um olho, e a primeira coisa que vi foi o ventilador de teto sobre minha cama de hospital. Fiquei apavorado! Mas Domingas estava lá e me confortou.

Conseguir enxergar

Quando Samuel se levantou da cama e desceu as escadas do hospital, ele estava tão feliz que ficou correndo lá fora em volta do pátio do hospital. As enfermeiras tentaram pegá-lo, mas não conseguiram!

– Tudo era diferente do que

eu tinha imaginado. Por exemplo, Manuel era muito maior do que eu pensava!

Minha vida ficou muito mais simples após a cirurgia. Não preciso mais sentir tudo pelo tato o tempo todo nem temer cair e me machucar ou ser atropelado, e posso ir à loja fazer compras!

Mudar de casa?

Enquanto Samuel e Solomon estavam no centro, Manuel lutava para fazer contato com os pais dos meninos. Agora que sabem que Samuel enxerga, e o quanto Solomon aprendeu, os pais querem que os irmãos se mudem de volta para casa. O objetivo de Manuel que as crianças morem com suas famílias sempre que possível. Mas Samuel não está tão convencido.

– Após a cirurgia, a mãe veio aqui me visitar. Ela não me reconheceu e eu não a

Profissionais de futebol

O desejo de Samuel é morar com Manuel mais alguns anos. Depois, ele sonha se mudar para muito, muito longe...

– Eu amo o futebol e meu maior sonho para o futuro é ser jogador de futebol profissional no grande clube português Porto. Um dos jogadores da equipe é de Guiné-Bissau, mas meu jogador favorito é Ronaldo. Se eu me tornar estrela de futebol na Europa, vou, ao mesmo tempo, jogar futebol eu amo e ganhar muito dinheiro. Eu construiria uma casa bonita e teria uma picape Toyota incrível. É o meu sonho. 🌐



Meu irmão e eu

– Manuel salvou a mim e a meu irmão mais velho, Solomon. Quando pequeno, eu pensava que Solomon enxergasse, porque ele andava muito bem sem esbarrar nas coisas. Mas após a operação, eu pude perceber que ele era cego. Isso me deixou muito triste, diz Samuel.

Quando Solomon era pequeno, ele enxergava um pouco, mas pouco a pouco ele ficou totalmente cego.

Escola de todas as crianças!



“Eu e Samuel somos amigos. Nós sempre jogamos futebol no intervalo e nos ajudamos mutuamente quando temos tarefas difíceis de matemática e ciências. Em nossa escola, há crianças cegas e que enxergam. Eu realmente não acho que haja qualquer diferença. Somos todos iguais. Para mim, é óbvio que crianças cegas devem frequentar a escola. Na Guiné-Bissau, às vezes ocorre de crianças que têm uma deficiência terem mais dificuldade de ir à escola porque as escolas não estão adaptadas às necessidades das crianças. Isso é errado. Todas as escolas deveriam ser adaptadas para que qualquer pessoa possa frequentá-la, como ocorre com a nossa escola. Se você não vai à escola, será difícil conseguir um emprego e cuidar de sua família. Quando crescer, eu quero ser professor.”

Germino, 15



Minha bola de futebol favorita em um saco plástico.



Ouvem futebol

– Nós acompanhamos todos os campeonatos europeus ouvindo pelo rádio. Geralmente fazemos isso todos juntos. Manuel é, talvez, o ouvinte mais interessado! conta Julio.



Melhor modelo de bola de futebol!

Futebol que se ouve!



Vamos lá, Samuel!

Há um jogo de futebol emocionante entre meninas e meninos no pátio da escola. Manuel é o treinador da equipe dos meninos, “Grilo”, e grita instruções para Samuel, que é o capitão. Ao lado de Manuel está Augusto Silva, que é professor de inglês e treinador da equipe das meninas, “N’goringor”. É como um jogo normal de vida e morte!

– Quase todos os jogadores são cegos. Por isso, usamos

uma velha garrafa plástica de refrigerante como “bola”, pois precisamos ouvir a bola para jogar. Se usarmos uma bola de futebol padrão, precisamos colocá-la em um saco plástico para que possamos ouvir o farfalhar. Eu gosto mais da bola que da garrafa! Temos que jogar aqui no pátio, que tem muros em todo seu entorno, para que todos tenham ideia de onde está a bola, explica Samuel. Até mesmo os dois treina-

dores cegos escutam a bola para poder dar suas instruções para os jogadores.

– Hoje os rapazes saíram vitoriosos por 7-4, mas da próxima vez os venceremos! diz Domingas, rindo. 🌐



Julio, 14
Equipe: Grilo
Posição: Meia-atacante
Jogador favorito: Messi
Clube preferido: Barcelona



Samuel, 12
Equipe: Grilo
Posição: Meio-campista e capitão da equipe
Jogador favorito: Messi
Clube preferido: Porto



Ussai, 12
Equipe: N’goringor
Posição: Meio-campo
Jogador favorito: Messi
Clube preferido: Barcelona



Solomon, 16
Equipe: Grilo
Posição: Goleiro (guarda-redes)
Jogador favorito: Ronaldo
Clube preferido: Real Madrid e Benfica



Anna Maria, 18
Equipe: N’goringor
Posição: Zagueira
Jogador favorito: Ronaldo
Clube preferido: Porto



Domingas, 14
Equipe: N’goringor
Posição: Goleira (guarda-redes)
Jogador favorito: Ronaldo
Clube preferido: Real Madrid



Djibril, 12
Equipe: Grilo
Posição: Atacante
Jogador favorito: Ronaldo
Clube preferido: Benfica

Manuel em missão de

A poeira gira atrás do jipe de Manuel quando ele passa nas estradas esburacadas entre aldeias. Ele está em missão de resgate, para defender os direitos das crianças com deficiência. E salvar suas vidas.



Não só crianças deficientes visuais

– Nós não ajudamos apenas crianças com deficiência visual. Recebemos dicas sobre crianças com muitas deficiências diferentes, que têm dificuldades físicas e mentais em suas aldeias. Todas as crianças têm direito a uma vida boa e sempre tentamos garantir que as crianças recebam cuidados adequados. Braima passará por exames no hospital e depois receberá educação no centro. Também treinaremos sua mãe sobre a melhor forma de cuidar de Braima. A mãe receberá algumas cabras para que possa começar reproduzi-las e vender e para se sustentar. Geralmente não trabalhamos com esse tipo de ajuda, mas aqui temos que ajudar, afirma Manuel.

Nós saímos em missões de resgate de dois em dois meses. Se tivéssemos recursos, o faríamos mais frequentemente, porque a necessidade é muito grande. Em muitas partes do nosso país, crianças com deficiência vivem em constante perigo para suas vidas. A maioria das pessoas em áreas rurais está muito distante de hospitais que têm conhecimento sobre crianças com deficiência. Muitas

dessas pessoas são pobres e nunca foram à escola. Portanto, elas têm dificuldade em compreender informações escritas sobre os problemas de seus filhos. Assim, crianças com deficiência ainda podem ser vistas como demônios ou serpentes que devem ser deixadas na floresta. É por isso que nosso socorro é tão importante. Nós educamos aldeias e famílias sobre os direitos das crianças com deficiência, e, então, ofe-

Braima – o menino

Manuel recebeu uma dica sobre um menino que precisa de ajuda em uma aldeia remota. Quando chega, ele é recebido por Djenabu, uma mãe triste e preocupada que vê seu filho Braima, 8, deitado e se arrastando no chão. Com a ajuda dos braços, ele tenta arrastar o corpo pelo quintal. Embora as crianças vizinhas estejam jogando futebol a poucos metros de distância, é impossível para Braima participar do jogo. Sua mãe, Djenabu, conta:

“Braima tem um problema no pescoço e não consegue ficar de pé sozinho. Eu realmente não sei

o que há de errado. Meu marido me deixou quando nosso filho nasceu. Ele disse: 'Isso não é meu filho. Isso é uma cobra rastejando'. Alguém precisa me ajudar a explicar ao meu marido que ele está errado. Nosso filho é um ser humano, não uma cobra. É difícil para mim sustentar Braima sozinho e ter comida suficiente para nós.

Estou muito preocupada com



resgate

reemos cuidado, moradia e educação em nosso centro para essas crianças, diz Manuel.

16 trabalhadores de campo Manuel e sua organização, AGRICE, têm 16 trabalhadores de campo em todo o país. Eles visitam aldeias e comunidades para procurar crianças cegas e crianças com outras deficiências. Manuel tem parceria com igrejas, mesquitas, líderes tradicionais e autoridades locais.

Eles contatam a AGRICE quando sabem que há crianças que precisam de ajuda, e é então que Manuel sai em missões de resgate. Antes de cada visita, ele contata as autoridades locais e explica o que deseja fazer. A AGRICE também precisa de permissão das autoridades para trazer crianças ao centro de Manuel.



Às vezes, Manuel tem que continuar a viagem em uma carroça. Quando ele chegar à aldeia haverá uma reunião sobre crianças com deficiência e seu direito a uma boa vida.



Abdulai terá chance

Uma semana atrás, Manuel saiu em missão de resgate. Ele visitou a aldeia de Abdulai, 4, e agora Abdulai e seu pai estão no centro de Manuel há um dia.

– Sou muito grato a Manuel dar esta chance ao meu filho! Abdulai vai aprender coisas que seriam impossíveis em casa, na aldeia. Coisas importantes para a vida. Como um cego pode se cuidar na vida cotidiana. E, não menos importante, poder ir à escola! Quando Abdulai concluir a escola de Manuel, o plano é que ele volte para casa. Minha família e eu vamos visitá-lo aqui no centro sempre que pudermos, diz o pai Sene, abraçando Abdulai antes de pegar o longo caminho de volta para casa na aldeia.



serpente

Braima sonha em poder brincar com as outras crianças quando elas fazem algazarra.



o futuro, mas Manuel prometeu que vai me ajudar. Manuel diz que, se meu filho receber os cuidados certos, ele eventualmente poderá cuidar melhor de si mesmo. Ele pode ter uma vida boa sem ter que lutar como faz agora. Esse é meu maior desejo. Manuel também acredita que

Braima pode conseguir ir à escola. Ele prometeu levar meu filho para que ele possa ser examinado e obter a ajuda de que precisa. Braima também poderá morar no centro de Manuel. Isso me deixa muito feliz!”

Adelia foi deixada para morrer



– Nunca me esquecerei do momento em que peguei a pequena Adelia em meus braços pela primeira vez. Ela estava muito fraca e coberta de sujeira, pulgas e picadas de insetos. Nenhum de nós pensou que ela sobreviveria. Ela havia sido deixada na floresta para morrer só por ser cega. Fiquei com tanta raiva que não consegui dormir por vários dias. Agora Adelia tem nove anos e eu a amo, diz Manuel ao contar a história de vida de Adelia:

“Quando Adelia nasceu e seu pai descobriu que ela era cega, imediatamente ele disse que a filha não era sua e abandonou a família. A jovem mãe de Adelia não sabia o que devia fazer. Ela deixou Adelia sozinha na floresta, sem água nem comida. Adelia estava nua e sem proteção contra cobras, cães, chuva e o sol escaldante.

Alguns pastores passaram pelo local onde Adelia havia sido abandonada. Eles viram o pequeno corpo deitado imóvel no caminho. Como Adelia havia gritado e lutado por muito tempo, não produzia mais nenhum som. Ela não tinha forças. Os pastores

estavam convencidos de que a menina estava morta quando, de repente, ela se moveu um pouco. Eles pegaram Adelia com cuidado e correram para a estação de uma missão católica nas proximidades.

Em nome das crianças

As freiras me contaram e nós cuidamos de Adelia. Ela estava totalmente coberta de terra e muito fraca. Demos-lhe comida e bebida, e a levamos ao hospital para que fosse medicada corretamente. Como que por milagre, ela voltou à vida.

Nós sempre tomamos medidas em relação às crianças e tentamos assegurar que aqueles que cometeram cri-

mes sejam levados à justiça. Por isso, fui à polícia e relatei o que havia acontecido com Adelia e quis que eles prendessem os pais. Mas não aconteceu absolutamente nada. O sistema jurídico não funcionava bem no país, que ainda estava devastado por golpes e guerras. Além disso, a polícia não leva a sério os crimes contra crianças deficientes.

Procurei por toda parte

Decidi tentar localizar os pais eu mesmo. Andei dezenas de quilômetros por estradas entre pequenas aldeias, com fome e passando a noite onde fosse possível. Depois de algum tempo, todos disseram

que devia desistir, mas eu quis continuar.

Finalmente encontrei a mãe de Adelia, que era muito jovem. Porém, antes que pudéssemos chegar a algum tipo de solução, ela desapareceu. De vergonha. Desde então, ela está desaparecida. Eu a perdooi, pois creio que todos nós podemos cometer erros. Mas isso mostra o quão importante é nosso trabalho de explicar que crianças cegas e outras crianças deficientes têm os mesmos direitos que todas as outras.

O mais importante é que Adelia está viva, e que podemos ajudá-la a ter uma boa vida. Quando estou com ela, eu fico feliz. Ela é engraçada e faz muitas piadas. Eu a amo!”

Manuel não desaponta ninguém

– Nunca enviamos uma criança de volta para casa, a menos que saibamos que ela será bem cuidada, afirma Manuel.

Coisas favoritas

– As minhas coisas favoritas são essas pequenas panelas, tigelas e talheres de brinquedo que ganhamos de Manuel no Natal do ano passado, conta Adelia.





N'guende é professora e aluna

O maior sonho de Adelia é ser professora na escola de Manuel, assim como N'guende, que mora com Manuel desde que tinha 10 anos...

"Minha mãe morreu quando eu era pequena, então a avó cuidou de mim. Fiquei cega aos três anos. Não havia escola para crianças cegas onde morávamos, mas um dia, quando eu tinha dez anos, Manuel veio e conversou com minha avó. Ele disse que podia me ajudar. Eu finalmente consegui começar a frequentar a escola! Agora já moro aqui no centro há dez anos e ajudo a cuidar das crianças menores. Lembro-me de como recebi a ajuda de Manuel e sua esposa Domingas quando eu era pequena. Agora quero proporcionar a mesma sensação às crianças que se mudam para cá. Que sintam-se seguras e amadas. Somos como uma família e eu sou como sua irmã mais velha.

No período da manhã, eu sou professora auxiliar de Adelia e das

outras crianças. Eu as ensino a ler, escrever e contar usando Braille. Na parte da tarde eu frequento a escola como aluna. Eventualmente, quero me formar verdadeiramente como professora. Meu sonho é ser professora na escola de Manuel futuramente. Mais tarde na vida, quero formar minha própria família, embora eu nunca vá esquecer a minha família aqui no centro. Manuel e Domingas são meus pais. No meu coração é assim."

N'guende, 20 anos



Duas brincadeiras que Adelia, Cadi e os outros sempre brincam juntos:

Correr! = Corra!

Todos correm dando várias voltas em círculo enquanto o líder da brincadeira grita "Corra!", "Corra!". De repente, o líder grita um desafio, por exemplo: "Sente-se!" "Emparelhem-se dois a dois!" "Quatro a quatro!" e assim por diante. As crianças saem uma a uma.

Terra e Mar

As crianças tiram os sapatos e os colocam em uma linha, que é o limite entre a terra e o mar. Um líder da brincadeira grita "terra" ou "Mar" e todos os alunos devem pular ou ficar onde estão, de modo que fiquem do lado certo da fronteira. A última pessoa a mudar para o lado certo, ou quem fica do lado errado, sai. No final, sobra apenas uma pessoa.

O guarda-roupa de Adelia

– Eu gosto muito de roupas.

Manuel me dá todas as minhas roupas. Mas é a "irmã mais velha" N'guende que cuida de nossas roupas e do nosso quarto, Adelia diz, rindo.



Eu vou para a escola vestida assim...



... e meus sapatos favoritos, porque são muito confortáveis!





O dia de Adelia na cas

No momento, 37 crianças vivem no centro de Manuel. Algumas estão quase concluindo a escola e sua formação e têm a oportunidade de voltar a morar com suas famílias. Também há crianças como Adelia, que têm o centro como lar.

– Sinto-me segura aqui e eu vou morar aqui toda a minha vida, este é meu lar, afirma Adelia, rindo.

05h00 Bom dia!

– Toda manhã N'guende me acorda. Nós dormimos no mesmo quarto, quatro crianças e N'guende. Ela é como uma irmã mais velha. Somos todas cegas. Primeiro, eu faço minha cama, depois, vamos para o banheiro, nos lavamos e escovamos os dentes. Então, visto meu uniforme escolar. N'guende nos ajuda a escovar o cabelo, pusemos Adelia.



06h30 Giri-giri para a escola de Manuel

– N'guende confere se pusemos todas as nossas coisas na bolsa da escola e nos coloca no ônibus escolar, chamado "giri-giri". No ônibus, nós cantamos juntos, conta Adelia.



10h00 Intervalo para o desjejum

– Também como meu desjejum, pão e suco, na escola. O cheiro de pão é meu aroma favorito! No intervalo, nós brincamos, é a melhor coisa de toda a escola!

Cadi, 7, colega de Adelia, concorda:

– Nós dançamos, cantamos e brincamos juntas, as crianças cegas e nós, que enxergamos. É bom estarmos todos juntos na escola, porque somos amigos!



08h00 A aula começa

Na classe de Adelia, há crianças cegas e crianças que enxergam.

– Eu amo a escola e quero ser professora na escola de Manuel, diz Adelia.



12h00 Fim do dia na escola

– Quando as aulas terminam, tomamos o giri-giri de volta para casa, diz Adelia.



a de Manuel



13h00 Almoço e lavar pratos

– Quando chegarmos a casa, trocamos de roupa e almoçamos. Eu lavo os pratos quando é a minha vez no revezamento programado.

No centro de Manuel, tarefas domésticas como lavar pratos, cozinhar, limpar e fazer a cama são parte do treinamento para conseguir cuidar de si mesmo e ajudar a família ao voltar para casa. O objetivo de Manuel é que as crianças cegas possam viver como todo mundo. Aqui, Adelia, Nafi, Domingas e Djuma lavam pratos.



17h15 Banho



18h00 Jantar

– Sempre temos boa comida! Meu prato favorito é peixe com óleo de palma, afirma Adelia.



21h00 Boa noite, Adelia!

– N'guende vem e nos diz boa noite antes de dormir. Isso nos faz sentir seguras, conta Adelia.



13h30 Brincadeira e soneca

– Depois do almoço, eu brinco com meus amigos. Somos como irmãos, pois moramos juntos. Todos os meus amigos são belos e bons. Eu sei como é a aparência deles, porque os senti. Nós jogamos futebol, dançamos e cantamos. Quando terminamos de brincar, tiramos a soneca da tarde todos juntos, conta Adelia, enquanto sente o rosto de Nafi para saber sua aparência.



20h00 Djumbai – Reunião da Noite

– Toda noite, fazemos Djumbai e cantamos e dançamos juntos. Depois, N'guende sempre conta alguma história, muitas vezes da Bíblia, diz Adelia.

Ama manga!

– Ontem, quando o pai Manuel voltou para casa de uma viagem, ele trouxe manga. Eu adoro o sabor de manga!



Piloto é feio!

– Todos os meus amigos são bonitos, mas também temos um cachorro chamado Piloto aqui. Ele é feio! Uma vez, ele me mordeu. Ele queria meus biscoitos! É por isso que eu acho que ele é feio. Mas é gostoso fazer carinho nele, explica Adelia.



Isabel de nova vida



– Primeiro, eu perdi meus pais. Depois, perdi a visão em ambos os olhos. Todos os meus sonhos foram esmagados. Mas Manuel me deu a chance de uma vida melhor. Agora sinto que posso ser qualquer coisa que eu quiser no futuro! diz Isabel, 14.

Ela mudou-se do centro de Manuel para a casa da família de sua tia, na pequena cidade de Gabu. Lá, ela se tornou a primeira criança com deficiência a frequentar escolas regulares junto com as outras crianças na cidade. É assim que Manuel deseja que a vida seja para todas as crianças de quem ele cuida.

“Cresci com a minha mãe em uma pequena aldeia. Meu pai morreu quando eu era bebê. A mãe vendia óleo de palma e hortaliças no mercado. Nós nunca tínhamos comida suficiente, mas eu recebia muito amor da mãe.

Minha mãe também estava doente e foi piorando cada vez mais. Geralmente era eu

que tinha de limpar a casa, lavar a roupa e ir ao mercado para vender, porque a mãe não conseguia. Muitas vezes eu ficava com tanto medo que chorava. Éramos apenas minha mãe e eu.

Um dia, quando eu estava fora brincando com meus amigos, meus pesadelos acabaram se realizando. Um vizinho veio correndo e me avisou que minha mãe tinha morrido. Corri para casa e vi que a casa estava cheia de gente chorando. Eu me encolhi com minha mãe na cama e a abracei muito, muito forte. Não conseguia parar de chorar.

Ficou cega

Meus tios moravam com suas famílias na vizinhança, então

eu não estava completamente sozinha. Mas eles eram muito pobres e nunca houve comida suficiente para todos. Eu também havia adoecido, mas eles não cuidaram de mim. Eu só ficava deitada em um canto sentindo-me excluída. Sentia que eles não me amavam.

Minha tia Djenabo ficou sabendo da minha situação e veio me buscar para morar com ela e minha avó aqui em Gabu. Eu comeci a frequentar escola e tinha comida suficiente. Mas eu continuei doente e sentia uma terrível dor no corpo todo. Chegou um ponto em que eu não conseguia andar. Também comeci a ficar confusa, por isso minha tia me levou para o hospital. Um dia, quando estava lá, de repente não consegui mais enxergar. Entrei em pânico e gritei, mas os médicos não puderam fazer nada. Eu tinha ficado cega. De ambos os olhos.

Pensei imediatamente que agora tudo estava acabado. Não havia nenhuma possibi-



Isabel, 14

Ama: Ir à escola.

Detesta: Ser obrigada a ficar em casa e sentir-me inútil.

Melhor coisa que aconteceu: Manuel ter me ajudado.

Pior coisa que aconteceu: Ter perdido tantas coisas na vida.

Admira: Manuel!

Quer ser: Algo importante.

Sonho: Fazer algo significativo.

lidade de eu continuar na escola. Antes, eu havia planejado concluir meus estudos da melhor maneira possível e, mais tarde, conseguir me tornar médica, professora ou outra coisa importante. Poder ganhar dinheiro e cuidar de mim e da minha família. Agora, todos os meus sonhos



TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: KIM NAVLOR

Faz compras

– Aua e eu geralmente vamos juntas ao mercado fazer compras. Ela me diz o que há para comprar e me avisa dos carros e motocicletas. Sem a ajuda de Aua, ficaria perdida, afirma Isabel.

estavam destruídos. Como eu iria sobreviver? Eu apenas chorava e chorava.

Foi tão ruim quanto eu imaginara. Eu não podia ir à escola, e apenas ficava deitada pela casa. Até mesmo minha família achava que uma criança cega não poderia ter nenhuma utilidade. Por meses, eu permaneci assim. Inativa, solitária e sem amigos. Minha tia e a prima Fatinja me davam banho e trocavam minhas roupas. Elas até mesmo me alimentavam. Eu me sentia totalmente inútil.

Veio ao centro de Manuel

Quando eu havia ficado deitada e apática por três meses, um homem veio até nós e se apresentou como Manuel. Ele disse: “Sou cego como você. Eu posso ajudá-la. Se vier comigo para Bissau, você pode voltar para a escola. E quando terminar a escola, você poderá encontrar um bom emprego e começar a trabalhar como todo mundo.

Tenha-me como exemplo. Eu também sou cego, mas isso funciona! Porém, você terá que lutar muito por isso.”

Eu não me convenci totalmente com o que ele disse, mas me senti disposta a correr o risco. Manuel também

conversou com a família. Eles nunca tinham ouvido falar que pessoas cegas poderiam frequentar a escola, ler, escrever, contar e ajudar em casa, e tiveram dificuldade de acreditar nisso, mas, depois de conhecer Manuel, souberam

que ele dizia a verdade.

Manuel me levou primeiro a um hospital na capital para que eu pudesse obter os medicamentos certos, não para que meu corpo ficasse saudável. Em seguida, me mudei para o centro de Manuel.

Não está sozinha

Conheci muitas outras crianças cegas no centro. Antes, achava que somente eu tinha



Relógio que fala

– A melhor coisa que tenho é um relógio que ganhei de Manuel. Ao se pressionar um botão, uma voz diz que horas são. O relógio também diz quando é hora inteira e meia. Eu preciso saber o horário para ter um bom controle sobre meu dia, por exemplo, quando é hora de orar e quando é hora de ir à escola, diz Isabel. Ela também ganhou óculos de sol e uma bengala de Manuel.



Obteve uma nova vida

– A primeira vez que encontrei Isabel, ela estava deprimida e sentia que não tinha vida. Mas com o tempo as coisas melhoraram muito. Hoje, ela é “Isabel de vida nova!” diz Manuel, rindo.



O nome de Isabel em Braille.

Isabel lê o dever de casa em Braille.



Um verdadeiro membro da família

– Quando fiquei cega, eu não participava de nenhuma tarefa em casa. Sentia-me inútil e não como um membro da família. Mas depois do período no centro de Manuel, isso é diferente. Agora eu ajudo e participo de tudo que a família faz! conta Isabel, rindo.

Tarefas de Isabel

Estar juntos

– Nas tardes e noites nós geralmente brincamos ou sentamos juntos e conversamos, diz Isabel, aqui pulando elástico com primos e vizinhos.



A amiga de Isabel no centro de Manuel

"Isabel era minha melhor amiga aqui no centro. Nós éramos como irmãs. Manuel a ajudou a voltar a morar com sua família e ela frequenta a escola lá. Fiquei triste quando ela se mudou, e ainda sinto sua falta. Mas logo ela virá nos visitar.

Vim para cá quando tinha cinco anos, porque a escola onde eu morava não aceitava crianças cegas. Eu não queria sair da casa de meus pais, mas agora eu gosto muito daqui,

tenho muitos amigos e tive a chance de estudar. Meu sonho é ser advogada e lutar pelos direitos da criança.

Sei que foi certo Isabel voltar para casa agora. Acho que terei uma educação melhor aqui no centro de Manuel, mas quando a concluir, eu sei que ele vai me ajudar voltar para casa, também."

Domingas, 14



Gosta de moda

– Lembro-me um pouco da aparência das coisas. Lembro que verde é a cor das folhas da mangueira. Verde é minha cor favorita, mas também gosto de rosa, amarelo e laranja. Para mim, é importante estar limpa e bonita, ter belas roupas e o cabelo arrumado. Assim como todas as outras pessoas. Não quero ser alguém que não é bonita só porque eu sou cega. Gosto de roupas e gosto de

moda. É ótimo quando as pessoas dizem que eu estou bem. Fatinja me ajuda a escolher roupas que combinam, mas eu também tenho uma boa ideia. Por exemplo, posso dizer que quero que meus jeans pretos cortados e minha blusa vermelha e preta e meus chinelos vermelhos. Então, é só esperar que as roupas que eu quero estejam lavadas e limpas!

sofrido coisas difíceis. Agora conheço muitas pessoas com problemas semelhantes, e isso significava que não me sinto tão sozinha. Nós brincamos, dançamos e cantamos juntos. No centro, aprendi a lavar roupa, lavar pratos, limpar a casa, lavar-me e cuidar de crianças mais jovens. Aprendi a cozinhar coisas simples e servir aos outros. De repente, eu não era uma pessoa inútil que não conseguia fazer nada por ser cega. Voltei a ser mais como uma pessoa normal.

Ao mesmo tempo, comecei a estudar na escola de Manuel. Aprendi a ler, escrever e contar, através do Braille. Foi uma sensação incrível, e fiquei muito feliz!

De volta à casa

Após alguns meses, Manuel disse que sua organização, AGRICE, ajudou a adaptar uma escola na minha cidade natal, para que crianças cegas

pudessem estudar lá com todos os outros alunos. Entre outras coisas, eles ensinaram Braille aos professores. Ele também me contou que visitou minha família e os preparou para que eu pudesse voltar para casa. Embora gostasse muito do centro de Manuel, eu queria voltar para a casa de minha família. Sentia saudades de todos.

Já estou em casa há quase um ano. Há muito amor na minha família, e eu ajudo em quase tudo na casa. Sinto-me como um verdadeiro membro da família que tem tarefas participa. E vou bem na escola! Sinto-me confortável na classe e tenho muitos amigos. É ótimo ir a uma escola com crianças cegas e crianças que enxergam. Acho que nós, que temos deficiência, devemos frequentar escolas regulares e viver com nossas famílias. Nós pertencemos à comunidade e queremos estar com todos!

No futuro, quero fazer algo que tenha significado, como ser professora. Após o tempo que passei no centro de Manuel, acredito que posso ser qualquer coisa!"

Vestida para a escola...



... com as roupas favoritas...

... meus belos óculos de sol...



Este é o meu guarda-roupa!



... para o trabalho doméstico...

**POR QUE
MOLLY É
NOMEADA?**

Molly Melching

Molly Melching é nomeada ao Prêmio das Crianças do Mundo por seus 40 anos de luta para erradicar a mutilação genital feminina, o casamento infantil e o casamento forçado.

Molly e a organização Tostan ensinam em idiomas locais e se baseiam em direitos humanos. Eles envolvem aldeias inteiras, crianças e adultos, em um programa educacional de três anos que abrange saúde, educação e meio ambiente. Outras partes importantes são o empoderamento de mulheres e crianças, e a conscientização sobre a mutilação genital feminina e os direitos da criança. O modelo exclusivo de educação da Tostan é chamado "Programa de Empoderamento Comunitário", que é um programa para fortalecer toda a aldeia. Um dos resultados do programa é que mais de 7.200 aldeias em seis países da África Ocidental decidiram que deveriam impedir a mutilação genital feminina, casamentos infantis e casamentos forçados. Graças a Molly e à Tostan, centenas de milhares de meninas nas aldeias agora podem crescer sem correr o risco de ficar feridas pelo resto da vida. Elas e os meninos das aldeias não se casarão enquanto são crianças. Tanto meninas quanto meninos podem sonhar com um futuro de conhecimento e com a possibilidade de decidir suas próprias vidas.



É 1996 quando Molly Melching chega, em um dia histórico, à aldeia Malicounda Bambara, no Senegal. Até ali, as meninas da aldeia sempre haviam sido submetidas à mutilação genital e casamentos infantis. Molly não sabe se ousa acreditar na mensagem das mulheres da aldeia que chegou até ela:

– Decidimos parar de cortar nossas meninas.

Quando Molly entra com seu jipe na aldeia, ela é recebida por muitas pessoas. Com música e dança, elas vão para o local de reunião, à sombra de uma grande árvore.

– Te cumprimentamos pelo seu primeiro nome e sobrenome, diz a líder das mulheres da aldeia. A mutilação genital é uma tradição que foi absolutamente proibida até mesmo de se mencionar, portanto Molly fica surpresa. Será que as mulheres realmente decidiram falar abertamente sobre a tradição e, além disso, acabar com ela? A capacitação da organização Tostan sobre saúde e direitos humanos

conseguiu contribuir para o fim de uma tradição antiga que prejudicou seriamente milhões de meninas nesta e em outras aldeias?

Decisão histórica

As mulheres sob a árvore começam a contar como chegaram à sua decisão.

– Recebemos informações que nunca tivéramos antes, diz Kerthio, uma das mulheres. Agora sabemos que a maioria das mulheres no mundo não é cortada. Isso nos surpreendeu. Aprendemos também que grande parte das dores e pro-



Adama, 15, fala sobre o programa educacional da Tostan diante de toda a aldeia. Quando sua mãe era criança, as meninas não podiam fazê-lo, mas agora todos têm vez nas reuniões da aldeia.



**POR QUE
MOLLY É
NOMEADA?**

Molly Melching

Molly Melching é nomeada ao Prêmio das Crianças do Mundo por seus 40 anos de luta para erradicar a mutilação genital feminina, o casamento infantil e o casamento forçado.

Molly e a organização Tostan ensinam em idiomas locais e se baseiam em direitos humanos. Eles envolvem aldeias inteiras, crianças e adultos, em um programa educacional de três anos que abrange saúde, educação e meio ambiente. Outras partes importantes são o empoderamento de mulheres e crianças, e a conscientização sobre a mutilação genital feminina e os direitos da criança. O modelo exclusivo de educação da Tostan é chamado "Programa de Empoderamento Comunitário", que é um programa para fortalecer toda a aldeia. Um dos resultados do programa é que mais de 7.200 aldeias em seis países da África Ocidental decidiram que deveriam impedir a mutilação genital feminina, casamentos infantis e casamentos forçados. Graças a Molly e à Tostan, centenas de milhares de meninas nas aldeias agora podem crescer sem correr o risco de ficar feridas pelo resto da vida. Elas e os meninos das aldeias não se casarão enquanto são crianças. Tanto meninas quanto meninos podem sonhar com um futuro de conhecimento e com a possibilidade de decidir suas próprias vidas.



É 1996 quando Molly Melching chega, em um dia histórico, à aldeia Malicounda Bambara, no Senegal. Até ali, as meninas da aldeia sempre haviam sido submetidas à mutilação genital e casamentos infantis. Molly não sabe se ousa acreditar na mensagem das mulheres da aldeia que chegou até ela:

– Decidimos parar de cortar nossas meninas.

Quando Molly entra com seu jipe na aldeia, ela é recebida por muitas pessoas. Com música e dança, elas vão para o local de reunião, à sombra de uma grande árvore.

– Te cumprimentamos pelo seu primeiro nome e sobrenome, diz a líder das mulheres da aldeia. A mutilação genital é uma tradição que foi absolutamente proibida até mesmo de se mencionar, portanto Molly fica surpresa. Será que as mulheres realmente decidiram falar abertamente sobre a tradição e, além disso, acabar com ela? A capacitação da organização Tostan sobre saúde e direitos humanos

conseguiu contribuir para o fim de uma tradição antiga que prejudicou seriamente milhões de meninas nesta e em outras aldeias?

Decisão histórica

As mulheres sob a árvore começam a contar como chegaram à sua decisão.

– Recebemos informações que nunca tivemos antes, diz Kerthio, uma das mulheres. Agora sabemos que a maioria das mulheres no mundo não é cortada. Isso nos surpreendeu. Aprendemos também que grande parte das dores e pro-



Adama, 15, fala sobre o programa educacional da Tostan diante de toda a aldeia. Quando sua mãe era criança, as meninas não podiam fazê-lo, mas agora todos têm vez nas reuniões da aldeia.



blemas com os quais as mulheres vivem são associados à mutilação genital feminina à qual somos expostas quando crianças.

A mutilação genital é um processo perigoso, que causa dificuldades por toda a vida. Mas é uma tradição que possibilita que uma menina se case e seja aceita na comunidade da aldeia.

As mulheres da aldeia discutiram por muito tempo sobre como as meninas são cortadas e se casam cedo. Por dois anos, os educadores da Tostan lhes forneceram apoio e conhecimento sobre direitos humanos, sobre o corpo e saúde.

– A coisa mais importante que aprendemos, diz Kerthio, é que existem direitos humanos. E que nós, como adultos temos a obrigação de proteger os direitos da criança. Isso nos dá força para defender nossa decisão.

– Conversamos com os líderes religiosos, e entende-

mos que a tradição não vem do Islã. Acabar com esta tradição não nos torna maus muçulmanos.

As mulheres decidem realizar uma cerimônia. Durante ela, mulheres e homens debatem a importância da decisão de acabar com a mutilação genital. E como as discussões no programa da Tostan os ajudaram a chegar à sua decisão.

Molly participa da cerimônia. Ela dança e compartilha alegria com todos os moradores.

Primeiro centro infantil

Em 1974, Molly tinha 24 anos de idade e veio ao Senegal para estudar contos infantis em francês, seu tema de estudo na faculdade dos EUA.



Molly chegou ao Senegal com 24 anos de idade e ficou. Ela fundou um centro infantil na capital senegalesa, Dakar.



Todas as crianças têm tarefas nas quais ajudam, como buscar água, mas também é importante que elas tenham tempo para brincar.

Mas quando chegou à capital, Dakar, ela sentiu, “Este é o meu lugar na terra”.

Os contos eram em francês, mas o idioma das crianças era o wolof.

– Como as crianças aprenderão as coisas quando não podem falar ou ler livros em sua língua? Molly se perguntou.

Ela aprendeu wolof e fundou um centro onde as crianças podiam ler, ter experiências e se desenvolver em sua própria língua. Não havia livros infantis em wolof, então

uma noite Molly escreveu seu primeiro livro de histórias em wolof, sobre a menina Anniko. Ela dirigiu o centro infantil durante seis anos.

Pelo interior

Após seis anos no centro infantil na capital, Molly se mudou para uma aldeia para aprender sobre a situação das crianças de lá.

Não havia escola na aldeia. Molly viveu na aldeia durante três anos e criou um programa educacional em idiomas locais, baseado na tradição,

A caminho da reunião da Tostan

A caminho da reunião em uma das mais de 7.200 aldeias que disseram não à mutilação genital e ao casamento infantil graças ao esforço da Tostan.



com música, dança e poesia. O programa se desenvolveu a partir de informações sobre saúde e higiene, e discussões e soluções de problemas com os moradores. Juntamente com os moradores, Molly desenvolveu aquilo que, em 1991, tornou-se a organização Tostan. Tostan é uma palavra wolof para o momento em que um pintinho rompe a casca do ovo. O objetivo da Tostan era difundir conhecimento em diferentes idiomas locais para mais aldeias.

Foi quando Molly e a Tostan começaram a divulga-

ção de informações sobre direitos humanos que o debate sobre o casamento infantil e a mutilação genital feminina começou a decolar.

Mas quando a aldeia Malicounda Bambara, em 1996, foi a primeira aldeia a nos contar sobre sua decisão de acabar com a mutilação genital, muitas pessoas ficaram com raiva. Homens e mulheres protestaram. Eles xingaram as mulheres da aldeia usando palavrões e afirmaram que certamente nunca acabariam com a mutilação genital.



– Eu sei que haverá problemas para dar à luz quando eu for grande, afirma Nuima, 14, do Senegal, que foi mutilada quando bebê. Graças à Tostan, ninguém mais faz isso aqui e também não nos obrigam a casar antes dos dezoito anos de idade.



A mutiladora que parou

Ourèye Sall morava em outra aldeia. Ela era uma mutiladora tradicional, que realizava a mutilação genital nas meninas da aldeia.

Ourèye tinha apenas 14 anos quando foi obrigada a se casar com um homem mais velho. Mas, antes disso, sua mãe havia lhe ensinado como se fazia uma circuncisão. Esse conhecimento lhe trouxe status na nova aldeia e dinheiro para a família.

Quando Ourèye entrou em contato com o programa educacional da Tostan, ela tinha filhas e netas. Elas foram mutiladas, como todas as meninas na aldeia.

– Estávamos sentadas na sala de aula quando virei para minha filha e disse: “Não, esse é o fim, não quero mais cortar as meninas”. Paz e viver livre de da violência são mais importantes que dinheiro. Foi isso que compreendi naquele momento, conta Ourèye.

Ourèye queria disseminar seus novos conhecimentos e visitou muitas aldeias. Os adultos a ouviam, porque ela era uma mutiladora e, na verdade, teria a ganhar com a continuidade da tradição.

O imame que caminhou

Bom amigo de Molly, o imame Demba Diawara, inicialmente ficou um pouco irritado porque a Tostan discutia a tradição. Mas, depois de conversar com médicos, líderes religiosos e com as mulheres de sua aldeia sobre a mutilação genital, ele veio até Molly e disse:

– Eu estava errado. Não sabia como isso é perigoso. Agora que sei, tenho que fazer algo sobre. Mas para acabar com a tradição, precisamos do apoio de nossos parentes e amigos. Teremos que conversar com todas as aldeias, e eu irei pessoalmente a dez aldeias onde meus parentes mais próximos vivem.

Demba caminhou de aldeia

Ourèye Sall foi a primeira mutiladora que se posicionou contra a mutilação genital e parou totalmente de realizá-la. Sua neta Rokhaya, 17, tem orgulho do importante trabalho de sua avó contra a mutilação genital.



Graças à Tostan!

Isatou, 11, foi submetida à mutilação genital quando criança, mas agora isso acabou na sua aldeia, onde todos prometeram uns aos outros acabar com esta tradição.

– Se a Tostan não existisse teriam continuado casando as meninas de nossa aldeia, diz Isatou.





O imame Demba Diawara foi importante para Molly e a Tostan. Quando percebeu o quanto a tradição de mutilação genital era errada, ele entendeu que devia conversar com os parentes de todos em todas as aldeias, para acabar com ela.

– Eu vou caminhar até dez aldeias, onde meus parentes vivem, disse ele.

em aldeia. Ele foi recebido com raiva e medo, mas tinha sempre o cuidado de ser respeitoso e claro. Lentamente, após muitos meses e debates, a decisão foi tomada. Em conjunto.

Centenas de pessoas se reuniram na aldeia de Keur Simbara para comemorar a decisão de acabar com a mutilação genital feminina. Agora Molly, a Tostan e as pessoas nas aldeias sabiam que para ter sucesso na criação de um futuro onde as meninas não são vítimas da mutilação genital, todos devem estar envolvidos na decisão. Quando a decisão é tomada em conjunto, ela é forte!

7.200 aldeias hoje

Hoje Molly visita a Keur Simbara, faz 20 anos desde que a vila começou a trabalhar com a Tostan. Nos últi-

mos dezoito anos, nenhuma menina aqui sofreu mutilação genital. E muitas aldeias tomaram a mesma decisão. Através do programa da Tostan, mais de 7.200 aldeias em seis países da África Ocidental acabaram com a mutilação genital, casamentos infantis e casamentos forçados. Centenas de milhares de meninas têm corpos intactos, evitando dores e desconfortos. Mais meninas frequentam a escola em vez de serem obrigadas a casar e se tornarem mães, quando ainda são crianças. Até mesmo um número maior de meninos evita ter que casar cedo e podem permanecer na escola.



Crianças e adultos definiram juntos as metas para o desenvolvimento da aldeia. Isso inclui o direito de todos a viver em um ambiente seguro, limpo e a responsabilidade de todos em manter o ambiente assim. Os irmãos gêmeos Dyouma e Bilal recolheram lixo na aldeia de Keur Simbara e o levam embora.

Mudar uma tradição é difícil. Junto com a Tostan, as aldeias fizeram algo muito incomum.

– Os direitos humanos são fundamentais. Quando falamos de direitos e obrigações, todos entendem. É direito de toda pessoa ficar livre de violência, e, ao mesmo tempo, é dever de todos contribuir para uma sociedade livre de

O conhecimento se difunde

A Tostan opera em seis países da África Ocidental: Guiné, Guiné-Bissau, Mali, Mauritânia, Senegal e Gâmbia. Desde 1991, mais de 200.000 pessoas participaram dos programas e usaram materiais da Tostan, que estão disponíveis em 22 idiomas locais. O modelo da Tostan permite que estes 200.000 adultos e crianças disseminem os conhecimentos, e alcançou mais de dois milhões de pessoas. Os participantes do programa conversam com seus parentes e amigos de outras aldeias. O conhecimento e a mudança se disseminam pelos países e até mesmo para outros países.

Uma decisão a celebrar

Quando aldeias relacionadas, por laços de sangue ou de outra forma, concordaram em acabar juntas com a mutilação genital feminina, realizaram uma cerimônia onde contaram sobre a decisão. E uma festa com dança para comemorá-la!





Novos tempos

Para os frescos da aldeia de Sare Ngai, em Gâmbia, são novos tempos. Eles nunca exporão seus filhos à mutilação genital ou ao casamento infantil.



Molly caminhando por Keur Simbra junto com as crianças da aldeia. Todos sabem quem são Molly e a Tostan e que contribuíram para melhorar a vida das crianças da aldeia.

Violações dos direitos humanos

Cerca de 140 milhões de meninas e mulheres em todo o mundo foram submetidas à mutilação genital, que afeta aproximadamente três milhões de meninas na África anualmente. É uma violação dos direitos humanos que apresenta muitos riscos para a saúde, tanto imediatamente quanto durante a vida.

→ violência. O programa da Tostan mostra que, mesmo que não tenham frequentado a escola, todos podem tomar decisões corajosas e sábias, afirma Molly.

O programa da Tostan capacita os aldeões a continuar tomando boas decisões para melhorar suas vidas.

Trata-se de acesso a escolas, toaletes, saúde, conhecimento sobre a malária, como construir um poço ou uma biblioteca. E de registrar os adultos para que possam votar.

Molly ouve o conselho da aldeia contar sobre os objetivos da mesma em termos de eletricidade, vacinação,

melhoria de estradas e que as mulheres devem participar de todas as decisões. Ela fica feliz quando vê os jovens das aldeias brincando e podendo escolher seus maridos ou esposas, assim como fazem no programa da Tostan. Depois, a dança continua. 🌐

Vida melhor com a Tostan

O trabalho de direitos humanos da Tostan nas aldeias melhora a vida das crianças e de outros aldeões de muitas maneiras:

- Mais de 7.200 aldeias acabaram com a mutilação genital feminina, o casamento infantil e casamento forçado.
- O respeito pelos direitos da criança aumenta.
- Mais meninas frequentam a escola.
- Mais crianças são vacinadas.
- A alfabetização aumenta.
- Mães e crianças têm uma saúde melhor.
- As decisões são tomadas democraticamente.
- Mulheres também podem ser líderes.
- O ambiente melhora.
- Há menos casos de malária, HIV/AIDS e outras doenças.
- A energia solar fornece eletricidade às aldeias.

O que é uma norma social?

A mutilação genital está associada a uma norma social relacionada ao casamento. Uma norma social é algo que muitos em uma sociedade concordam. Se alguém deseja fazer diferente, geralmente alguém protesta. Por exemplo, a norma pode ter a ver com não jogar lixo na natureza.

Em muitas comunidades na África Ocidental a norma social é que uma menina deve ser mutilada genitalmente para se casar. É uma tradição há mil anos e ninguém sabe de onde vem. Simplesmente é assim.

No programa da Tostan, os participantes recebem conhecimentos sobre direitos humanos e sobre como a mutilação é perigosa para meninas e mulheres. Eles podem conversar com os imames, que explicam que a mutilação é uma tradição, e não é mencionada no Alcorão.

Para conseguir acabar com a mutilação genital feminina, muitas pessoas deci-

dem juntas por uma nova norma social. A nova norma é que uma menina não deve ser mutilada genitalmente para se casar.

A norma social nas aldeias da Tostan é alterada da seguinte forma:

- 1. Norma social antiga:** Meninas são mutiladas genitalmente e se casam muito jovens.
- 2. Programa educacional da Tostan:** Crianças e adultos debatem e aprendem coisas novas.
- 3. Disseminação do conhecimento:** Adultos e crianças de várias aldeias difundem o conhecimento e discutem o assunto em conjunto.
- 4. Decisão conjunta:** Acabar com a mutilação genital feminina e o casamento infantil na nossa aldeia!
- 5. Nova norma social:** As meninas vão à escola, não há mutilação genital ou casamento infantil na aldeia!



“Amanhã você vai se casar”

Após meses de seca, a chuva finalmente atinge o telhado. Mariama Bah, de quatro anos, corre para junto das outras crianças. Mariama não sabe que já está decidido que ela deve se casar com um dos rapazes que também saltam nas poças d'água.

Quando nasci, um amigo de meus pais disse-lhes:

– Essa menina vai ser a esposa do meu filho.

Meus pais acharam que era uma boa ideia, então eles decidiram sobre o casamento e que eu moraria com aquela família a partir de quando parasse de mamar até os sete anos de idade. Então cresci com o menino que se tornaria meu marido. Éramos como irmãos.

Hora do casamento

Voltei para a casa de meus pais quando eu tinha sete anos. Um dia, quando tinha onze anos, meus amigos me contaram: “Amanhã você vai se casar”. Eu fiquei triste.

Fui levada ao menino que se tornaria meu marido. Eu usava um pano branco em volta dos quadris e um véu na cabeça. Meu tronco estava nu.

Após o casamento, eu e meu marido fomos para casa. Duas mulheres idosas ficaram sentadas do lado de fora. Mais tarde, demos o pano branco para as mulheres. Se houver sangue, haverá dança e celebração na aldeia. Se não, será uma grande vergonha.

Quando nos deitamos na cama, meu marido perguntou: “Por que você está tão calada?” Eu olhei para o teto e não soube o que dizer. Meu marido começou a falar sobre todo tipo de coisa, e depois de algum tempo eu também ousei falar.

Dissemos um ao outro que era uma sensação estranha estar ali como marido e mulher. Nós conversamos sobre outras coisas também, como amigos e a aldeia. E sobre nossa nova casa, onde iríamos morar juntos.

As mulheres esperavam que ficassemos juntos como marido e mulher. Ao nascer do sol, entregamos meu pano branco, que tinha manchas de sangue. As mulheres começaram a gritar alegremente e dançar.

Meus filhos na escola

Um ano mais tarde, dei à luz meu primeiro filho. Foi muito difícil. Eu fiquei no hospital e depois de cama por semanas. Pouco mais de um ano depois, dei à luz meu segundo filho.

Era difícil conseguir comida suficiente, então meu marido decidiu viajar e trabalhar na Europa. Não tive notícias dele durante várias semanas. Ele ainda está na Itália, tem um emprego e envia dinheiro para casa. Ele telefona frequentemente, me diz palavras gentis e pergunta sobre as crianças. Agora que vivemos como marido e mulher, comecei a amá-lo.

Eu aprendi muito com a Tostan. Uma mulher de lá compartilha seus conhecimentos comigo. Meu sonho é a saúde da minha família. Não vou deixar meus filhos se casarem até que tenham dezoito anos, e eu vou garantir que eles possam ir à escola”. 🌐



Onze anos e tem que se casar

Mariama corre. Os pés batem forte na areia e ela tem que lutar para não tropeçar no escuro. Ela só quer ficar longe de tudo. Seu padrasto decidiu que ela deve se casar, mesmo tenha apenas 11 anos.



Depois de dois quilômetros no escuro, Mariama chega à avó, que tenta confortá-la, mas Mariama apenas chora. “Se meu pai estivesse vivo, nada disso aconteceria”, ela pensa.

– Papai amava a mim, meus irmãos e irmãs mais que tudo. Sua morte foi o início de uma nova vida. Papai era o único que nos sustentava e, quando ele se foi, tudo ficou difícil.

Fim dos sonhos futuros

Segundo a tradição, as mulheres da aldeia de Mariama que ficam viúvas devem manter o luto por quatro meses.

Nesse período, não podem sequer pegar um objeto da mão de um homem. Se um homem tiver que lhe entregar algo, deve colocá-lo no chão, de onde a viúva pega.

Quando o período de luto termina, a mulher pode se casar novamente. A mãe de Mariama seguiu a tradição e se casou com um irmão do pai de Mariama. Agora, os problemas de Mariama começam a ficar sérios.

O novo padrasto de Mariama não quer que ela frequente a escola e decide que ela vai se casar. Por ser homem, ele pode decidir isso.

Mariama se recusa a concordar com o plano do padrasto. Ela se desespera e pensa em como seria a vida sem escola. Seria o fim de seus sonhos futuros.

– Meu pai queria que eu fosse à escola. Se ele estivesse vivo, isso não nunca aconteceria

acontecer, Mariama diz ao padrasto.

Mais horrores

Há outra coisa que faz Mariama temer ainda mais. Quando era bebê, ela foi submetida à mutilação genital. Na aldeia de Mariama, as meninas também são costuradas. Quando ela estiver prestes a se casar, a “mutiladora” deve reabrir o bloqueio usando uma faca.

– A maioria desmaia. Muitas adoecem depois disso, e precisam ficar de cama por um longo tempo. Elas têm dificuldades para se recuperar, conta Mariama.



Mariama sabe que o procedimento a que foi submetida dificultará para ela dar à luz. Especialmente se ela for tão jovem. Mas seu padrasto está determinado. “Você vai se casar com seu primo. É para o bem da família”, afirma ele.

Mariama chora quase a noite toda na casa da avó. Mas quando acorda de manhã, está decidida. Ela vai pedir ajuda da organização Tostan, e sai imediatamente para pro-

curá-los. Ela não se sente nervosa, mas confiante de que eles ouvirão o que ela tem a dizer.

Quando Mariama vai às mulheres que trabalham com a Tostan e foram eleitas para o comitê da aldeia, elas a ouvem atentamente e afirmam estar impressionadas por ela saber que a escola é tão



O guarda-roupa de Mariama

Mariama se interessa por roupas e tem um grande guarda-roupa. Ela ganhou as melhores roupas de irmãs e primas para casamentos e festas de batizado.

Roupa de trabalho

Quando Mariama faz tarefas domésticas, como varrer e carregar água, ela sempre usa roupas confortáveis. É importante ter cuidado com roupas bonitas!

Roupas de cerimônia

Quando há um casamento ou cerimônia de batismo, Mariama veste roupas tradicionais. Quando sua irmã mais velha se casou, ela usou esse vestido. Todas as mulheres tinham roupas parecidas na festa.

Tornozeleira de casamento

A mãe de Mariama faz esses acessórios de tornozelo, que são parte de um vestido de noiva tradicional. Ela fez o mesmo para todas as meninas na minha família.



Tatuagem de henna

Mariama recebe ajuda para pintar uma decoração tradicional de henna nas mãos e pés. Ela pode durar até três semanas.





Belo vestido para o dia-a-dia

Mariama gosta de se vestir bem quando convidados vêm à aldeia ou quando passa tempo com os amigos.



Roupas de festa

Outro traje tradicional que Mariama usou no casamento de um parente.



→ importante. Elas consideram Mariama ambiciosa, e ela não está mais com medo.

Tecido quadriculado

Muitos tecidos na vila de Mariama têm um padrão quadriculado, como esta saia.

O plano do grupo da Tostan

O grupo da Tostan rapidamente faz um plano. Precisam conversar com o padrasto de Mariama logo. Elas reúnem um grupo de 17 pessoas que vão juntas à casa de seus pais. Elas estão indignadas. Uma criança de 11 anos não deveria ter que se casar! Ela deve poder frequentar a escola e obter uma educação.

Mariama vai embora para

Roupas secretas de festa

Os idosos da aldeia acham que vestir calças com uma túnica curta é muito provocativo. Por isso, quando há festa na aldeia, Mariama e suas amigas normalmente vestem roupas tradicionais com calças por baixo. Quando os idosos vão dormir, ela tira a saia e continua dançando com as amigas.



não presenciar a conversa com seu padrasto, mas ouviu à distância que ele fica bravo. “Mariama pediu ajuda dos outros porque não tem respeito por sua própria família”, diz ele. Em seguida, ele grita: “Vai ser como eu disse!” recusando-se a ouvir o grupo se reuniu em sua casa.

Todos estão bravos
Mariama sabe que está certa.

A mensagem da Tostan é clara: Meninas têm direito à educação! Mariama não deveria ter que deixar a escola para se casar. Isso pode ter consequências graves para sua saúde e arruinar seu futuro. Mas e se o padrasto obrigá-la?

À noite, Mariama não consegue dormir. Seu padrasto ainda está bravo e ela lamenta que isso tenha se tornado uma briga tão grande na sua



Vestido para festa

Mariama bordou "Princesa AK Jallow" na saia.



Uniforme escolar

Mariama é muito cuidadosa com seu uniforme escolar e sempre toma banho antes de vesti-lo.



aldeia. Ela sai da cama e caminha silenciosamente pela noite. Sem realmente pensar, ela começa a correr. Os pés se movem como se tivessem vida própria, e abrem caminho para a casa da avó.

Quando chega, a avó a recebe, mas diz que ela tem que voltar no dia seguinte. Mariama sabe o que quer e sente o apoio da Tostan. Ao mesmo tempo, tem medo porque muitas pessoas da aldeia estão com raiva agora. Seu padrasto está bravo com ela e as mulheres da Tostan estão bravas com seu padras-

to, porque ele não escuta. Vários de seus parentes estão chateados que ela não obedece ao padrasto. Eles acham que uma menina não deve poder decidir nada sozinha.

Ajuda da polícia

Quando volta da casa da avó, Mariama entende que seu padrasto não ouviu a Tostan. Ele pretende garantir que o casamento aconteça, a menos que algo drástico aconteça. Ela precisa agir!

Mariama escreve uma carta ao governador contando sobre sua situação. Em seguida, ela vai à polícia. A polícia

Mariama, junto com as mulheres de Tostan que a ajudaram quando seu padrasto queria casar com ela. “Muitas meninas são forçadas a abandonar a escola, mas Mariama foi corajosa e ousou falar conosco para evitar isso. Agora ela pode conseguir o que quer”, afirma Kumba Bah.



→ já viu casos semelhantes antes e compreende a situação. Eles chamam Mariama e seu padrasto para uma reunião.

Na sala estão Mariama, seus pais e dois policiais. Há também as mulheres da Tostan. A polícia é clara: “Mariama tem um bom desempenho na escola e dese-

ja frequentá-la. Isso significa que você não tem o direito de tirá-la da escola. Vamos prendê-lo se você impedi-la de ir à escola”, dizem a seu padrasto.

Agora o padrasto fica assustado e se curva às exigências dos policiais. Em seguida, um dos oficiais, olha para Mariama e diz: “Lembre-se

deste momento. Você passou por tudo isso para poder frequentar a escola. Prometa-me que será bem-sucedida”.

Mariama sai do escritório ao mesmo tempo aliviada, nervosa e agitada. Ela está feliz por poder ir à escola e por ser poupada dos horrores que um casamento significa

para uma criança. Ao mesmo tempo, sente-se desconfortável. Ela fez seus pais correrem o risco de serem presos.

Cumprirá sua promessa

Voltar para a aldeia não é fácil. As pessoas se voltam contra o Mariama. Seus próprios parentes dizem coisas desagradáveis e o chefe da aldeia está indignado. Ele diz que Mariama não o respeita e cometeu um erro ao recorrer à polícia.

Não melhora quando Mariama chega à escola. Parece que todos estão olhando para ela. Depois da aula, ela vai para casa e se deita na cama. Ela não consegue comer ou pensar, só que todos



Feira semanal

Perto da aldeia de Mariama há uma feira semanal. Todos se reúnem ali, e você pode comprar tudo que imaginar. Esta semana Mariama economizou para comprar uma nova sombra para os olhos.



"No começo eu não quis ouvir a Tostan, mas agora sou grato que me ajudaram a entender a importância da educação", diz o padrasto de Mariama.



Mariama AK, 16

Sonho: Ser enfermeira

Lema: Perdoe seus inimigos e siga em frente para realizar seu sonho

Fica triste: Quando pensa em seu pai, que já morreu

Orgulha-se: De ter lutado para permanecer na escola

Quer acabar com: O casamento infantil

estão contra ela. Durante vários dias, ela fica deitada sem sair. O que seria uma vitória tornou-se um fardo e Mariama sente-se só.

Então, a melhor amiga de Mariama entra pela porta. Ela se senta na cama de Mariama e a abraça forte.

– Você lutou muito para simplesmente desistir agora, diz ela.

Depois, a amiga continua a falar sobre a escola e dizer todas as coisas que a própria Mariama havia afirmado nas últimas semanas. “A escola é

um direito, a educação é a chave para um bom futuro”, diz a amiga. Nesse momento, Mariama decide se concentrar totalmente em seus livros. Nada poderá tirar sua concentração. Agora ela vai cumprir sua promessa àquele policial rigoroso.

Aldeia pelos direitos das meninas

O tempo passa e Mariama não sente mais que alguém esteja contra ela. Seu padrasto a perdoa e afirma que ele e toda a aldeia estavam errados.

– Todas as meninas têm o direito de ir à escola. Agora eu entendo. Eu não quis ouvir a Tostan, mas hoje estou feliz que me ajudaram. Meu conselho a todos que encontro é que não devem esquecer aqueles que realmente te ajudaram a tomar uma boa decisão, diz o padrasto na frente de todos os habitantes da aldeia.

Depois que a Tostan já trabalhou na aldeia de Mariama por três anos, toda a aldeia faz uma declaração:

Nunca mais cortaremos uma menina! Nunca mais exigiremos que uma pessoa com menos de 18 anos se case! É Mariama que lê a declaração para todos que se reuniram. Ela encerra com um dis-

curso que ela mesma escreveu, que termina assim:
– Nós somos vítimas, mas nossas filhas não o serão! 🌍

Responsabilidade e estilos!

“Com a Tostan, aprendemos a falar sobre coisas importantes com nossos amigos. Conversamos sobre nossos direitos e como podemos decidir nossas próprias vidas, mesmo sendo jovens. Antes, geralmente apenas esperávamos pela decisão dos adultos, mas aprendemos que podemos assumir a responsabilidade por nós mesmos. Por isso, agora fazemos pequenos trabalhos extra. Eu descasco amendoim e vendo em pequenos sacos. Minha amiga Kanku faz sopa de peixe e vende com pão. Quando temos um pouco de dinheiro sobrando, gostamos de ir ao alfaiate e experimentar estilos diferentes!”
Kora, 13



Kora e Kanku, 13, gostam de ouvir canções pop da Guiné.



Ebrima e Saikou são melhores amigos. Mas eles vivem vidas muito diferentes desde que Ebrima abandonou a escola.

Melhores amigos com vidas diferentes

No videoclube da aldeia, os amigos Saikou e Ebrima veem futebol. Eles têm muito em comum e ambos torcem pelo Real Madrid. Mas suas vidas são muito diferentes. Saikou vai à escola e, graças às mulheres da Tostan na aldeia, todos os dias dá um pequeno passo em direção a seu sonho de se tornar médico. Ebrima trabalha nos campos, sem conseguir prover sua esposa e três filhos com o que eles precisam.

Antes de ir para a escola, Saikou cuida das vacas da família. Quando as vacas têm o que precisam, ele se apressa para a escola na aldeia. Desde pequeno, Saikou sabia que queria ser médico. Ele sabe muito bem o que significa não ter acesso a cuidados. Quando seu pai morreu de uma doença, a vida tornou-se difícil para toda a família.

– Meu pai amava a mim e meus irmãos. Perdê-lo foi a pior coisa que já me aconteceu. Quando ele morreu, ficou difícil conseguirmos dinheiro para todas as despesas.

A mãe de Saikou se casou novamente após algum tempo. Seu padrasto já tinha filhos, e é difícil para ele para alimentar toda a família. A família continua lutando para pagar as despesas básicas, como alimentos e materiais escolares.

Você vai abandonar a escola

Quando Saikou tem treze anos de idade, sua mãe lhe diz:

– Saikou, você tem que abandonar a escola e começar a trabalhar. E vamos te arrumar uma esposa.

Mas Saikou se recusa.

– A escola é a coisa mais importante da minha vida. E sou muito jovem para casar, ele diz à mãe e ao padrasto.

O padrasto não quer ouvir.

Ele já planejou tudo e não vê problema em Saikou começar a trabalhar em vez de estudar.

Saikou se defende teimosamente. Ele explica que, se puder permanecer na escola, conseguirá ajudar a família muito mais que se for obrigado a se casar e começar a vida adulta desde já. Como eles continuam irredutíveis, Saikou sai pela porta. Ele sabe que não precisará resolver isso sozinho. Existe ajuda.

Tostan ajuda

A apenas poucos passos de distância, Saikou encontra as representantes da Tostan na aldeia.

– Foi a Tostan que ensinou a todos o quanto a educação é importante. Elas também ensinaram que mesmo nós, crianças, temos o direito de nos fazer ouvir. Devemos poder dizer o que pensamos quando se trata de decisões importantes. A Tostan imediatamente afirmou que me ajudaria.

Já no dia seguinte, mulheres da Tostan sentam com os pais de Saikou e conversam sobre a situação. A Tostan tem um método especial para resolver problemas e conflitos nas aldeias onde trabalham. As mulheres são experientes e sabem que é importante que todos tenham a chance de falar e sintam que há alguém que ouve e compreende. Portanto, o padrasto de

Saikou sente-se disposto a ouvir a Tostan. Quando terminam, eles concordam que a melhor coisa para todos é que Saikou permaneça na escola.

– Fiquei tão feliz. Agora poderia realizar meu sonho!

Persuadido a se casar

Ao mesmo tempo, a uma curta distância na mesma aldeia, o futuro de outro menino é discutido. Seu nome é Ebrima e ele está na mesma classe de Saikou.

– Se eu quiser água, posso simplesmente mandar minha esposa para buscá-la, gaba-se um rapaz alguns anos mais velho que Ebrima.

– Imagine ter sua própria casa, diz outro.

Ebrima ouve. Sua mãe deseja que ele se case, e todos ao seu redor parecem concordar. Talvez a escola não seja tão importante mesmo, pensa Ebrima.

Ebrima é alguns anos mais velho que seus colegas. Adulto o suficiente para se casar, acreditam seus pais, embora tenha apenas 16 anos.

O que Ebrima não sabe é que seus pais reuniram rapazes que abandonaram a escola e se casaram e pediram -lhes para dizer a Ebrima que a vida de casado é melhor que a de aluno.

Ebrima sente-se convencido e aceita se casar com a prima que seus pais escolheram. Ela tem apenas treze anos e Ebrima nunca falou com ela antes.

O dinheiro nunca é suficiente

Já no casamento, Ebrima sente que ele pode ter cometido um erro ao deixar-se persuadir. Ninguém realmente lhe perguntou sua opinião, e ele sente que concordou em toda



Saikou, 16

Sonho: Ser médico.

Dica para outras crianças:

Não aceite tudo que os adultos dizem. Certifique-se de incluir pessoas educadas na decisão.

Ídolo: Ronaldo, ele começou com as duas mãos vazias e agora é o melhor jogador de futebol do mundo.

Crê em: Democracia.

Feliz porque: A Tostan nos ajudou a encontrar maneiras de resolver nossos problemas e trabalhar em projetos.

Na aula de artesanato, Saikou pintou um juiz. “Sou interessado no sistema legal, mas tirei esta imagem completamente da minha imaginação. Eu nunca vi um julgamento”.





Alagie, Saiko e Gibbi vão ao video-clube o mais rápido que podem para ver o futebol. Saikou torce pelo Real Madrid. "Eu admiro Ronaldo porque ele vem de uma família pobre e trabalhou para conquistar seu lugar. Eu gostaria de poder jogar como ele".

feliz quando minha mãe disse que eu ia me casar, embora fosse muito jovem. Eu não tinha ideia do que mais poderia fazer. Mas meu sonho para meus filhos é que eles saibam que existe outro tipo de vida para viver. Quero que eles frequentem a escola e não se casem cedo demais, diz Kaddijato.

Os amigos Saikou e Ebrima se esforçam por aquilo que é importante para eles. Saikou se dedica à escola e Ebrima luta para dar o que sua família precisa. Eles muitas vezes falam sobre o futuro e que fez uma grande diferença para a aldeia a Tostan ter difundido o conhecimento sobre a importância da educação. Se a Tostan não existisse, Ebrima e Kaddijato talvez não entendessem que devem dar a seus filhos a oportunidade de uma vida diferente daquela que vivem. 🌍

Ebrima se casou aos dezesseis anos, e agora tem três filhos. Ele e sua esposa Kaddijato frequentemente falam que vão garantir que suas crianças recebam a educação que eles próprios não tiveram.

a ideia para não desapontar seus pais.

– Hoje me arrependo profundamente. Eu deveria ter aproveitado o meu direito de dizer o que penso e não concordado em me casar tão jovem. Quando eu e minha esposa fomos dormir juntos na primeira noite, eu senti apenas medo. Foi o mesmo para ela. Ela também tinha medo.

– Sou abençoado com três filhos e amo minha esposa, mas nunca terei condições de dar o que eles precisam, e isso me dói, diz Ebrima.

Ele tem trabalhado duro todos os dias desde que deixou a escola, mas o dinheiro ainda parece ser insuficiente.

– Não tenho nenhuma educação e isso se mostra a cada

momento. Quando Saikou e eu vamos ao video-clube ver o futebol, ele consegue ler placas em inglês que eu não entendo, e pode falar sobre coisas sobre as quais nada sei.

Os filhos receberão educação

Saikou e Ebrima costumam falar sobre o que ir à escola e obter uma educação significa para o futuro.

– Tenho muito a aprender com Saikou. É quando conversamos que entendo a diferença que faz uma pessoa receber uma educação ou não, afirma Ebrima.

Ebrima e sua esposa Kaddijato concordam que seus filhos não devem se casar antes dos 18 anos de idade.

– Eu não fui à escola e fiquei

Ebrima, 19

Desejo: Poder dizer sim na próxima vez que meus filhos pedirem algo.

Plano para o futuro: Que meus filhos possam ir à escola.

Ama: Minha esposa Kaddijato e nossos filhos Juldeh, Jainaba e Ismaila.

Arrependimento: Ter saído da escola cedo demais.

Nunca devia: Subir na cama do meu irmão mais velho. É contra a tradição!



Coopera

O programa da Tostan envolve que as pessoas das aldeias decidam juntas como melhorar a vida de todos os aldeões. Para que isso funcione, todos se reúnem para discutir o que é importante. Eles concordam que a saúde, a comunidade, a paz e o respeito são necessários para que a vida da aldeia seja a melhor possível. Todos também aprendem a trabalhar em conjunto para resolver os problemas. As crianças aprendem a conversar entre si e desenvolver um grande companheirismo, elas praticam o tempo todo enquanto brincam!



Pensa e costura

– Minha mãe me ensinou a bordar. Eu costumo pensar na situação aqui na Gâmbia. É uma sorte que temos paz. A guerra é a coisa mais perigosa para as crianças, porque ela separa famílias, diz Isatou, 10.



ação pela aldeia e pela diversão!



Pular corda

É importante manter o ritmo ao pular.



Táticas de treinamento tique-taque

– Há uma brincadeira de futebol. Nós fazemos listas e táticas de treinamento. Também aprendemos as habilidades necessárias no futebol real. Nunca fazemos isso sozinhos, há sempre pessoas assistindo. Usamos uma bola simples no futebol. Agora é o Real Madrid que está jogando contra o Barcelona, diz Mamadou, 10.

Apresentação musical

Quando Ilo, 15, toca seu ritti, toda a aldeia se reúne para ouvir. O ritti tem cordas, mas também amplifica sua voz quando ele canta. Ele canta sobre uma mulher que tem fome e nunca pode ser livre.



Anda de bicicleta com amigos

Mamadou também gosta de bicicleta. É conveniente quando tem que fazer várias tarefas e buscar coisas com seus amigos.



Faixa de cabeça de crochê

– Mamãe me ensinou a fazer crochê e eu faço com minhas amigas. A Tostan nos ensinou que devemos trabalhar duro para conseguir uma boa vida. Não podemos apenas sentar e esperar, diz Fanta 7.



25 caixas

– É um jogo social. Não se deve tocar nas outras pessoas, e quem o faz sai do jogo. Sempre correm quatro pessoas de cada vez, mas há muitas mais brincando, diz Hawh 13.



Brincadeira de bateria

– Você tem que acertar as baterias do adversário. Geralmente, muitos querem brincar e nós sorteamos para decidir quem pode começar. Depois, fazemos um torneio. É importante para nós, crianças, brincar. Isso nos faz felizes e ajuda a pensar livremente, diz Gibbi, 12.



Vida melhor de muitas maneiras



Energia solar para todos

"A Tostan organizou para que tenhamos energia solar. Antes, tínhamos lâmpadas de óleo e era perigoso. Se alguém a usasse para fazer o dever de casa tarde, podia causar um incêndio. Antes, nem crianças nem mulheres podiam participar e dizer o que pensavam, mas agora isso mudou completamente. Todos na aldeia podem dizer o que pensam".

Awa, 16, Senegal



O pedido de perdão dos pais

"Sinto-me livre e feliz. Agora podemos falar uns com os outros, mesmo sobre coisas difíceis, isso mudou a minha vida.

Meus pais permitiram que eu sofresse mutilação genital quando era bebê. Eles não sabiam que era errado. Eles ficaram muito tristes quando perceberam o quanto isso causa problemas e se arrependeram. Eles me pediram perdão e prometeram que nunca mais o farão com ninguém. O dia em que entendi o que a mutilação feminina implica e que havia sido feita em mim, fiquei muito triste.

Agora que sabemos e podemos conversar sobre qualquer coisa, é importante garantir que nenhuma filha nunca mais se exponha a isso! Eu quero lutar".

Tombong, 13, Gâmbia



Menos malária

"Antes, a malária era um grande problema para nós. Muitos morreram. Nós paramos de beber leite por quatro anos, quando meu padrasto morreu, porque pensamos que leite ruim havia causado sua doença. Agora sabemos que há mosquitos que causam a malária. Por isso, limpamos a vila toda semana e dormimos sob mosquiteiros. Agora ninguém mais morre de malária, porque sabemos como nos proteger".

Musa, 15, Gâmbia



Ajuda na limpeza em vez de casamento infantil

"Antes de a Tostan começar, os meninos também tinham que se casar cedo, como na minha idade. Mas agora conhecemos nossos direitos e obrigações. Ninguém se casa antes de completar 18 anos. Os meninos ajudam suas mães nas tarefas domésticas, como limpeza".

Alasana, 14, Gâmbia

A Tostan trabalha com muitas coisas diferentes para garantir que a comunidade seja boa para as crianças e suas famílias. Tudo está conectado e melhora a vida das crianças. As crianças nas aldeias da Tostan foram todas envolvidas, podem dizer o que pensam e aprenderam tudo sobre como a Tostan funciona.



Ndyaya

Ami

Bilal

Defender os direitos

As crianças em Kere Simbra, no Senegal, têm um poema sobre direitos, que estão lendo juntas na foto. Elas defendem os direitos humanos, para nunca esquecerem o que a aldeia aprendeu. Uma parte importante do programa da Tostan é sonhar como o futuro pode ser melhor. Os pais e avós das crianças sonharam com um futuro livre de violência. Eles acabaram com a mutilação genital, pois ela atrapalhava seu sonho.

"Eu adoro história e quero ser professora. Meu sonho é que todos aqui possam ir à escola. Teremos bons professores. A escola que eu vou construir será azul e laranja".
Ndyaya, 10

"Eu amo a educação e quero ser professor de francês. Meu sonho é construir uma escola, e levar meus pais a Meca".
Ami, 10



Crianças podem assumir responsabilidades

"Meu sonho é trabalhar com a Tostan e ir a novas aldeias para tornar a sociedade melhor. A pri-

meira coisa que eu faria ao chegar a uma aldeia seria organizar uma limpeza da mesma. Depois, eu construiria a escola e matricularia a todos. A Tostan ensinou limpeza e diálogo. É assim que podemos viver uma boa vida em paz. Os direitos da criança são particularmente importantes. Quando as crianças aprendem que têm direitos, elas também conseguem assumir responsabilidades e ajudar a tornar a vida da aldeia melhor para todos".
Kajatai, 13, Gâmbia



Ndeye Fatou

Dyouma

Ndeye



Volta à escola com ajuda de uma vaca

"No ano passado, meus pais me tiraram da escola porque era muito caro. A Tostan veio e conversou com meu pai sobre a importância da educação. Ele compreendeu e vendeu uma vaca para que eu pudesse frequentar a escola. Fiquei tão feliz que não consegui dormir. Eu sonho ser médica e ajudar as mulheres. Também acho que é importante para evitar o ebola e ter cuidado com a higiene".
Mariama, 15, Gâmbia



Aldeia limpa

"Antes, minha aldeia era suja. Não é mais, porque nós aprendemos como devemos limpar e manter limpa. Todas as crianças devem ter o direito de ir à escola, porque essa é a única maneira de ter um bom futuro e alcançar seus objetivos. Também é importante que todos tenham conhecimento de como evitar a gravidez".
Fatou, 14, Gâmbia

humanos!

*Nós somos a geração dos Direitos Humanos
Não aceitamos nada menos que Direitos Humanos
Vamos identificá-los e exigi-los
Para os homens
Para as mulheres
Para as crianças
E para aqueles que reivindicam
Direitos Humanos*



Mulheres e crianças participam de decisões

"Antes, um homem e uma mulher não podiam sequer sentar-se lado a lado e conversar. Eram os homens que tomavam todas as decisões. Mulheres e crianças nunca podiam participar das discussões nem decidir nada. Isso mudou agora. Nós falamos sobre os direitos humanos e sobre muitas coisas importantes para que a vida seja boa para todos em nossa aldeia. Por exemplo, decidimos que ninguém deve se casar antes dos 18 anos de idade e não praticamos mais a mutilação genital feminina".
Fatoumata, 15, Gâmbia



Minha irmã se casou

"Fico feliz quando penso sobre a Tostan e que eu não vou me casar cedo. Nosso padrasto obrigou minha irmã a se casar. Ela não está feliz e já tem três filhos. É muito difícil para aqueles que se casam cedo. São crianças que se tornam pais e têm muitos filhos. Mas eu não vou casar até depois de completar 18 anos. Em vez disso, vou à escola, aprender muito e conseguir um bom emprego. Idealmente, eu gostaria de trabalhar com a Tostan, então poderia conversar com as pessoas e ajudar a resolver grandes problemas".
Anastou, 13, Gâmbia

"Eu quero ser uma mulher de negócios e trabalhar em um banco. Por isso, preciso aprender francês, inglês e matemática. Sonho com eletricidade para a aldeia, não apenas as células solares que temos agora. Eletricidade 24 horas por dia, para tornar a vida melhor para todos".
Ndeye Fatou, 12

"Sonho que nossa aldeia possa ser com as cidades que vejo na TV. Limpa, muitas árvores, flores bonitas. Uma torneira de água em cada casa, eletricidade 24 horas por dia".
Dyouma, 12

"Adoro jogar futebol. Meu sonho é termos um campo de futebol e uma equipe que jogue no campeonato. Se pudermos jogar e treinar, seremos fortes".
Bilal, 11

"Estou no quinto ano. Quando crescer, quero ser ministra da educação. Para nossa aldeia, sonho com uma escola mais bonita, e uma escola maior de Corão".
Ndeye, 13

Um dia sem escola

A Tostan mudou muita coisa nas aldeias, e hoje os adultos sabem o quão importante é que meninos e meninas frequentem à escola. Mas há famílias que não têm condições de pagar para enviar as crianças à escola. Várias mudanças importantes aconteceram, mas há um longo caminho a percorrer.

– Eu moro com minha tia, porque minha mãe morreu e minha madrastra está trabalhando em Banjul. Minha tia não me deixa mais ir à escola, pois tenho que ficar em casa e fazer as tarefas domésticas. Penso na escola todos os dias, mas não há muito a fazer, diz Nuima 14.

– Mesmo assim, minha vida seria diferente se não houvesse a Tostan na aldeia. Eles nos ensinaram muito sobre saúde, e também já não obrigam as meninas a casar antes dos dezoito anos. Não preciso me casar antes de ser adulta e meu corpo estar pronto para ter um filho.

Nuima sofreu mutilação genital quando bebê, e todos os meses quando está menstruada, ela precisa ficar na cama por cinco dias.

– É extremamente doloroso. Eu sei que também haverá problemas quando eu crescer, para dar à luz. Mas, graças à Tostan ninguém aqui mutila mais as meninas.



Nuima, 14

Gosta: De orar

Melhor coisa do dia: Quando ela cozinha

É grata por: Graças à Tostan, não precisar se casar antes de ser adulta.

Deseja: Ir à escola.

Momento recente mais feliz:

Quando ganhei roupas novas.



Antes de orar, Nuima coloca um véu. O tapete de oração é estendido. Nuima se volta para Meca e se abaixa.



7h00
Nuima acorda no quarto que divide com suas irmãs.



7h15
É importante se lavar antes das orações matinais.



7h40
– Ma An mujamdi, diz Nuima à sua família depois da oração. Significa "acordem em paz".

8h00 Busca água no poço. O balde é pesado, então ela recebe ajuda para colocá-lo na cabeça.



9h00
Nuima toma um banho de verdade no banheiro, atrás de uma tela.



9h15
Antes do desjejum, Nuima mói grãos num pilão. Quando termina, ela coa para remover as cascas antes que ferver para fazer o mingau.



10h00 Finalmente, é hora do desjejum!



11h00
Lava as roupas da família.



12h00

Descasca amendoim. O amendoim é uma parte importante da dieta, mas também é vendido no mercado.



13h00

Nuima prepara o almoço em uma cozinha cheia de fumaça, mas ela acha divertido cozinhar.



15h00

Hora de varrer.



15h30

Nuima borda. O tecido deve ficar pendurado na frente de sua porta quando ela se casar.



16h00

Nuima tem ajuda para arrumar as tranças.



19h00

A família janta.



20h00

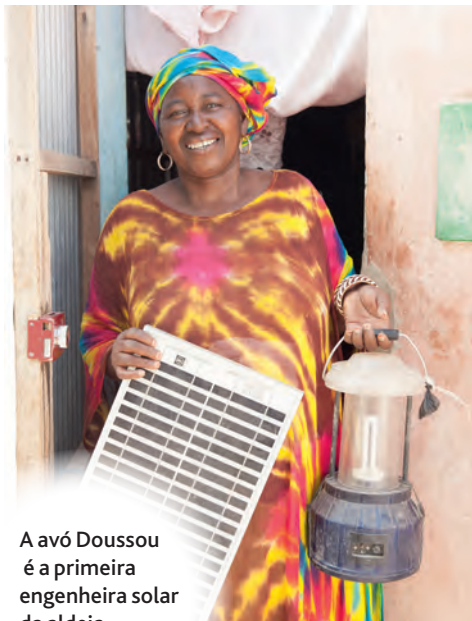
Nuima assiste à televisão com seus primos. Enquanto isso, algumas das crianças que frequentam a escola da aldeia durante o dia, estão na aldeia vizinha estudando o Corão à luz de uma grande fogueira.



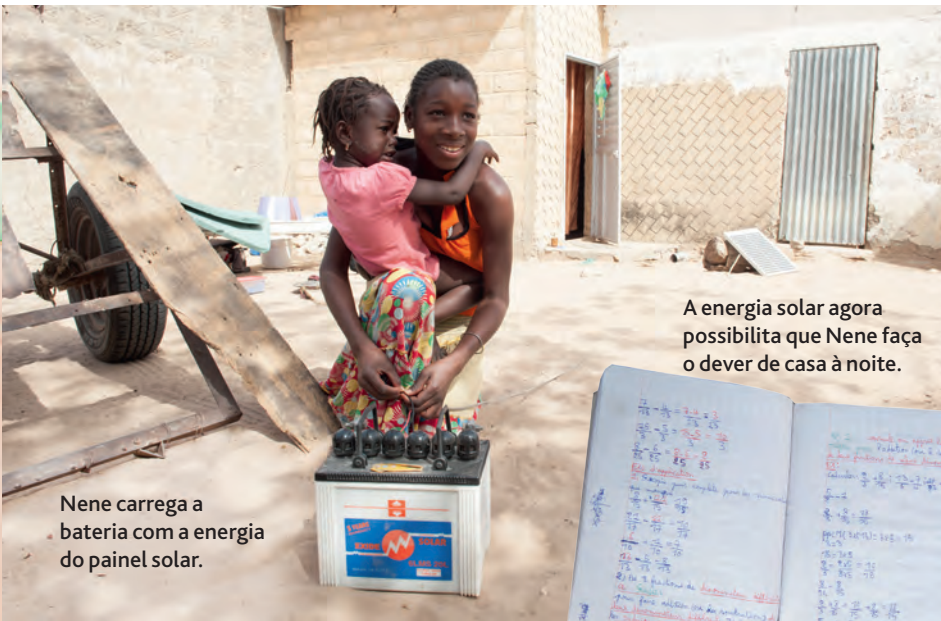
22h00

Nuima dorme depois de um longo dia. Antes de adormecer ela pensa, como de costume, sobre como seria a vida pudesse ir à escola.



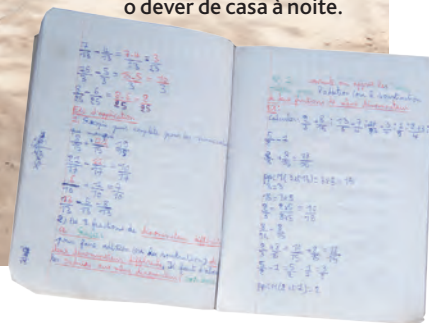


A avó Doussou é a primeira engenheira solar da aldeia.



Nene carrega a bateria com a energia do painel solar.

A energia solar agora possibilita que Nene faça o dever de casa à noite.



A avó é engenheira solar

Quando Nene era pequena, ela acendia uma vela para fazer o dever de casa na escuridão da noite. Mas depois que sua avó se tornou engenheira solar, há luz para o dever de casa e as brincadeiras!

A avó de Nene, Doussou, tinha 50 anos quando viajou de avião pela primeira vez. Ela ia viajar para a Índia e para a Barefoot College, laureada com o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo 2001. Lá, as mulheres de aldeias de muitos países recebem formação como para “engenheiras solares da barefoot”. Sem conhecer o idioma! Com auxílio de imagens, cores e repetição, Doussou conseguiu aprender como os painéis solares funcionam.

Quando a avó voltou para casa, no Senegal, ela pode ajudar toda a aldeia, todas as casas, a escola e a mesquita

com energia solar para trazer a luz. E até mesmo a igreja na aldeia vizinha.

– Acreditamos na igualdade e em direitos iguais para todas as pessoas, independentemente da religião. Então, se temos lâmpadas elétricas na mesquita, é justo que nossos vizinhos também as tenham em sua igreja, diz ela.

O sol fornece rádio e TV

Antes de a aldeia participar do programa da Tostan, nunca houve uma mulher que falasse diante de toda a aldeia. Mas quando a avó de Nene voltou para casa com 50 painéis solares, ela estava no centro da celebração.

– Eu nunca havia sonhado em falar diante de todos, mas não foi difícil. Graças ao nosso treinamento com a Tostan, senti-me confortável para

conversar e compartilhar as coisas importantes que aprendi, diz ela.

A avó Doussou agora é professora de três jovens mulheres que também se tornarão engenheiras solares. Além disso, ela ensinou Nene.

– Sempre quando a escola está fechada eu fico com minha avó. Vejo como ela faz e tento entender. Tenho orgulho daquilo que ela sabe!

Em casa, Nene conecta o painel solar à bateria, que é

recarregada pelos fortes raios do sol.

– A melhor coisa dos painéis solares é que podemos ouvir rádio. É incrível. Eu gosto de obter informações e de ouvir canções populares, a maioria são canções djembe, afirma Nenê, que já não precisa fazer seu trabalho escolar à luz trêmula de uma vela.

– Agora é mais fácil fazer o dever de casa, e temos mais tempo para brincar! Além disso, podemos ver TV, e recarregar os telefones de todos, diz Nene. 🌍

TEXTO: JOHANNA HALLIN & EVELINA FREDRIKSSON FOTOS: KIM NAYLOR



As lâmpadas solares transformaram a aldeia à noite. Agora não fica mais escuro como breu.



A energia solar permite que Nene agora faça o dever de casa à noite e tenha mais tempo para brincar durante o dia.



CONFERENCE DE PRESSE DES DROITS DE L'ENFANT POUR LE PRIX MONDIAL DES DROITS DE L'ENFANT Aujourd'hui, les enfants de la R.D.C. LE HEROS MONDIAL LES DROITS DE L'ENFANT à GOMA, SUD-KIVU ET BUKAVU

Façam ouvir suas vozes!



– Bem-vindos à Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo, que é realizada simultaneamente por crianças em muitos países!

No mesmo dia em todo o mundo, as crianças revelam qual dos três candidatos foi escolhido, pelo voto de milhões de crianças, para receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança, e quais dois candidatos receberão o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo.

Reúnam toda a escola ou convidem a mídia para uma Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo, e divulguem o resultado da votação. Aproveitem para discutir que progressos gostariam de ver no respeito aos direitos da criança. Apenas crianças podem falar e ser entrevistadas por jornalistas nas conferências de imprensa, que são realizadas simultaneamente por crianças de todo o mundo. Elas acontecem no final do período do programa do WCP, depois de vocês votarem para decidir quem deve receber os prêmios pelos direitos da criança.

Como fazer:

1. Definem a hora e o lugar

Se possível, escolham o edifício mais importante do bairro para a sua conferência de imprensa, para mostrar que os direitos da criança contam! Também é possível fazê-lo na escola. Você encontra a data para sua realização em 2017 no site do Prêmio das Crianças do Mundo.

2. Convidem os meios de comunicação

Convidem, com bastante antecedência, todos os jornais e emissoras de TV e rádio. Escrevam a hora e o lugar cuidadosamente. Usem correio eletrônico, mas também telefonem para jornalistas que podem se interessar em comparecer. Lembrem os convidados por telefone ou visita pessoal um dia antes.

Na Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo no Burundi, as embaixadoras dos direitos da criança do WCP denunciaram violações dos direitos da criança que, antes, não tinham coragem de mencionar ou denunciar.



3. Preparem-se

Anotem o que vocês vão dizer. Formulem com antecedência o que desejam dizer sobre como os direitos da criança são violados em seu país. Pouco antes da conferência de imprensa, vocês recebem informações secretas do Prêmio das Crianças do Mundo sobre os heróis dos direitos da criança, para revelar na conferência de imprensa.

4. Realizem a conferência de imprensa

Abram com dança e música e contem que outras crianças também estão realizando conferências de imprensa simultaneamente em todo o mundo. Conduzam a conferência de imprensa mais ou menos assim:

- Forneçam dados sobre o Prêmio das Crianças do Mundo e, se possível, exibam um vídeo informativo curto.
- Expliquem como os direitos da criança são violados em seu país.
- Digam a políticos e outros adultos quais são suas exigên-

Várias Conferências de imprensa das crianças ocorreram em 2015 na República Democrática do Congo, um país onde muitas crianças são expostas a graves violações de seus direitos. As crianças que conduziram as conferências de imprensa aproveitaram a ocasião para revelar também quem as crianças do mundo escolheram para receber seu prêmio. Muitas estações de rádio, além de TVs e jornais na República Democrática do Congo publicaram notícias sobre as crianças.

cias em relação aos direitos da criança em seu país.

- Revelem a grande »notícia« do dia sobre os heróis dos direitos da criança.
- Encerrem distribuindo aos jornalistas o comunicado à imprensa e o folheto com dados sobre os direitos da criança em seu país, que o WCP enviará. No comunicado à imprensa vocês devem resumir as informações sobre o WCP, os direitos da criança e os heróis dos direitos da criança! Vocês receberão um exemplo de comunicado à imprensa do WCP.

Em worldschildrenprize.org você encontra:

Folheto informativo sobre os direitos da criança em seu país, dicas sobre como convidar os jornalistas, perguntas para políticos e outras dicas. No site também há fotos para a imprensa, que os jornalistas podem baixar. Se houver várias escolas que desejam convidar os mesmos meios de comunicação, o ideal é realizar uma conferência de imprensa em conjunto. Um representante de cada escola pode estar na tribuna.





Adriel Frederick, Linnéa, Felix e Saga, da escola Snättringe em Huddinge, Suécia, entregaram o Globo de Cristal do WCP ao primeiro-ministro sueco Stefan Löfven como um sinal de que ele é o novo patrono do Prêmio das Crianças do Mundo.

– Fico muito orgulhoso e feliz de recebê-lo de vocês, disse o primeiro-ministro às crianças.



Phymean Noun, do Camboja, recebeu o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança 2015 por sua luta por crianças que vivem em lixões e seu direito à educação.

Somos patronos do Prêmio das Crianças do Mundo

– É com grande orgulho que eu, como primeiro-ministro da Suécia, aceito unir-me aos Amigos Adultos Honorários e patronos do Prêmio das Crianças do Mundo. Prometo assumir minha missão com grande entusiasmo e sempre estar com vocês em nossa luta por um mundo onde os direitos da criança são universalmente respeitados, diz o primeiro-ministro sueco Stefan Löfven aos milhões de crianças participantes do programa Prêmio das Crianças do Mundo, e continua:

– O Programa do Prêmio das Crianças do Mundo é baseado na tradição sueca da igualdade para todos, nos direitos da criança, na democracia e na construção da paz, valores muito necessários no mundo hoje.

Entre os patronos do WCP há cinco laureados com o Prêmio Nobel, as três lendas mundiais Nelson Mandela, Aung San Suu Kyi, da Birmânia e Xanana Gusmão, do Timor Leste. A Rainha Sílvia da Suécia foi a primeira patrona. Os líderes globais de The Elders Graça Machel e Desmond Tutu também são patronos.



Rainha Sílvia da Suécia



Desmond Tutu



Aung San Suu Kyi



Nelson Mandela



Graça Machel



Javier Stauring, dos EUA, recebeu o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo por sua luta por crianças que estão presas e, às vezes, condenadas à prisão perpétua. A Rainha Sílvia também entregou um buquê de flores a Abraham Trejo, que foi uma das crianças presas.

– Foi a primeira vez que alguém me deu flores, disse um Abraham feliz.



Somos muitos!

Uma animação mostrou todas as mais de 38 milhões de crianças que participaram do programa do WCP desde sua criação, em 2000.



Os cantores Loreen e Vusi Mahlasela, aqui com a laureada com o WCP em 2014, Malala, também são patronos do Prêmio das Crianças do Mundo.





Durante a canção final, "Um mundo de amigos", as crianças do júri foram acompanhadas no palco por crianças e jovens da Lilla Akademien, do Stockholms Estetiska Gymnasium e da banda sul-africana Uthando.

Celebramos os direitos da criança

A cerimônia anual do Prêmio das Crianças do Mundo é conduzida pelas crianças do júri no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia. Todos os heróis dos direitos da criança são homenageados e recebem prêmios em dinheiro para usar em seu trabalho pelas crianças. A Rainha Silvia da Suécia ajuda as crianças do júri a entregar os prêmios. Vocês podem fazer uma festa de encerramento depois, na qual exibem o vídeo da cerimônia do WCP e celebram os direitos da criança.



Kailash Satyarthi, da Índia, recebeu o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo por sua longa luta contra o trabalho infantil e escravidão. Payal, do Júri do WCP, está entre as crianças ajudadas por Kailash, e recebeu flores da Rainha Silvia.



A Rainha Silvia aplaude embaixadoras dos direitos da criança no Nepal, que foram homenageadas durante a cerimônia. Manchala, do Júri do WCP, é uma delas.

FOTOS: SOFIA MARCETIC



A Uthando, da África do Sul, se apresentou durante a cerimônia. A maioria dos membros da banda estuda na escola Chris Hani em Khayelitsha, um subúrbio da Cidade do Cabo onde há muita miséria, violência e abuso. O programa do WCP é realizado anualmente em sua escola, e os membros da banda também são embaixadores dos direitos da criança.



THE GLOBAL GOALS
For Sustainable Development



Meta 1: Erradicação da pobreza



Meta 2: Erradicação da fome



Meta 3: Saúde de qualidade



Meta 4: Educação de qualidade



Meta 5: Igualdade de gênero



Meta 6: Água limpa e saneamento



Meta 7: Energias renováveis



Meta 8: Empregos dignos e crescimento econômico



Meta 9: Inovação e infraestrutura



Meta 10: Redução das desigualdades



Meta 11: Cidades e comunidades sustentáveis



Meta 12: Consumo responsável



Meta 13: Combate às mudanças climáticas



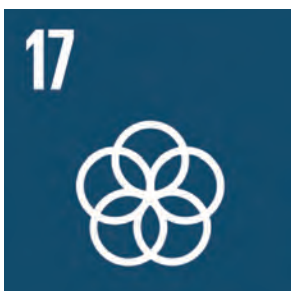
Meta 14: Vida debaixo da água



Meta 15: Vida sobre a terra



Meta 16: Paz e justiça



Meta 17: Parcerias pelas metas

METAS GLOBAIS POR UM MUNDO MELHOR

Os países do mundo concordaram em atingir três coisas superimportantes para crianças e adultos ao longo dos próximos 15 anos: **Erradicar a pobreza extrema. Reduzir as desigualdades e as injustiças no mundo. Resolver a crise climática.** Em todos os países, para todas as pessoas. Elas são chamadas metas globais da ONU para o desenvolvimento sustentável. Todas as metas são igualmente importantes e, se quisermos ter uma chance de atingi-las precisamos conhecê-las. Conte a todos sobre as metas globais e participe da luta por mudança!

www.worldschildrensprize.org

Thanks! Tack! Merci! ¡Gracias! Danke! Obrigado! CÁM ON

شكرية! :ကျေးဇူး! တၢ်ဘျးစး! စပိာ်း! സ്പاس! धन्यवाद! நன்றி! مهرباني!

HRM Queen Silvia • The Swedish Postcode Lottery
Queen Silvia's Care About the Children Foundation
The Survé Family Foundation • Giving Wings
eWork • Sparbanksstiftelsen Rekarne
Kronprinsessan Margaretas Minnesfond
Sida • Forum Syd

PUBLIC • Grupo Positivo • Art of Running • Futura Foundations
Helge Ax:son Johnsons Stiftelse • Altor • Good Motion • Microsoft
Google • Lumen Behavior • Twitch Health Capital • ForeSight Group
Företagarföreningen imariefred.nu • Dahlströmska Stiftelsen
PunaMusta • Semantix • Centas
Dick Kjellberg Montage • Gothenburg Film Studios • Elsas Skafferi • Gripsholms
Slottsförvaltning • Gripsholms Vårdshus • POM Gallery • ICA Torghallen • Skomakargården
Eric Ericsonhallen • Lilla Akademien • All Child Rights Donors



The Lottery for a better world